

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**A Influência da Internet na
Sociedade Portuguesa**

Nuno Miguel Martins Meireles

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia

Orientador

Professor Doutor Eduardo Vítor de Almeida Rodrigues

Dezembro, 2010

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**A Influência da Internet na
Sociedade Portuguesa**

Nuno Miguel Martins Meireles

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia

Orientador

Professor Doutor Eduardo Vítor de Almeida Rodrigues

Dezembro, 2010

Resumo

Esta investigação, dividida em 11 pontos e com duas partes distintas, pretende estudar de que maneira o uso da Internet influencia a vida da sociedade portuguesa.

Na introdução teórica, que conta com três pontos, apresentamos as metodologias aplicadas no desenvolvimento da investigação e os dados relativos ao universo de indivíduos inquiridos. Em seguida, abordamos autores como Lipovetsky, Durkheim, Bierstedt, Merton e finalmente Castells, sobre temas como o “Hipermodernismo”, o “Hiperindividualismo”, Anomia e “Sociedade em Rede”, que serão explanados e debatidos de forma a adequá-los ao assunto principal desta dissertação. Por fim, é feita uma retrospectiva da origem da Internet.

Na segunda parte apresentamos os resultados do trabalho de investigação, a partir do ponto 4, onde discutimos o uso da Internet pelos portugueses: quantos estão ligados, com que finalidade e com que mecanismos. No ponto 5 abordamos a relação da Igreja Católica com a rede, de forma perceber como esta faixa social de cariz conservador tira partido da rede através do exemplo do primeiro padre português a ter uma presença *on-line*. O ponto 6 é dedicado à problemática da socialização virtual e que tipos de relações existem, com destaque para as relações amorosas através do *case study* de dois casais. No ponto 7 abordamos os jogos on-line, com destaque para o fenómeno FarmVille. O ponto 8 é dedicado à relação da Comunicação Social com a Internet e no 9, a relação entre a classe política e a rede. O ponto 10 aborda a Governação Electrónica, a nível das administrações central e local. O último ponto, 11º, incide sobre a segurança em linha, salientando quais as ameaças provenientes do mundo virtual.

Palavras-chave: Internet; Globalização; Tecnologias de Informação e Comunicação; “Hiperindividualismo”; “Hipermodernismo”; Anomia; Redes Sociais; Sociabilização; Amizades e amores virtuais; Religião; Governação Electrónica; Política; Segurança.

Abstract

This research, divided into 11 points and two separate parts, is a study of how the use of the Internet influences life in Portuguese society.

In the theoretical introduction, which has three points, we present the methodologies applied in the development of research and data on the universe of respondents. Next, we discuss authors such as Lipovetsky, Durkheim, Bierstedt, Merton and finally Castells, on the topics such as "Hypermodernism", "Hyperindividualism" Anomie and "The Network Society", which are explained and discussed so as to adapt them to main subject of this dissertation. Finally, we present a retrospective on the origin of the Internet.

The second part presents the results of research work, starting at point 4, where we discuss the use of the Internet by the Portuguese: who is connected, with what purpose and which mechanisms are used. Section 5 deals with the relationship of the Catholic Church with the network, in order to understand how this socially conservative entity takes advantage of the network through the example of the first Portuguese priest to have an *on-line* presence. Section 6 is devoted to the problem of virtual socialization and what types of relationships exist, especially in romantic relationships through a *case study* of two couples. In Section 7 we deal with on-line games, especially the Farmville phenomenon. Section 8 is devoted to the relationship between Media and the Internet followed by 9, that looks into the political class use of the net. Section 10 deals with Electronic Government at the central and local levels. The last point, 11, focuses on on-line security, highlighting the threats that are present in virtual reality.

Keywords: Internet; Globalization; Information Technology and Communication; "Hyperindividualism"; "Hypermodernism": Anomie; Social Network; Sociability; Virtual friendships and loves; Religion; E-Government; Politic; Security.

Resumé

Cette recherche divisée en 11 points et séparée en deux parties, prétend 'étudier comment l'utilisation de l'Internet influence la vie de la société portugaise.

Dans l'introduction théorique, qui a trois points, nous présentons les méthodes appliquées pour le développement de la recherche et des données sur l'univers des répondants. Ensuite, on aborde les auteurs tels que Lipovetsky, Durkheim, Bierstedt, Merton et finalement Castells, sur des sujets tels que l'hypermodernisme, l'hyperindividualisme, l'anomie et la société en réseau, qui seront expliquées et débattues de forme à les adapter aux sujet principal de cette thèse. Pour terminer, on fait une rétrospective de l'origine de l'Internet.

Dans la deuxième partie on présente les résultats des travaux de la recherche, à partir du point 4, et discute l'utilisation de l'Internet par les Portugais : combien sont connectés, dans quel but et par quels mécanismes. Au 5eme point, on aborde la relation de l'Église Catholique et l'Internet dans le but de comprendre comment cette strate sociale conservatrice prend parti du réseau en prenant l'exemple du premier prêtre portugais à avoir une présence en ligne. Le point 6 est consacré au problème de la socialisation virtuelle et des genres de relations existants, en particulier pour les relations amoureuses, à travers l'étude de cas pour deux couples. Dans le point 7, on se penche sur les jeux en ligne, en particulier le phénomène Farmville. Le point 8 est consacré à la relation avec les médias et l'Internet et le point 9, à la relation entre la classe politique et le réseau. Le point 10 est consacré au gouvernement électronique au niveau des administrations centrale et locale. Le dernier point, 11, on s'adresse à la sécurité en ligne, mettant en évidence les menaces du monde virtuel.

Mots-clés: Internet; Globalisation; Technologies de l'information et de la Communication, "Hyperindividualisme"; "Hypermodernisme"; Anomie; Réseaux Sociaux; Sociabilisation; Les Amitiés et les Amours virtuels; La Religion; L'administration électronique; La politique; La sécurité.

Agradecimentos

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto pela oportunidade que me foi concebida.

Ao meu Orientador, Professor Doutor Eduardo Vítor Rodrigues, pelo apoio dado ao longo deste tempo.

Ao Director do Mestrado, Professor Doutor Carlos Gonçalves, pela oportunidade que me deu em frequentar o Mestrado em Sociologia e pelo apoio e dedicação demonstrada ao longo destes dois anos.

Aos todos meus Professores que ajudaram a enriquecer ainda mais a minha pessoa.

À Dra. Alice Ribeiro, responsável pelo Serviço de Apoio ao Estudante com Deficiência, pelo apoio e companheirismo que me deu

Aos meus colegas pelo facto de me terem recebido de braços abertos e pelo apoio que me deram nestes dois anos.

Aos meus familiares – pai, mãe e irmã – pela presença assídua que têm tido ao longo da minha vida e por tudo que têm feito por mim.

A todos os meus amigos verdadeiros pela força que me têm dado ao longo da minha caminhada que se dá pelo nome “vida”.

Ao Paulo Teixeira por se ter dedicado a fazer a revisão deste trabalho.

Índice

Introdução	1
1. Metodologias usadas na investigação	4
1.1. Universo em estudo no questionário	4
2. A influência da Internet nas pessoas	5
2.1. O “Hipermodernismo” de Lipovetsky	6
2.2. A “Hipermodernidade” cria uma sociedade anómica?	7
2.3. A “Sociedade em Rede” de Manuel Castells	9
2.4. Reflexão	11
3. A Internet e a sua história	12
4. O uso da Internet	13
4.1. Quantos portugueses estão ligados à Internet?	14
4.2. Com que finalidade usam a Internet?	16
4.3. De onde se acede e como se acede à Internet	19
5. A Religião e a Internet	22
5.1. Igreja Católica	22
5.2. A Igreja Católica portuguesa	24
5.3. O exemplo do Padre Júlio Grangeia	26
5.4. As outras religiões	28
6. Socialização On-line	29
6.1. Os diferentes tipos de relações de socialização	30
6.1.1. Relações Sociais	30
6.1.2. Relações Profissionais	31
6.1.3. Relações Pessoais	32
6.2. O caso de Hugo Miguel	36
6.3. Relações de amizade	38
6.4. Relações amorosas originárias na Internet – <i>Case Study</i>	39
6.5. Locais e ferramentas estimuladoras da socialização <i>on-line</i>	41
6.5.1. Salas de conversação <i>on-line</i> – <i>Chats</i>	41
6.5.2. Redes Sociais	43
a) Os “estranhos” casos ocorridos nas Redes Sociais	46

b) Que tipo de conversas se tem numa Rede Social?	50
7. A Internet, uma autêntica sala de jogos	50
7.1. A febre do FarmVille	52
7.1.1. Os números do FarmVille	53
8. A Comunicação Social e a Internet	54
8.1. As “novas oportunidades” da Comunicação Social	56
8.2. O futuro do jornalismo on-line	57
8.2.1. Os desafios e os constrangimentos a ultrapassar	58
9. A política e a Internet	60
10. Governação electrónica	70
10.1. Administração Central on-line – a evolução portuguesa	72
10.1.1. Infocid, o início de tudo	72
10.1.2. Simplificar com “Simplex”	73
10.1.3. Serviços disponibilizados via Internet	73
10.2. Administração Local <i>on-line</i>	78
11. Segurança na Internet	83
11.1. Ameaças virtuais mas bem reais	86
11.1.1. Um “Big Brother” chamado Internet	86
11.1.2. Google Street View, um poço de polémicas	90
11.2. Outras ameaças	91
Conclusão	95
Bibliografia	98
Anexos	

Índice de figuras

Fig. 1 – Percentagem de indivíduos por sexo.	5
Fig. 2 – Faixas etárias dos indivíduos.	5
Fig. 3 – Frequência de acesso à Internet por parte das pessoas.	13
Fig. 4 – Evolução da percentagem nos últimos 14 anos da população portuguesa que utiliza Internet.	15
Fig. 5 – Número de pessoas que dizem terem já visitado ou não sítios na Internet com conteúdos pornográficos.	18
Fig. 6 – Motivos apresentados para a visita a sítios na Internet com conteúdos pornográficos.	18
Fig. 7 – Número de pessoas que acedem à Internet nos diferentes espaços físicos.	19
Fig. 8 – Número de pessoas que acedem à Internet através das respectivas tecnologias.	19
Fig. 9 – Número de pessoas que considera ou não a Internet um vício.	20
Fig. 10 – Número de pessoas que viveria ou não sem Internet.	20
Fig. 11 – Número de pessoas que concorda ou não com a ideia: “O analfabeto do futuro é aquele que não sabe lidar com as TIC”.	21
Fig. 12 – Número de pessoas que concorda ou não com a ideia de que devem ser as entidades públicas a combater o analfabetismo derivado das TIC.	21
Fig. 13 – Número de pessoas que admitiu já ter visitado ou não sítios relacionados com a sua religião na Internet.	22
Fig. 14 – Número de pessoas que concordam ou não que a Internet é um bom meio para passar a palavra de Deus.	24
Fig. 15 – Sítio oficial da visita de Bento XVI a Portugal.	25
Fig. 16 – Sítio do Padre Júlio.	28
Fig. 17 – Número de pessoas que visitou ou não, páginas de outras crenças religiosas.	29
Fig. 18 – Número de pessoas que diz ser possível ou não apaixonar-se por alguém através da Internet.	34
Fig. 19 – Número de pessoas que diz ser possível ou não criar-se amizade por alguém que conheceu na Internet.	34
Fig. 20 – Número de indivíduos que têm ou não perfil numa Rede Social.	43
Fig. 21 – Percentagem de utilização das respectivas Redes Sociais em 2009.	43
Fig. 22 – Número de utilizadores que afirmaram usar as respectivas Redes Sociais.	44

Fig. 23 – Número de indivíduos que afirmam ou não jogar FarmVille.	53
Fig. 24 – Frequência com que o jogo é acedido pelos indivíduos.	53
Fig. 25 – Página principal do jornal Diário Económico.	55
Fig. 26 – Página do Valsousa TV.	56
Fig. 27 – Página principal do jornal <i>on-line</i> Diário Digital.	57
Fig. 28 – Vista das páginas na Internet dos principais partidos portugueses.	61
Fig. 29 – Número de pessoas que visitaram ou não sítios partidários na Internet.	62
Fig. 30 – Vista da página na Internet da campanha de José Sócrates em 2009.	63
Fig. 31 – Vista da página na Internet da campanha autárquica de Fátima Felgueiras em 2009.	63
Fig. 32 – Vista da página na Internet da campanha de Manuela Ferreira Leite em 2009.	67
Fig. 33 – Vista da página “Cortar na despesa”.	70
Fig. 34 – Vista da página “e-Agenda”.	74
Fig. 35 – Número de utilizadores ou não utilizadores das aplicações do Governo Electrónico português.	75
Fig. 36 – Número de utilizadores que concorda ou não com a política do governo em disponibilizar os seus serviços na Internet.	75
Fig. 37 – Número de utilizadores que concorda ou não que as autarquias devam disponibilizar os seus serviços na Internet.	83
Fig. 36 – Número de utilizadores que se sentem seguros ou não enquanto utilizam a Internet.	94

Índice de tabelas

Tabela 1 – Evolução desde o ano 2002 até ao ano de 2009 da percentagem de indivíduos por género, que utilizam computador e Internet.	15
Tabela 2 – Evolução desde o ano 2002 até ao ano de 2009 da percentagem indivíduos por grupo etário que utilizam computador e Internet.	16
Tabela 3 – Motivo para a utilização da Internet por parte dos inquiridos.	17
Tabela 4 – Motivo dado por parte dos inquiridos para justificar o não acreditar nas relações amorosas com origem na Internet.	34
Tabela 5 – Motivo dado por parte dos inquiridos para justificar o “acreditar” nas relações amorosas com origem na Internet.	35
Tabela 6 – Como reagiriam os inquiridos perante a situação de um(a) filho(a) ter um(a) namorado(a) originário(a) da Internet.	35
Tabela 7 – Motivação para se usar uma Rede Social.	45
Tabela 8 – Circunstâncias em que foi feita a visita aos sítios partidários.	62
Tabela 9 – Motivos para estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.	76
Tabela 10 – Outros motivos para estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.	76
Tabela 11 – Motivos para não estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.	77
Tabela 12 – Outros motivos para não estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.	78

Introdução

Quando se efectuou a ligação entre um computador e um telefone, por volta da década de 60 do século XX, se calhar não se esperaria que dessa relação originasse um “casamento” tão fortuito. A verdade é que este pequeno passo veio transformar por completo a nossa sociedade. Essa ligação depressa se proliferou pelas cidades e países de todo o planeta, dando origem a uma rede global que aproximou ainda mais os povos.

Ao longo dos últimos 30 anos, com especial ênfase para o período que vai desde a década de 90 do século passado até aos dias de hoje, o desenvolvimento da sociedade está, em muito, subjacente ao desenvolvimento que as Novas Tecnologias, onde se insere a Internet, também têm tido.

Focalizando-nos apenas na Internet e na influência que esta tem ganho na nossa sociedade, tema do nosso trabalho de investigação, podemos afirmar que as pessoas estão cada vez mais “ligadas” ao mundo e a tudo o que se passa nele.

Com a Internet, e à distância de um simples clique, cada pessoa tem ao seu dispor um sem número de serviços e aplicações que até há bem poucos anos atrás eram impensáveis e que fosse possível aceder-lhes através de um computador ou mesmo desde um simples telemóvel. Certo é que, ao aceder à Internet, cada indivíduo pode ver a sua televisão, ver a última película cinematográfica, ouvir a sua rádio preferida, comprar o que quer que seja, ter acesso a todas as notícias que vão surgindo de todo o mundo, conversar com e ganhar novos amigos, jogar todo o tipo de jogo imaginável, entre muitas outras actividades. Tudo isto sem ter que se dar um passo para se conseguir o que se deseja: basta ter um dispositivo ligado a esta rede global.

O que pretendemos com este trabalho, é saber de que forma os portugueses se relacionam com a Internet e até que ponto esta os tem influenciado no seu dia-a-dia. Também queremos saber para que fins os portugueses utilizam a Internet e com que frequência o fazem.

Apesar de todas as oportunidades que a Internet nos oferece, existem pessoas que mantêm algum cepticismo em relação a esta tecnologia. Um dos pontos que os críticos apontam para justificar a sua reprovação ao convulsivo uso da Internet, prende-se com o facto de defenderem a ideia de que, de uma forma generalizada, as Tecnologias de Informação fazem com que as pessoas deixem de socializar, tornando-se cada vez mais individualistas. Mas será mesmo assim? Será que a necessidade de se socializar desaparece mesmo? Se assim

é, como se explica o sucesso de aplicações que permitem a socialização via Internet, como é o caso das Redes Sociais ou até mesmo as salas de conversação *on-line*? Ainda em relação à socialização, será possível criar laços de amizade ou até mesmo relações amorosas com pessoas que se conhece através da Internet? Estas são algumas das questões que pretendemos dar resposta com este trabalho de investigação.

Atendendo que a Internet é um poço de oportunidades, mas também de cepticismo, vamos tentar esclarecer como é que instituições um pouco mais conservadoras, como é o caso da Igreja Católica, têm reagido e tirado proveito das potencialidades que a Internet fornece. Será que a Internet poderá aproximar, de novo, os fiéis que a Igreja tem perdido ao longo dos anos? Como é que a Igreja se pode adaptar às novas realidades que a Internet trás à sociedade?

Outro dos exemplos organizativos que tem muito a ganhar com a utilização da Rede Global é sem dúvida a classe política. Vamos tentar verificar como é que os partidos políticos portugueses têm maximizado as vantagens da Internet e até que ponto têm “aprendido” com os exemplos que vêm do estrangeiro.

Os serviços disponibilizados em linha (*on-line*) por parte do governo têm feito a diferenciação entre o nosso país e outros países – em especial os nossos parceiros europeus – onde a governação electrónica nacional tem sido idolatrada e tida como exemplos para todos. Mas aqui surgem algumas dúvidas: será que esta aposta do governo é reconhecida por parte de a quem mais interessa, ou seja, os cidadãos nacionais? No que toca às autarquias, será que o destino é seguirem os passos do governo central e apostarem na disponibilização dos seus serviços na Internet?

Finalmente teremos que abordar as questões da segurança em linha. De facto, tal como em qualquer sector da sociedade, a segurança na Internet é um dos temas que mais problemas têm originado aos governantes mundiais e até mesmo ao simples cidadão mundial. Apesar de todas as vantagens a ela reconhecidas, a Internet trás para a praça pública novas ameaças. Ameaças estas que podem surgir do nada e de repente causar danos irreversíveis a um país, a uma sociedade ou até mesmo a um simples indivíduo. Cada vez se fala mais em ciberterrorismo e na necessidade de cada Estado se preparar convenientemente para essa ameaça que, tal como já afirmamos, poderá ocorrer desde qualquer canto do planeta. Há quem diga já, como é o caso de Michael Hayden, que depois da terra, do ar, do mar e do espaço, o mundo virtual será o 5º campo de batalha mundial. Em termos individuais, as questões de segurança centram-se nos dados que cada internauta deixa na Internet e que poderão ser utilizados por terceiros para diversos fins, como é o caso da fraude financeira. Há também

outras ameaças que originaram novos termos: é caso do *cyberbullying* que começa a ser uma realidade cada vez mais frequente, principalmente entre os adolescentes.

Enfim, temos em mão um vasto leque de assuntos para serem analisados de forma cuidada para se poder tirar as melhores conclusões possíveis e assim responder às expectativas que o tema em estudo possa criar.

De seguida vamos apresentar de forma sucinta as metodologias utilizadas durante a investigação, bem como os dados relativos ao universo de indivíduos abrangidos pelo nosso estudo.

1. Metodologias usadas na investigação

Para a elaboração deste trabalho de investigação, em termos de metodologias recorreremos ao inquérito, à entrevista, à observação (não participativa) e por fim à pesquisa bibliográfica e a análise documental. Mas detalhemos quais os objectivos pretendidos com o uso destas metodologias.

O questionário foi usado principalmente para perceber como é que os portugueses “olham” para a Internet e se têm noção de todas as nuances oriundas desta rede global de informação.

A entrevista foi aplicada em três vertentes: a primeira para entendermos como é que o poder político (central e autárquico) tem trabalhado tanto na tentativa de aproximar os cidadãos às Tecnologias de Informação, mas também na disponibilização de serviços na Internet; depois quisemos perceber o que leva um padre a apostar na utilização da Internet como meio de transmitir a mensagem divina, tornando-se mais tarde uma das referências para a Igreja (e não só) no uso da Internet na evangelização; finalmente, pretendemos pegar em dois casos reais, cujas relações amorosas tiverem o seu início no mundo virtual e ficarmos a saber quais as motivações (digamos assim) que levaram a essa relação e ao assumir da mesma.

A observação (não participativa) foi feita com o intento de percebermos o que as pessoas procuram nos locais de socialização virtuais: salas de chat, fóruns e redes sociais. Para isso, passamos algum tempo nestes “locais” a observar as actividades das pessoas que os frequentam.

Finalmente, através da pesquisa bibliográfica e análise documental, pretendemos explicar conceitos de autores consagrados, ter acesso a dados estatísticos e a informações relevantes sobre a problemática em questão, de forma que nos permita entender alguns factores inerentes ao assunto em estudo.

1.1. Universo em estudo no questionário

O questionário efectuado obteve cerca de 1411 respostas válidas, sendo que a sua maioria – 1346 – foram respondidos virtualmente e os restantes em papel (entregues pessoalmente).

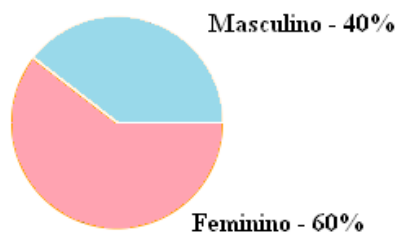


Fig. 1 – Percentagem de indivíduos por sexo.

No que às diz respeito faixas etárias, podemos ver no gráfico da figura 2 que a grande maioria dos indivíduos que responderam ao questionário tem entre 20 e os 39 anos, sendo que a maior fatia é a do intervalo 20 até aos 29 anos com 691 pessoas, o que equivale a cerca de 49% dos inquiridos.

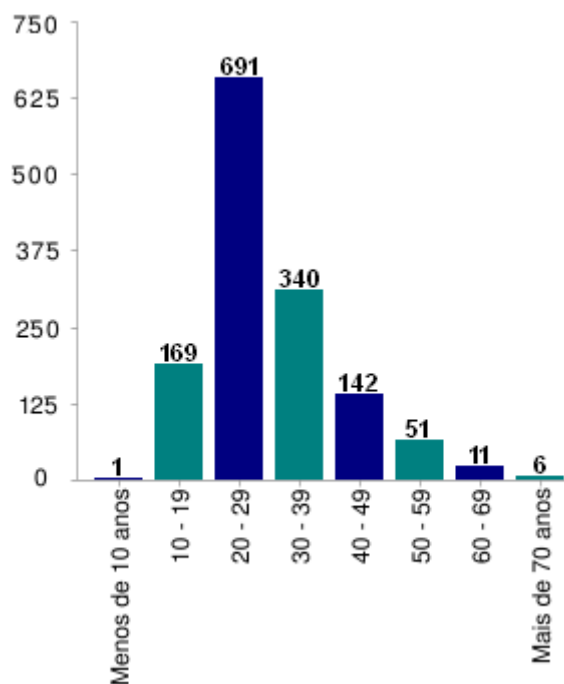


Fig. 2 – Faixas etárias dos indivíduos.

2. A influência da Internet nas pessoas

Há estudos, e opiniões de senso comum, que defendem que as Novas Tecnologias, nomeadamente a Internet, isolam as pessoas da sociedade em que está inserida. Será mesmo assim? Será que as pessoas afastam-se mesmo, principalmente do seu seio familiar? Ou será

que a necessidade que um indivíduo tem de se sociabilizar com outras pessoas apenas mudou o figurino e estas últimas usam outras formas de comunicar, tendo como limite territorial o mundo inteiro (reflexo da globalização) e não o local de trabalho, a sua rua, a sua família?

Na abordagem teórica que se segue pretende-se decifrar o que realmente acontece, apoiado nas teorias de Lipovetsky, Durkheim, Merton e Castells, concluindo com uma pequena reflexão sobre o tema em questão.

2.1. O “Hipermodernismo” de Lipovetsky

Com o surgir da época do modernismo – meados do século XX – assistiu-se ao aparecimento do individualismo por parte da sociedade. Esse individualismo significou a separação das pessoas de crenças, fossem elas políticas ou religiosas, passando cada um a tomar as suas próprias decisões sem ser influenciado por outros: ter mais liberdade no consumo, no prazer, na liberdade de voto – democracia – entre outras.

Com o passar do tempo, tal poder de decisão foi transformando de forma radical as atitudes das pessoas. Para muitos, essa transformação foi “baptizada” como a época do “pós-moderno”¹; Lipovetsky diz que essa época nunca existiu. Segundo ele, o que se assistiu e se assiste não é mais que uma fase nova do “modernismo” à qual ele dá o nome de “hipermodernismo”, conceito que traduz a radicalização do individualismo. «Existem pelo menos duas grandes razões para aceitarmos essa ideia de que não estamos numa sociedade pós-moderna, mas numa outra modernidade, ou mais exactamente numa hipermodernidade. A primeira é que os princípios fundamentais constitutivos da modernidade – a valorização do indivíduo e da democracia em primeiro lugar, a valorização do mercado num segundo plano e em terceiro a valorização da tecnologia e ciência – não foram substituídos, apenas radicalizados», ou seja, «a modernidade passou para uma velocidade superior em que tudo hoje parece ser levado ao excesso: são os “hipermercados”, o “hiperterrorismo”, as “hiperpotências”, o “hipertexto”, “hiperclasses”, enfim, o “hipercapitalismo”» [Lipovetsky [Em linha], 2004]. Não há mais limites para a tomada de decisão, cada indivíduo tem a capacidade de decidir o que quer e quando quer, pois está tudo ali ao alcance de todos e de forma aberta.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) vieram acelerar ainda mais a individualização das pessoas. O uso de televisores, computadores pessoais, os telemóveis, a

¹ Que significava o fim do “modernismo”.

Internet, resultou com que o uso do tempo por parte das pessoas passasse a ser diferente; cada indivíduo passou a limitar o seu espaço aos seus aparelhos, dispersando-se dos restantes, incluindo a própria família. Se antes havia apenas um telefone e um televisor por cada lar, agora cada agregado familiar tem o seu próprio aparelho. Desta forma dá-se origem ao “hiperindividualista” [Lipovetsky [Em linha], 2004].

Mas o que é ser “hiperindividualista”? É ser mais responsável por si próprio e consequentemente pelas suas decisões. Só que nem tudo é bom nesse “hiperindividualista”: a protecção colectiva, por parte das instituições, é menor, colocando o indivíduo entregue a si próprio, tendo este que encontrar em si as soluções para os problemas e até mesmo auto-inventando-se. Esta situação fragiliza o indivíduo de tal maneira que fica desesperado e sem saber como solucionar os problemas que se vão apresentando. Como consequências temos o aumento de suicídios, o aumento dos casos de depressão, de ansiedade, do consumo excessivo de medicamentos. Esse “hiperindividualista” faz com que o tempo exerça uma pressão maior sobre o indivíduo, ora no trabalho, ora na vida privada; daí resultam conflitos relacionais que provocam, por exemplo, o divórcio. A verdade é que são cada vez maiores as dificuldades em lidar com os problemas dos outros que nos rodeiam. Outro ponto-chave que nos dá uma ideia dessas consequências, é o da falta de capacidade que o indivíduo tem de comunicar com o próximo. [Lipovetsky [Em linha], 2004]

2.2. A “Hipermodernidade” cria uma sociedade anómica?

O conceito anomia², significa: ausência, falta, privação, inexistência de leis ou normas de conduta. Foi precisamente com esse entendimento que Durkheim aplicou pela primeira vez o termo para explicar – num trabalho sobre a divisão do trabalho social – as atitudes que ocorriam na sociedade. Mas não foi só Durkheim a fazer abordagens diferenciadas do conceito, depois dele houve vários autores a fazerem tais abordagens. Um desses exemplos é Robert Bierstedt³ que afirma que o termo “anomia” é utilizado com três significados diferentes: 1) desorganização pessoal do tipo que resulta num indivíduo desorientado ou fora da lei, com reduzida vinculação à rigidez da estrutura social ou à natureza de suas normas; 2) conflito de normas, o que resulta em situações sociais que acarretam para o indivíduo dificuldades nos seus esforços para se conformar com as exigências contraditórias; 3) ausência de norma, ou seja, situação social que, nos seus casos limítrofes, não contém

² Do grego *a + nonos*.

³ Sociólogo e professor americano que dedicou a sua vida académica à Sociologia e ao Direito Constitucional.

normas; e, conseqüentemente, o contrário de sociedade, como a anarquia é o contrário de governo [Neto [Em linha], 2008].

Uma visão diferente da de Durkheim, sobre anomia, é a de Robert K. Merton que em 1938 escreveu um pequeno artigo de dez páginas mas que ficou famoso por estabelecer os fundamentos gerais da teoria anômica. Posteriormente, Merton reviu e modificou esse artigo e publicou a tal revisão na sua obra, que aborda as teorias e estruturas da sociedade.

Para Merton, a anomia da sociedade ocorre pelo facto de a mesma ter metas culturais que todos os indivíduos pretendem alcançar com os meios e recursos institucionalizados pela sociedade. Em tal situação, originam certas normas de comportamento onde em cada prato da balança estão, de um lado, as metas que se pretendem atingir e do outro, os meios disponibilizados para os atingir. É neste desequilíbrio entre estes dois pratos da balança que se dá a divisão originária da anomia social, pois não existem recursos suficientes e não estão ao alcance de toda a gente para atingir as metas a que se propõem. Assim, só muito poucos conseguem atingir os seus objectivos, apesar de todos serem insistentemente estimulados para o mesmo efeito. Um dos exemplos dado por Merton para ilustrar os objectivos dos indivíduos, é um misto que inclui fortuna, poder, prestígio e popularidade.

É este desequilíbrio inerente à falta de recursos para todos atingirem o objectivo atrás mencionado que provoca o desvio – seja ele individual ou colectivo – da sociedade e originando a busca de outros meios para se atingir a satisfação pessoal, mesmo que esses meios vão em contra aos interesses sociais.

Neste prisma, Merton identificou cinco tipos de comportamentos dos indivíduos e que os desvia da sociedade. São eles: 1) o comportamento conformista, 2) o “inovacionista”, 3) o ritualista, 4) o de evasão, e, 5) o de rebelião. Falaremos de forma breve em que consiste cada um destes cinco tipos de comportamento, posteriormente com maior ênfase dado aos tipos que se enquadram com o nosso tema de estudo desta dissertação.

O comportamento conformista consiste na procura de atingir as metas sociais com os meios institucionalizados. Com este comportamento, os indivíduos agem de acordo com as metas previamente estabelecidas pela sociedade, respeitando todas as normas e regras impostas pela mesma; no comportamento “inovacionista” o indivíduo apesar de estar de acordo com as metas sociais, procura colmatar a falta de meios para atingir essas metas com a procura de outros mecanismos que permitam atingir os mesmos fins, ou seja, apoia-se na inovação de novos meios; o indivíduo com um comportamento ritualista age de forma contrária ao “inovacionista”, ou seja, ao aperceber-se de que as metas a atingir são demasiado altas para si e que os meios que dispõe são insuficientes para o ajudar a atingir tais metas,

pura e simplesmente abdica das metas e agarra-se aos poucos meios que dispõe transformando-os em fins a atingir. Isso leva a uma troca de valores, onde as metas perdem importância para o indivíduo que relega nos meios e mecanismos a maior importância ganhando a forma de “realização pessoal”. Outro comportamento é o da evasão, onde os hippies são o melhor exemplo deste comportamento, caracterizado pelo abandono, por parte dos indivíduos, das metas e meios sociais. Atendendo ao facto de que as metas a atingir serem muito altas e os meios para as atingir escassos, o indivíduo opta por fugir da sociedade renunciando a tudo o que ela oferece ou determina. Em suma, podemos dizer que quem se identifica com este comportamento de evasão está na sociedade mas não lhe pertence, vive no meio social mas não adere a ele; por fim, temos o comportamento de rebelião que é semelhante ao de evasão, sendo adverso às metas e aos meios sociais, mas que apesar disso ainda é capaz de propor as suas próprias metas e institucionalizar novos meios para as atingir que, segundo os adeptos deste comportamento, são metas e meios mais simples e ao alcance de todos. Cria-se assim uma nova estrutura social.

Pegando no “hiperindividualismo” de Lipovetsky que abordamos no ponto anterior, podemos dizer que os “hiperindividualistas”, de certa forma, são indivíduos que vivem em anomia. Pois com a liberdade adquirida na era moderna, e em especial destaque na “hipermodernidade” de Lipovetsky, o indivíduo passa a ignorar as regras ou normas comportamentais que até então eram impostas pela sociedade e pelas suas organizações como, por exemplo, as da Igreja ou do Governo.

O exemplo do divórcio apresentado anteriormente neste trabalho, é um dos casos onde o significado “conflito de normas” se aplica na perfeição. Ao ser demasiado individualista a pessoa tem dificuldades em lidar com as normas impostas pelo matrimónio e pela/o companheira/o com quem assumiu um compromisso.

Os desvios às normas (ou leis) por parte da sociedade existirão sempre, isto por mais eficientes e bem estruturadas que sejam as mesmas. As tentativas para tentar entender os motivos desses desvios têm sido motivo de trabalho para vários sociólogos ao longo do tempo. O que mudou foi a forma como são feitos esses desvios e as suas consequências.

2.3. A “Sociedade em Rede” de Manuel Castells

Apesar de haver quem defenda que a Internet individualiza e isola as pessoas do seu mundo social, há quem tenha uma opinião diferente, e Castells é um desses exemplos.

O aparecimento das TIC veio contribuir para uma mudança social drástica em poucos anos. Além disso, essas mesmas TIC foram um dos instrumentos base para a globalização, criando assim a chamada “Sociedade em Rede” que Castells diz existir.

Com uma sociedade ligada em rede, a interação entre pessoas não se limita ao seu espaço geográfico, aumentando esse limite para uma escala planetária. É através desta ligação que as pessoas se vêm interagindo entre si. A partilha é de tal maneira enquadrada e formal que dá origem a relações nos campos do trabalho, consumo, cultura, entre outros. Se as TIC – com maior ênfase para a Internet – não existissem, essa partilha não seria tão fácil de se concretizar [Meireles, 2009].

Como já referimos, um dos grandes motores propulsores da nossa sociedade é a Internet. Castells define esta rede mundial como uma «extraordinária aventura humana. Mostra a capacidade das pessoas para transcender as regras institucionais, superar as barreiras burocráticas e subverter os valores estabelecidos no processo de criação de um novo mundo» [Castells, 2007]. Afirma ainda que «a Internet permite a coordenação de tarefas e a gestão da complexidade, o que leva a uma combinação de flexibilidade e eficácia na elaboração da tarefa, na tomada de decisões coordenadas e execução descentralizada, de expressão individualizada e comunicação global e horizontal» [Castells, 2007] e [Meireles, 2009].

Um dos principais motivos de estudos realizados sobre a Internet, prende-se com o facto de esta fazer com que as pessoas se isolem socialmente, muito por culpa das interações sociais através das comunidades virtuais como o *Hi5* ou *MySpace*. Sobre este ponto, Castells é claro ao afirmar que o debate existente sobre esta matéria é «bastante estéril, padece de três grandes limitações. Em primeiro lugar, na sua origem, que é anterior à difusão generalizada da Internet. Em segundo lugar, na ausência de um substancial corpo de investigação empírica sobre os usos reais da Internet. Em terceiro lugar, gira em torno de um conjunto de perguntas bastante simplistas e, em última instância, enganosas, tal como a oposição ideológica entre a harmoniosa comunidade local de um passado idealizado e a alienada existência do solitário internauta» [Castells, 2007]. Afirmando ainda que o que se está a viver é um modelo de relações sociais caracterizado por um “individualismo em rede”. Para Castells, neste individualismo é possível a uma pessoa criar «as suas redes, *on-line* e *off-line*, sobre a base dos seus interesses, valores, afinidades e projectos. Devido à flexibilidade e ao poder de comunicação da Internet, a interação social *on-line* desempenha um papel cada vez mais importante na organização social no seu conjunto. Quando se estabilizam na prática, as redes *on-line* podem construir comunidades, ou seja, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes em unir e mobilizar». Este

individualismo é ainda visto por Castells como um triunfo do indivíduo, apesar de não ser claro o que este pode acarretar para a nossa sociedade. «A não ser que consideremos que na realidade os indivíduos estão a reconstruir o modelo de interacção social com a ajuda das novas possibilidades tecnológicas para criar um novo modelo de sociedade: a sociedade em rede» [Castells, 2007] e [Meireles, 2009].

Ainda no que às “comunidades virtuais” diz respeito, as pessoas que nelas se inserem «organizam-se à volta de objectivos e interesses comuns aos seus membros, gerando formas de sociabilidade nem sempre coincidentes com as do espaço físico, embora, como lembra Rheingold, as pessoas das comunidades virtuais façam tudo o que as pessoas na vida real fazem, “só que estão desprendidas dos seus corpos”» [Ribeiro, p:45, 2003]. «Nas comunidades virtuais escrevem-se palavras num ecrã para contar anedotas, envolver-se em dialécticas intelectuais, negociar, trocar conhecimentos e apoio emocional, fazer planos e brainstorming, contar mexericos, apaixonar-se, fazer amigos e perdê-los, jogar, namorar, criar algumas obras-primas e produzir muita conversa fiada» [Rheingold, p:16,17, 1996].

Podemos dizer que a Internet é algo peculiar, com características próprias e com significados únicos dependendo dos contextos em que é usada. Cria dinâmicas sociais novas, como é o caso do teletrabalho [Meireles, 2009].

2.4. Reflexão

O ser humano sempre teve necessidade de interagir com outros indivíduos, ou seja, de socializar. Como já vimos, a ideia de que a Internet é um elemento isolador das pessoas é uma percepção forte e que tem ganho cada vez adeptos; por outro lado, há quem defenda que a Internet aumenta a capacidade de interacção entre pessoas.

Uma coisa é certa: as TIC vieram mudar a socialização das pessoas. O indivíduo pode-se afastar de quem o rodeia mas não deixa de procurar outras com quem possa contactar.

Em termos de vantagens no uso da Internet na socialização, comparando com o dito “mundo real”, podemos retirar o facto de uma pessoa no “mundo virtual” ter o poder de escolher com quem quer criar uma relação comunicativa; ao contrário no “mundo real” o individuo está limitado nas escolhas das pessoas com quem tem de comunicar. Se a relação com um outro individuo – por exemplo no local de trabalho – não for das melhores não há maneiras de alterar tal situação, tem que se aguentar; enquanto que no “mundo virtual”, apesar de se ter acesso a um maior número de indivíduos com que se pode comunicar, pode-

se escolher com quem e quando se quer comunicar. Se por ventura as coisas entrarem no caminho do conflito, basta “desligar-se” da outra pessoa e seguir em frente.

3. A Internet e a sua história

Na década de 60 do século XX foi ligado pela primeira vez um computador a uma linha telefónica. Apesar de inicialmente ter sido projectada para ser utilizada com fins militares pelos Estados Unidos da América – com o objectivo de comunicar de forma diferente e rápida entre as diversas bases e postos de comando – a rede cujo nome dado foi “Arpanet”⁴, depressa ultrapassou as fronteiras militares para a sociedade civil e aí apareceu a “Internet”.

Este casamento entre a informática e as telecomunicações, bem como a sua separação do universo militar, fez com que as grandes cidades fossem “abertas” pelas redes telemáticas. Anos antes do início do século XXI estas redes deram origem ao conceito “auto-estradas de informação” [Ribeiro, 2003].

Essas redes passaram a estar assentes num protocolo estandardizado de comunicação – TCP/IP – protocolo este que era usado de forma regular nas universidades americanas, mas que devido a alguma complexidade inerente não tinha ido além do uso para a troca de correio electrónico – ferramenta criada na década de 70.

O primeiro grande *boom* dessas redes telemáticas deu-se quando um senhor chamado Tim Berners Lee, “decide” enriquecer a rede com novas capacidades – como os conteúdos gráficos e de navegação dinâmica – que vêm dar origem à famosa *World Wide Web* e que, em cerca de 30 anos, revolucionou o nosso mundo. Esta é uma história de enorme sucesso mas que está longe de estar terminada, pois todos os dias é reescrita, reinventada e tem não só novos caminhos como também protagonistas novos, crescendo a cada segundo que passa nas nossas vidas.

É extremamente clara a certeza que temos que a Internet mudou completamente o mundo em que vivemos, seja na forma de comunicação entre pessoas, na cultura, na economia, nas relações sociais, na forma de governar um país, no lazer ou no ensino. Cada vez mais as pessoas não resistem em ter o seu espaço nesse mundo chamado “virtual”.

⁴ Do inglês de Advanced Research Projects Agency Network (ARPANet) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América [Wikipedia].

4. O uso da Internet

Do total das respostas obtidas em papel, apenas 5 pessoas disseram que não usavam Internet. Os motivos observados para tão poucas respostas, pode-se explicar com a aposta governamental no Plano Tecnológico. Este plano – de que falaremos com alguma frequência ao longo deste trabalho – veio inflacionar o número de internautas portugueses. Ao longo da recolha das respostas, foi muito usual ouvir dizer: «tenho computador graças às Novas Oportunidades» ou «uso o computador do meu filho que “tirou” na E-escola», também há muita gente que usa o famoso portátil Magalhães para aceder à Internet.

Dentro das pessoas que disseram que não usavam a Internet, 3 assumiram que não sabiam lidar com o computador, uma disse que não tinha tempo para navegar na Internet e uma outra disse que não tinha acesso à Rede Global.

No que toca aos que afirmaram que usavam Internet, a figura 3 mostra-nos a frequência com que acedem a ela.

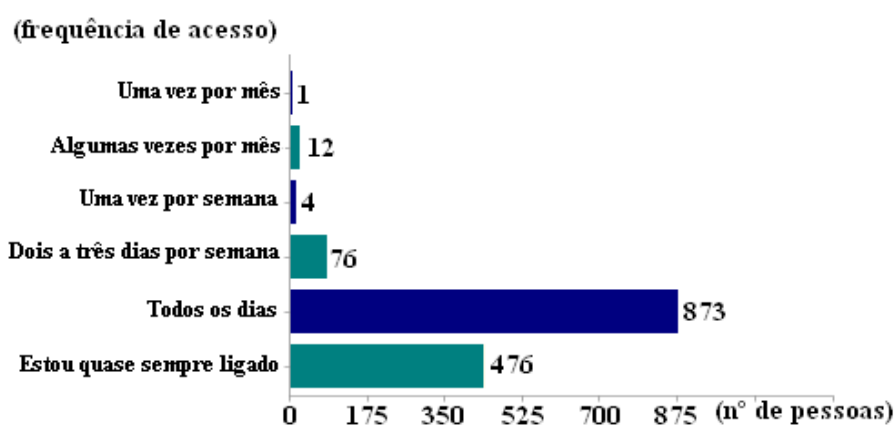


Fig. 3 – Frequência de acesso à Internet por parte das pessoas.

Os dados recolhidos vão ao encontro do que um estudo efectuado pela consultora SurveyShack em Abril de 2009, que comparou Portugal com outros 7 países europeus, e que coloca o nosso país no topo da tabela como sendo aquele onde os cidadãos passam mais tempo ligados à Internet. Segundo esse estudo, cerca de 76% dos portugueses está permanentemente *on-line*, sendo que 22% está ligado entre uma a duas horas por dia, 19% está mais de 5 horas por dia e cerca de 14% diz que se liga à Internet mais de duas vezes por dia (*in TVNet [Em linha], 2009*).

Mais recente que o estudo anterior, o estudo Netpanel da Marktest referente ao ano civil de 2009, e divulgado no início de 2010, refere que os portugueses passam diariamente em média cerca de 15 minutos ligados à Internet [*in* Sapo Tek [Em linha], 2010].

4.1. Quantos portugueses estão ligados à Internet?

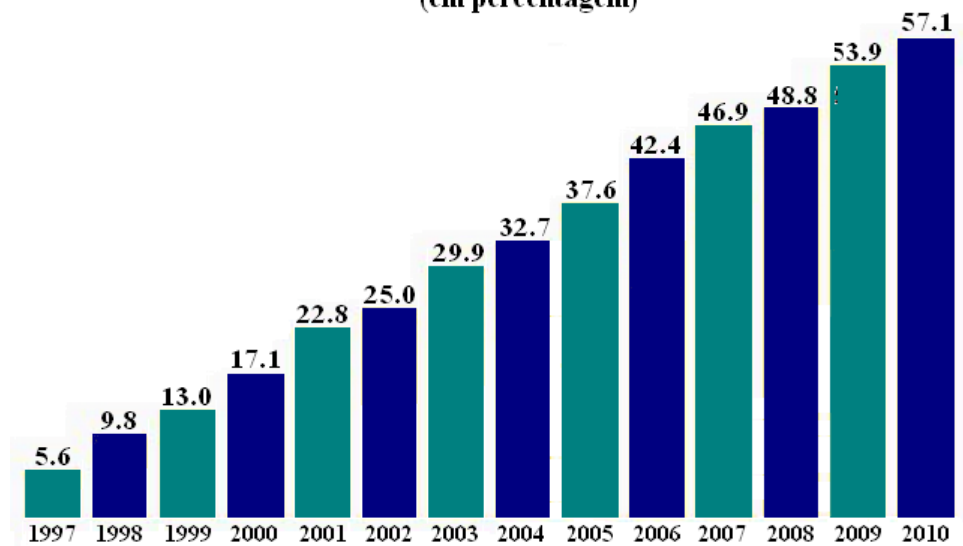
As estimativas que indicam o valor de quantos portugueses têm acesso à Internet não nos dão um número exacto e concreto. As variações dos valores apresentados – nos diversos documentos – diferem um pouco uns dos outros. Por exemplo: segundo dados da Comissão Europeia cerca de metade, ou seja, 50% dos portugueses, tinha acesso à Internet em 2009 mas mesmo assim, abaixo da média europeia que se situava nos 56%. Por outro lado, um estudo realizado pelo CIES⁵, que pretendeu estudar o impacto da Internet na sociedade portuguesa, aponta que só cerca de 44,6% da população nacional tinha acesso à Rede Global em 2009. Apesar deste número, o estudo do CIES mostra que em relação a 2008 há uma progressão, pois o valor era de apenas 38,8% [*in* Sapo Tek [Em linha], 2009] e [*in* Diário de Notícias [Em linha], 2010].

Por agregados domésticos privados, segundo dados referentes a 2009 do Instituto Nacional de Estatística e divulgados pelo portal Pordata, dos cerca de 58% de agregados domésticos que tinham computador em casa, 47,9% tinham acesso à Internet em casa e onde 46,25% dos acessos eram já feitos em Banda Larga.

Por fim, e de acordo com o mais recente Bareme Internet – estudo da Marktest –, o número de cibernautas portugueses é actualmente de 4.7 milhões. O que, comparado com os últimos 14 anos, representa um aumento de quase dez vezes mais portugueses ligados à Internet; em 1997 as estimativas eram de que apenas 5.6% dos portugueses acediam à Rede Global, enquanto os valores actuais estimam que sejam 57.1%, o que corresponde a um crescimento de 920 pontos percentuais – representando uma taxa de evolução em média de 20.8% por ano. É natural que à medida que aumentam o número de utilizadores de Internet, a taxa de evolução diminua, sendo que a taxa entre 2009 e 2010 tenha registado uma evolução de 5.9%.

⁵ Centro de Investigação e Estudos de Sociologia,

**Residentes no Continente com 15 e mais anos que costumam utilizar a Internet
(em percentagem)**



Fonte: Markttest, Bareme Internet

Fig. 4 – Evolução da percentagem nos últimos 14 anos da população portuguesa que utiliza Internet [Em linha].

Dos números apresentados nesse Bareme Internet destaque ainda para os números de utilizadores por ocupação, onde 99.7% dos estudantes não dispensam a Internet, enquanto apenas 14.1% das domésticas navega pela Rede Global.

Outros dos dados interessantes retirados do portal Pordata, é a percentagem e a respectiva evolução do número de utilizadores de Internet por género entre 2002 e 2009.

Ano	Utilização de computador		Utilização de Internet	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
2002	32,6%	22,4%	24,2%	14,8%
2003	39,4%	33,2%	28,6%	22,9%
2004	40,4%	34,1%	32,0%	26,0%
2005	43,2%	36,2%	35,5%	28,8%
2006	48,0%	39,1%	39,2%	32,2%
2007	50,1%	41,7%	43,8%	35,7%
2008	50,1%	41,9%	48,5%	37,6%
2009	56,4%	46,6%	51,0%	42,2%

Fonte de Dados: INE Módulo do Inquérito ao Emprego (em 2001 e 2002); Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (a partir de 2003)

Fonte: PORDATA

Última actualização: 20100429

Tabela 1 – Evolução desde o ano 2002 até ao ano de 2009 da percentagem de indivíduos por género que utilizam computador e Internet.

Pode-se verificar, através da tabela anterior, que os homens utilizam mais as Tecnologias de Informação que as mulheres.

Comparando os dados referentes ao ano de 2002 com os dados de 2009, verifica-se que há uma subida bastante significativa de utilizadores em ambos os sexos. No caso do uso de computador a maior subida é feita pelas mulheres, onde a utilização subiu 24,2% contra os 23,8% por parte dos homens; no que ao uso da Internet diz respeito, a margem de progressão é também favorável ao sexo feminino com cerca de 27,4% contra os 26,8% dos homens.

Em termos de números apresentados nesse Bareme Internet 2010, a taxa masculina que usa Internet está nos 64,9% nos homens e 50% nas mulheres.

Utilização de Internet por grupos etários						
Ano	16-24	25-30	35-44	45-54	55-64	65-74
2002	42,8%	30,2%	17,8%	11,7%	4,3%	1,3%
2003	56,0%	37,3%	22,3%	18,2%	7,0%	§
2004	63,7%	42,5%	29,5%	20,3%	8,3%	§
2005	70,0%	46,2%	33,6%	21,1%	9,8%	2,3%
2006	75,2%	53,9%	36,3%	24,0%	12,1%	3,0%
2007	84,8%	58,4%	40,5%	26,0%	16,7%	4,0%
2008	87,4%	69,5%	47,3%	30,5%	18,7%	5,2%
2009	88,1%	77,1%	53,3%	36,0%	21,4%	6,6%

Fonte de Dados: INE Módulo do Inquérito ao Emprego (em 2001 e 2002); Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (a partir de 2003)

Fonte: PORDATA Última actualização: 20100429

Tabela 2 – Evolução desde o ano 2002 até ao ano de 2009 da percentagem de indivíduos por grupo etário que utilizam computador e Internet.

Como podemos reparar nos valores da tabela 2, os dois grupos que mais utilizam Internet são consequentemente os grupos das faixas etárias mais jovens, com especial destaque para o grupo que vai desde os 16 aos 24 anos, onde a taxa de utilização se situa nos 88,1% em 2009, mais do dobro dos valores registados em 2002. Com valores bem mais modestos, está o grupo etário mais velho – 65 até aos 74 –, que em 2002 se situava nos 1,3% aumentando para os 6,6% em 2009, uma subida com algum significado mas muito longe dos valores registados pelos restantes grupos.

4.2. Com que finalidade usam a Internet?

Naturalmente que na nossa investigação não podíamos deixar de questionar sobre o motivo que levam as pessoas a utilizarem a Internet.

A tabela 3 mostra-nos os motivos pelos quais as pessoas questionadas usam a Internet. Salienta-se o facto dos resultados apresentados referirem-se só a um motivo, uma vez que quase na totalidade dos indivíduos apontou mais do que um motivo.

Utilização da Internet	
Motivo	Percentagem de respostas
Ler notícias	74%
Fazer compras <i>online</i>	29%
Ouvir rádio / ver televisão	32%
Contactar com os amigos	84%
Jogar <i>online</i>	29%
Participar em Blogs ou em Fóruns de opinião	29%
Trabalhar / estudar	89%
Conhecer pessoas	24%
Ouvir música / ver vídeos	64%
Aceder aos serviços públicos (finanças, segurança social, banco, etc.)	65%
Fazer <i>downloads</i> de música / filmes	47%
Outro motivo	5%

Tabela 3 – Motivo para a utilização da Internet por parte dos inquiridos.

Ao observarmos os resultados obtidos, destacam-se logo os 84% - cerca de 1187 pessoas – do motivo “contactar com os amigos”. Atendendo ao assunto tratado no ponto 2 deste trabalho, constata-se uma coisa clara: apesar de Lipovetsky afirmar que a sociedade está a ficar “hiperindividualista”, a necessidade que as pessoas têm em socializarem-se com outras mantém-se; estamos é perante uma nova forma de socializar. Não são só os 84% do “contactar com amigos” que demonstram essa necessidade, apesar de em menor número os 29% que elegem a participação em blogues ou fóruns e os 24% que dão como motivo o “conhecer pessoas”, ajudam a reforçar a ideia defendida atrás. Pode haver gente que diga que a participação em blogues ou fóruns não se trata de uma forma de socialização; a nossa opinião é que desde que haja uma simples troca de opiniões – como acontece nos fóruns – está-se a socializar, a interacção entre os participantes que é inerente a estes “espaços” é uma forma de socialização.

Voltando aos resultados e motivos apurados, é bom salientar que 89% usa a Internet como ferramenta de trabalho ou estudo. Por fim, dos 5% que escolheram “outro motivo” como justificação para ir à Rede Global, o “ver *e-mail*” é o motivo mais apontado.

Dizem os estatísticos que os sítios com conteúdos pornográficos são dos locais mais visitados na Internet. Para além de serem dos mais visitados, são também detentores de uma boa fatia dos alojamentos existentes na Rede. Pegando nas estimativas globais publicadas

num blogue especializado em educação empresarial, cerca 12% dos sítios hospedados na Internet têm conteúdos pornográficos. Este estudo, elaborado pelos autores do blogue MBA, pretendeu identificar o peso total da pornografia na Rede. O número apresentado corresponderá a mais de 24 milhões de páginas.

No questionário que serviu de base para a nossa investigação, perguntamos aos inquiridos se já tinham visitado algum sítio *on-line* de cariz pornográfico.

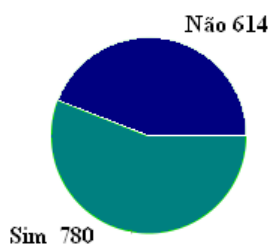


Fig. 5 – Número de pessoas que dizem já terem visitado ou não sítios na Internet com conteúdos pornográficos.

Nas 1394 respostas obtidas para a pergunta em questão, cerca de 56% dos inquiridos afirmaram que já visitaram sítios com conteúdos pornográficos.

No que toca a “justificar” as visitas aos referidos sítios podemos ver na figura 6 que a esmagadora maioria afirma tê-lo feito “por mera curiosidade”.

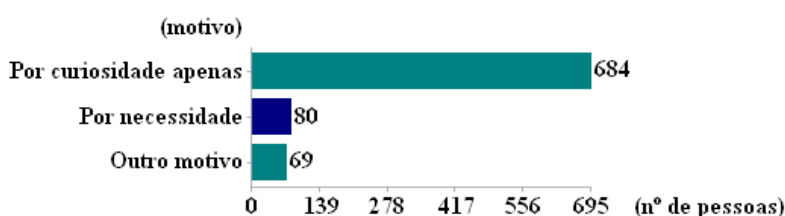


Fig. 6 – Motivos apresentados para a visita a sítios na Internet com conteúdos pornográficos.

Nos 69 indivíduos que indicaram “outro motivo” para a visita, indicaram-nos motivos variados. O mais apontado é o facto de gostarem de pornografia e o seu acesso via Internet ser mais barato; outro dos motivos apresentados com maior número de respostas, é o da obtenção de prazer; também temos pais que quiseram verificar com que facilidade se tem acesso a estes tipos de sítios para assim precaver eventuais investidas dos filhos; há também quem apresente motivos profissionais para a visita, nomeadamente professores responsáveis pelos projectos de saúde e educação sexual; depois também temos gente que os procura para melhorar a sua

vida sexual⁶; por fim temos as visitas por engano, devido a endereços fictícios ou por publicidade.

4.3. De onde se acede e como se acede à Internet

A inovação das Novas Tecnologias tem permitido que qualquer cidadão aceda à Internet de qualquer lado sem ter que estar preocupado com o facto de estar ou não ligado a um cabo telefónico e em determinado espaço físico.

Assim, quisermos saber de onde os inquiridos acedem à rede e que tecnologia utilizam para o efeito, como demonstram os gráficos das figuras seguintes.

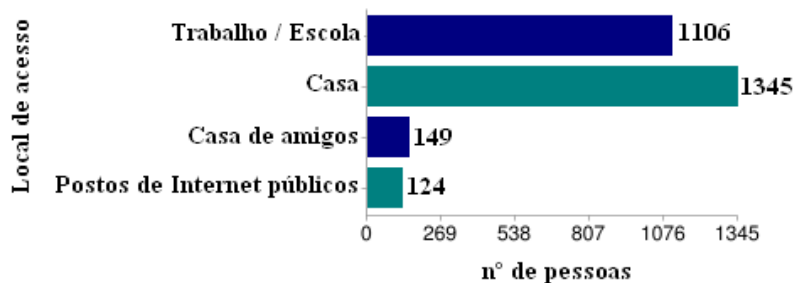


Fig. 7 – Número de pessoas que acedem à Internet nos diferentes espaços físicos.

O facto de cerca de 1345 pessoas – 98% do total – afirmarem que acedem à Internet a partir do seu lar, é um dado interessante de se frisar. Isto porque denota que a *World Wide Web* está cada vez mais presente na vida dos portugueses.

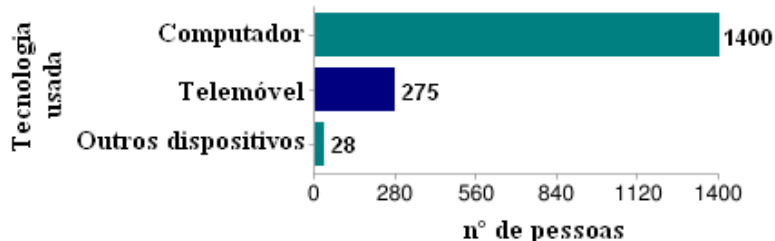


Fig. 8 – Número de pessoas que acedem à Internet através das respectivas tecnologias.

⁶ Esta resposta foi dada essencialmente por elementos do sexo feminino, o que não deixa de ser interessante de ser salientado.

Salienta-se o facto de quase da totalidade dos inquiridos usarem o computador como meio preferencial para se aceder à Internet. Convém deixar em claro que o telemóvel bem como outros dispositivos, contarem com mais de 300 respostas. O que nos mostra que o computador, apesar de ser o preferido, tem já alternativas ao seu uso na hora de se aceder à Internet.

Um dos problemas que muitos especialistas defendem, é o facto de a Internet criar vício nas pessoas em estarem sempre ligados. Em países como a China já há clínicas que curam a dependência da Internet nas pessoas.

Perguntamos aos nos inqueridos se achavam a Internet um vício e como tal prejudicial à saúde; as respostas estão apresentadas na figura 9.

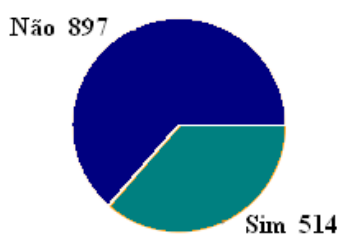


Fig. 9 – Número de pessoas que considera ou não a Internet um vício.

Cerca de 64% das pessoas que responderam, consideram que a Internet não é um vício, contra 36% que diz considerá-la como tal. Mas será que quem utiliza a Internet já viveriam sem a ter? A maioria (66%) – como podemos verificar no gráfico que se segue – diz que não viveria sem ela.

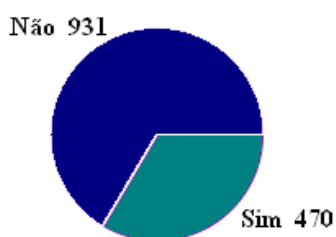


Fig. 10 – Número de pessoas que viveria ou não sem Internet.

Há tempos atrás, Rosana Romanó⁷, afirmou que o analfabeto do futuro não seria aquele que não soubesse ler ou escrever, mas sim aquele que não soubesse lidar com as

⁷ Mestre em Engenharia de Produção – Docente na Faculdade Expoente, Curitiba, Brasil,

Tecnologias de Informação e Comunicação. Com essa ideia, questionamos os nossos inquiridos para sabermos se concordavam com tal afirmação.

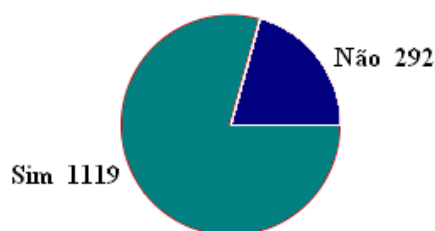


Fig. 11 – Número de pessoas que concorda ou não com a ideia: “O alfabeto do futuro é aquele que não saiba lidar com as TIC”.

Das 1411 respostas (totalidade dos inquiridos), cerca de 79% concordam com a ideia que o futuro analfabeto será aquele que não saiba lidar com as TIC, enquanto 21% discordam com essa ideia. Dentro dos que disseram que “sim”, quisermos saber se concordavam que tal como no que à leitura e à escrita diz respeito, as entidades públicas – governo central e autarquias – têm o dever de combater o analfabetismo, também no que concerne às Tecnologias de Informação e Comunicação essas entidades terão um papel activo na formação dos cidadãos. O gráfico da figura 12 traduz de forma muito clara os resultados do que as pessoas pensam sobre esse assunto.

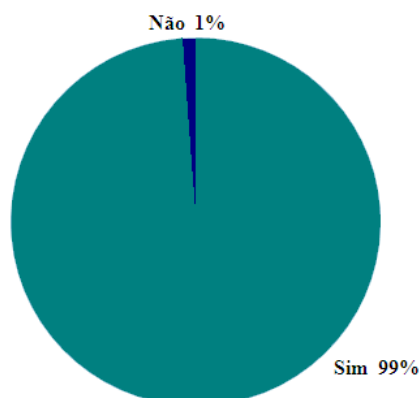


Fig. 12 – Número de pessoas que concorda ou não com a ideia de que devem ser as entidades públicas a combater o analfabetismo derivado das TIC.

Apenas 14 inquiridos dos 1119 que responderam “sim” à questão anterior, afirmam que não devem ser as entidades públicas a dar formação aos cidadãos e assim combater o novo analfabetismo.

5. A Religião e a Internet

Segundo um dos últimos estudos realizados pela Santa Sé e divulgados pela Agência Ecclesia, estima-se que em Portugal o número de católicos portugueses esteja um pouco abaixo dos 90% da população total. Sendo os restantes, crentes de outras religiões ou ateus.

Face estes números e tendo em conta ao “poder” cada vez maior da Internet na sociedade, as diversas religiões foram quase obrigadas a adaptarem as suas doutrinas a essa nova realidade. Tudo isto para não correrem o risco de perderem os seus seguidores.

Há medida que o tempo vai passando, o número de sítios e blogues religiosos aumentam. «Basta fazer uma pesquisa no Google para encontrar milhares de registos referentes à religião Católica, Judaica, Muçulmana, Budista, Evangélica, Ortodoxa, Hindu ou Maná» [Sarmiento [Em linha]. 2010].

Mas será que os portugueses são apologistas dos locais de culto virtuais? A figura 13 mostra que das 1382 pessoas que responderam à questão: “Alguma vez visitou alguma página relacionada com a sua religião (Igreja) na Internet?”, a grande maioria – 69% – assume que nunca visitou qualquer página religiosa.

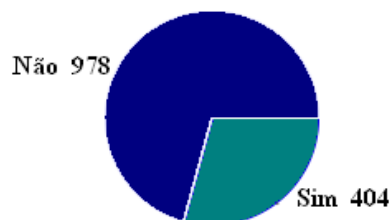


Fig. 13 – Número de pessoas que admitiu já ter visitado ou não sítios relacionados com a sua religião na Internet.

De seguida, vamos tentar perceber como é que as igrejas se têm adaptado aos novos tempos, com especial ênfase para a Igreja Católica que, para além de ser predominante em Portugal, é quiçá a facção religiosa mais conservadora no uso das TIC.

5.1. Igreja Católica

Se há instituição ou facção social que sempre teve receio em entrar neste mundo, sem dúvida nenhuma que uma delas é a Igreja Católica, muito por culpa do conservadorismo enraizado na sua estrutura.

A necessidade de acompanhar o desenvolvimento do mundo em que está inserida e, talvez, por se aperceber que para manter os seus fiéis, fiéis a si, bem como a necessidade de captar novos seguidores, a Igreja Católica viu-se “obrigada” a colocar de lado o seu conservadorismo e render-se às Tecnologias de Informação, com especial destaque para a Internet.

Percebendo o poder que a Internet tem para chegar às pessoas – tanto para o bem como para o mal –, a Igreja Católica e os seus membros hierárquicos mais conservadores têm diminuído cada vez mais as suas resistências à utilização das Tecnologias de Informação. Tal como diz o jornalista Joaquim Franco no programa ‘Falar Global’ da Sic Notícias «basta vermos, por exemplo, o que o Vaticano está a fazer: o 'site' do Vaticano é uma página aberta de Roma (Roma católica) ao mundo» [*in* SIC [Em linha], 2010]. Naturalmente que isto vai fazer com que a Igreja chegue com maior facilidade a um número maior de pessoas que até então tinha muitas dificuldades em se impor, como é o caso da classe média dos grandes centros urbanos. A vida urbana tem afastado as pessoas da Igreja e o uso destes tipos de mecanismos – páginas na Internet, blogues, presença nas redes sociais – vão ajudar a Igreja a reaproximar-se dessa classe social.

Ao utilizar a Internet como meio para transmitir a palavra de Deus, a Igreja não quer substituir o local de culto (físico) por uma página na *Web* ou por um leitor de MP3, onde se pode colocar umas orações para se ouvir onde se quer. A substituição não pode ser feita porque «o local de culto é um espaço de encontro, o mp3 pode ser também um local de encontro, mas a partir de um mistério espiritual que poderá levar a pessoa a estabelecer um determinado encontro, um determinado diálogo com Deus. O encontro no espaço de culto tem mais a vocação comunitária e é insubstituível, claro que as Novas Tecnologias permitem a construção de novas comunidades; estamos a criar um novo sentido de comunidade através das Novas Tecnologias» [Franco, *in* SIC [Em linha], 2010].

Apesar de a Igreja já estar dentro do mundo das TIC, ainda terá que saber ultrapassar dois problemas: um deles prende-se com a linguagem, uma vez que a dinâmica da linguagem, da comunicação, utilizada hoje não se enquadra com a comunicação que a Igreja fez até aqui. O mundo actual requer frases curtas e rápidas, coisa que a mensagem do evangelho não permite facilmente, pois a linguagem usada nem sempre é perceptível a todos na mesma rapidez; a outra face do problema prende-se com o pensamento que a Igreja tem passado ao longo dos séculos, um pensamento que não é muito pacífico e que não agrada a toda a gente, como defende Joaquim Franco. Isto obviamente cria resistências e estas resistências geram preconceitos que atrapalham a sintonia entre a instituição e os seus devotos do mundo actual.

Uma realidade é o facto de o próprio Papa Bento XVII ser um “amante” das Novas Tecnologias – tal como João Paulo II já o era – e ter a noção das potencialidades que essas Novas Tecnologias têm e podem ajudar a própria Igreja, tal como já referimos anteriormente. Apercebendo-se disso, Bento XVI encorajou os fiéis a usarem a Internet sem deixar de mencionar os eventuais perigos que se pode encontrar no mundo virtual: controlo das pessoas, o relativismo moral e intelectual. Lembrou ainda que «os meios modernos estão há muito tempo inseridos nas nossas vidas, através das comunidades eclesiais», dando alguns exemplos de meios de comunicação digital ligados ao Vaticano. Concluindo que o digital «separa os incluídos dos excluídos e soma-se às outras diferenças já existentes que afastam as nações» [in TVNet [Em linha]. 2010].

Perguntamos aos nossos inquiridos se concordavam com a ideia de que a Internet era um bom meio para se poder passar a palavra de Deus. Os resultados obtidos, e que se podem consultar no gráfico a seguir, falam por si.

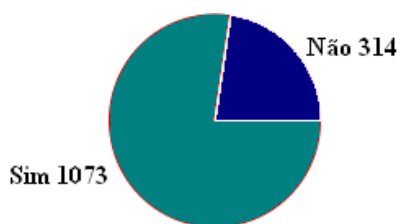


Fig. 14 – Número de pessoas que concordam ou não que a Internet é um bom meio para passar a palavra de Deus.

5.2. A Igreja Católica Portuguesa

A Igreja Católica Portuguesa tem usado a Internet com grande entusiasmo para a evangelização e se aproximar dos seus crentes. Exemplo disso é o portal da Agência Ecclesia (www.agencia.ecclesia.pt) da Conferência Episcopal Portuguesa, portal este que serve para aproximar a Igreja do homem actual, dando acesso a todas as notícias e actividades relacionadas com a Igreja. Além disso, tem ligações para outros sítios onde o crente pode ter acesso à palavra divina bem como a locais de oração.

Outro exemplo – este bem recente – é o sítio ‘Passo a rezar’ (www.passo-a-rezar.net). Lançado pelos jesuítas portugueses através do Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, esta página permite a qualquer pessoa descarregar, de forma gratuita, orações diárias

que poderão colocar no leitor de MP3 e ouvir quando e onde bem entenderem. Tudo isto para convidar os fiéis a dedicarem diariamente dez minutos para a oração e para «terem um contacto com a palavra de Deus, a porem a sua vida em oração e a rezarem através do MP3. Agora as pessoas vão poder rezar enquanto estão a passear na rua, num banco de jardim ou a andar de bicicleta» tal como afirma o Padre Dário Pedroso, responsável pelo projecto.

A verdade é que a Igreja Católica Portuguesa viu que a Internet – apesar de ter o lado negativo, como Bento XVI faz referência – era uma oportunidade única de se reaproximar do povo e, uma vez inserida, não faz conta de sair de lá, querendo aproveitar ao máximo as potencialidades da Internet. Prova disso foi a cobertura dada aquando da visita papal ao nosso país em Maio de 2010 com a criação de uma página oficial dedicada à visita de Bento XVI (www.bentoxviportugal.pt) onde se podia acompanhar a par e passo todas as actividades inerentes à visita, bem como assistir em directo a todas as cerimónias religiosas presididas por sua santidade. Para além da página, foi criado um perfil na rede social mais popular do mundo – Facebook – onde os fiéis também podiam seguir e comentar os contornos da visita.



Fig. 15 – Sítio oficial da visita de Bento XVI a Portugal.

Para além dos exemplos descritos atrás, são cada vez mais os locais na Internet onde a palavra de Deus está presente. Há cada vez mais sítios e blogs de paróquias, dioceses e até mesmo de padres a abraçarem as Novas Tecnologias.

Esta “paixão” dos membros da Igreja portuguesa pelas TIC está bem patente nos resultados obtidos pelo inquérito Picture elaborado pela Escola para as Comunicações

Eclesiais da Universidade Pontifícia da Santa Cruz da capital italiana e pelo laboratório webatelier.net da Universidade da Suíça italiana (Lugano, Suíça) – realizado entre Novembro de 2009 e Fevereiro de 2010 – que pretendia analisar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, em particular a Internet, por parte dos padres católicos de todo o mundo. De acordo com o estudo, ao contrário da maioria mundial, cerca de 64,1% – quase o dobro da média mundial que é de 38,2% – dos padres portugueses não concorda que os perigos ligados à tecnologia sejam maiores do que as oportunidades oferecidas. Isto só demonstra a visão positiva e entusiástica que os sacerdotes portugueses têm em relação às Tecnologias de Informação, onde 47,1% dos padres portugueses consideram que a Internet é ‘útil’ ou ‘muito útil’ [in Agência Ecclesia [Em linha], 2010],

5.3. O exemplo do Padre Júlio Grangeia

Ainda numa altura em que a Igreja não estava consciencializada com as benesses que a Internet podia trazer para si, eis que aparece um sacerdote a dar o primeiro exemplo do quanto a Rede Global podia dar para melhorar a relação homem *versus* Igreja.

Júlio Grangeiro é sacerdote em três freguesias⁸ do concelho de Águeda que em Julho 1987 criou o seu espaço de cariz pessoal na Internet mas assumindo-se desde logo como Padre católico (www.padrejulio.net).

Longe de saber o enorme impacto que as Novas Tecnologias iriam ter futuramente, o padre Júlio ia fazer pesquisas ao Google e ficava admirado que nada encontrava quando tentava descobrir algo relacionado com o sacerdócio e com a Igreja em si. Aí teve a visão necessária de que poderia estar ali uma oportunidade de ouro para alcançar novos destinos. Como era leigo na matéria, o padre Júlio pediu ajuda a um amigo – que lhe deu algumas noções básicas do que poderia fazer – criou e colocou o seu sítio na Internet. O objectivo, segundo ele, era o de «tentar dar resposta a quem eventualmente quisesse esclarecer as suas dúvidas com um padre».

Quisemos saber qual era a sensação de ser o primeiro Padre português a ter um sítio na Internet como ferramenta de evangelização. O sacerdote afirmou que «é uma sensação boa, sobretudo, agora, ao ver que o caminho é mesmo por aqui e por dar conta que quem agora está a reforçar a importância da Internet já não sou só eu ou “meia dúzia” de “franco-atiradores” mas já é a Igreja Católica». Conclui que «quando em 1997 criei o meu site foi por

⁸ Travassô, Ois da Ribeira e Espinhel

entender que era importante a Igreja ir por aí. Mas estava também eu longe de imaginar o quanto se podia tirar das enormes potencialidades que hoje saltam á vista de todos».

Com tantas potencialidades que a Internet dá à Igreja, porque é que a só a partir de há alguns anos atrás é que o Vaticano e todos os seus cleros, apostaram forte nas Novas Tecnologias? O padre Júlio aponta o factor “receio” para esse “atraso” da Igreja, enquanto instituição, apostar forte neste “novo mundo”; isto de apesar de o Vaticano e Conferência Episcopal Portuguesa – Ecclesia – terem uma presença na Rede Global antes do próprio Padre Júlio. As dúvidas sobre o que era e o que podia dar a Internet à Igreja, pois é bem diferente ser um Padre apostar na criação de um sítio, outra é a «própria Igreja lançar-se “de cabeça” sem ponderar todos os prós e contras». Segundo o padre, esse “receio” por parte da Igreja só demonstra o quanto esta instituição é prudente em tudo o que faz, salientando o facto de essa “prudência” evidenciada ser considerada «demasiada» para muitos críticos da Igreja.

Apesar de ser pároco em três freguesias, Júlio não chega a tantas pessoas como o consegue fazer pela Rede Global, como é óbvio. Diariamente chegam mensagens de todos os cantos do mundo a darem os parabéns, criticando “coisas” da Igreja e dos Padres, colocando dúvidas sobre a religião ou sobre a Bíblia, pedindo uma opinião sobre assuntos controversos no seio da Igreja, como é o caso do preservativo ou da homossexualidade, desabafam e pedem conselhos.

O facto do Padre Júlio estar ligado à Internet permite-lhe chegar a determinados grupos sociais que ao longo dos anos se têm “desligado” da Igreja. Salienta que a missão da Igreja é estar onde as pessoas também estão, só assim se pode apresentar a proposta⁹ que a instituição mais antiga do mundo tem para mostrar.

Com o grande *boom* das Redes Sociais e dos sítios de partilha de vídeos, o padre Júlio não perdeu o comboio e introduziu-se nas mais populares: primeiro foi o Hi5, depois o Netlog, o Facebook, e finalmente o Youtube. Este último é o favorito de Júlio – não descurando a importância dos outros sítios – até porque permite que a comunicação seja feita por vídeo, além disso tem um grande efeito multiplicador. «Eu não só passo a ter os vídeos no meu canal mas se estes forem assumidos como favoritos por outros utilizadores, passam, conseqüentemente, a ser vistos por muito mais gente uma vez que ficam expostos em outras tantas “montras” que são os canais de quem os assumiu como favoritos», afirma o padre Júlio.

⁹ Padre Júlio salienta vincadamente que aquilo que a Igreja tem para dar são meras propostas, pois se o “produto” for apresentado como uma “receita” não se chega a lado nenhum. Até porque encontramos-nos numa sociedade cada vez mais plural e onde todas as propostas são consideradas válidas.



Fig. 16 – Sítio do Padre Júlio.

5.4. As outras religiões

Tal como no contexto social do país, as religiões minoritárias de Portugal – como a Judaica ou a Muçulmana – têm, segundo os seus representantes, uma presença na Internet menos expressiva que a Igreja Católica, mas não deixam de ver a importância que a Internet tem nos dias de hoje. Como afirma José Oulman Carp¹⁰ «a Internet é fundamental. O diálogo religioso tem estado centrado entre os intelectuais, os líderes políticos e menos no povo. Por isso, a rede oferece a oportunidade de divulgar o diálogo religioso sem tabus e com uma linguagem simples para as pessoas perceberem» [*in* Diário Económico [Em linha], 2010], salientando assim o papel que a Rede Global poderá ter em particular no diálogo inter-religioso.

Carp está presente na rede social Facebook, tem um blogue e participa num fórum religioso – Fórum Abraâmico de Portugal – juntamente com Abdool Vakil e Peter Stilwell, representantes do islamismo e do cristianismo, respectivamente. O fórum é usado para dar-se a conhecer as três religiões participantes, e, além disso, organizam encontros, seminários e conferências inter-religiosas. Segundo Carp a aceitação por parte do público que acede ao espaço na Internet é muito boa, reflectindo-se no *feedback* recebido que é muito positivo.

No que refere à comunidade muçulmana portuguesa, existe um sítio oficial (pt.islam.webnode.com) onde os crentes podem consultar informações sobre o horário dos rituais religiosos e quem visita a página pode colocar questões relacionadas com a religião. Para além disso, existem diversas ligações para uma biblioteca islâmica, um dicionário ou

¹⁰ Presidente da Comunidade Israelita em Portugal.

informações sobre a vida do profeta Maomé. Por fim, os visitantes são convidados a responder a um pequeno questionário onde se pergunta qual é a religião do visitante. Os resultados são claros, em que a maioria dos visitantes é muçulmano; os católicos aparecem em segundo lugar e ateus em terceiro.

Questionado sobre o contacto e respectiva relação com membros de outras religiões, o padre Júlio afirmou que tem muitos amigos de outras crenças religiosas nas Redes Sociais, com quem partilha experiências e ideias, adiantando que todos são poucos neste mundo cada vez mais desumanizado. «Os nossos adversários não são os de outras religiões, nem os Ateus, ou os que estão contra, mas os indiferentes...» afirma Júlio.

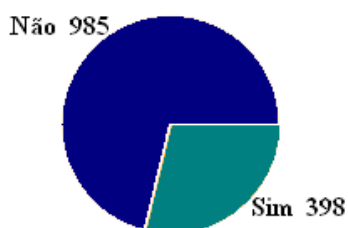


Fig. 17 – Número de pessoas que visitou ou não, páginas de outras crenças religiosas.

Questionamos também os nossos inquiridos se já tinham ido visitar algum sítio na Internet ligado a outra crença religiosa que não a sua. Das 1383 respostas obtidas, apenas 30% disseram que já tinham visitado.

6. Socialização *On-line*

Como já defendemos neste trabalho apesar de muitas vozes que dizem que a Internet dá origem à individualização e ao respectivo afastamento entre pessoas, acreditamos que o indivíduo não deixa de ter a necessidade de se socializar com outros. A prova, são o sucesso de sítios e ferramentas específicas para se “pôr” em prática essa mesma socialização; é o caso dos fóruns, das salas de chat, dos programas de troca de mensagens instantâneas ou das famosas redes sociais. Daí que existam na mesma no mundo virtual vários tipos de relações, que podemos dividir em três grupos: relações sócias, profissionais e pessoais.

O que vamos tentar explanar ao longo deste capítulo é a forma e com que sentido é feita essa socialização e quais os seus resultados nas pessoas. Começaremos pelos diferentes

tipos de relações que podemos encontrar no mundo virtual, para depois abordamos casos concretos de relações entre pessoas cuja sua origem esteve no uso da Internet.

6.1. Os diferentes tipos de relações de socialização

6.1.1. Relações Sociais

Este tipo de relações está muito associado a um dos termos que mais controvérsia provoca nos entusiastas da cibercultura é o termo de “comunidade”. Há quem defenda que este termo não se pode aplicar ao mundo virtual, pois dizem que “comunidade” requer uma comunicação “olhos nos olhos” permitindo assim o moldar das relações entre os seus membros. Assim, e de acordo com esta ideia, a tecnologia é vista como um muro a separar esses membros, fazendo que com que a Internet seja vista como uma diversão das comunidades físicas ou reais.

É lógico que tal teoria não agrada a todos. Para uns é uma autêntica aberração, outros não admitem que se ataque desta forma a/s comunidade/s de que são membros. A verdade é que, e á margem de tais discussões, com o tempo milhões de pessoas por todo o mundo vão criando e aumentando comunidades virtuais com diferentes interesses e fins, relacionando-se entusiasticamente com outras pessoas com os meus gostos.

Na Internet podemos encontrar comunidades de variadíssimos temas. Comunidades de colecionadores dos mais variados objectos, comunidades de jogadores dos mais diversos jogos, comunidades de carácter religioso, comunidades de adeptos de clubes de futebol, comunidades de ideologias políticas; enfim, podemos encontrar no mundo virtual um número inimaginável de comunidades.

Naturalmente que nem todas sobrevivem para sempre, algumas vão desaparecendo por variadíssimas razões, outras tornam-se modelos para outras comunidades que queiram dar os seus primeiros passos pelo mundo virtual.

Neste tipo de comunidades, onde a ausência do tão desejado contacto visual – cuja ausência é muito criticada por vários entendidos – é substituído pela interactividade entre os membros; é essa interactividade que solidifica as relações sociais inerentes a essas comunidades.

Já foi mencionado neste trabalho, a socialização mudou a sua forma de se fazer sentir na vida da sociedade. Tem-se construído no mundo virtual todo o tipo de relações sociais,

novas formas de encontros, de conversação, de partilha de experiências e interesses. Discutem, unem-se, fazem política ou activismo social; recebem e dão formação, assistem a eventos culturais ou desportivos em directo, entre muitas outras actividades cuja descrição que ocuparia muitas páginas.

A Internet «não é uma comunidade única, mas um meio ambiente onde nascem e florescem milhares de comunidades. Estas são grupos sociais que se reúnem num mesmo “lugar” para partilhar, argumentar, encontrar, descobrir» [Querido, p.16, 2005].

Como já se viu, os motivos para se criar uma comunidade virtual são mais que muitos, mas se há um que proporciona com maior rapidez o desenvolvimento de uma comunidade, é sem dúvida a crítica às acções do Governo, dado que cada vez mais existem comunidades críticas à governação. A origem dessas comunidades não “ligam” a qualquer tipo de localização geográfica dos seus membros mas que, com o tempo, estabelecem regulamentos e mecanismos de utilização ou de permanência.

A distinção *on-line* das pessoas pertencentes às comunidades é feita pelo valor que têm nela – seja pela informação que nela depositam, seja pelo bom domínio da escrita e da língua – e não pelo seu estatuto social ou posses económicas que na esmagadora maioria das vezes nem sequer são divulgadas.

6.1.2. Relações Profissionais

Apesar dos contornos iniciais que envolveram o início da Internet, primeiro com fins militares e posteriormente chegando ao mundo universitário e de investigação, os primeiros 20 anos de existência da Rede Global já eram muito de cariz profissional. Exemplo desse panorama são as ferramentas (utilizadas para trabalho) como o correio electrónico ou até mesmo o primeiro programa de mensagens instantâneas – IRC - Internet Relay Chat – que tinha como objectivo a permutação de informações técnicas e comerciais. Isto mostra que a motivação primordial para se ligar computadores entre si, foi o trabalho.

Com o ultrapassar de fronteiras por parte da Internet, que fez com que a Rede deixasse de ser algo exclusivo das Universidades e de certos (muito poucos) organismos públicos, passando a ser acessível a qualquer pessoa da sociedade civil – em finais de 1994 em Portugal –, a Internet ganhou um carácter mais lúdico e de lazer do que de trabalho.

Quando Tim Berners-Lee desenvolveu a tecnologia de hipertexto – HTML – não fazia ideia da importância que o seu trabalho teria na vida das pessoas. Esta tecnologia fez com a repartição de documentação de pesquisas ficasse mais fácil e foi isto que provocou o grande

boom que a Internet teve; tornando-se «num veículo de informação pessoal graças à facilidade de seguir ligações de página em página – aquilo a que se chamou “navegar”. Mas a sua finalidade cumpriu-se: seja em websites de “caça-talentos”, onde colocamos os nossos currículos, (...) seja nos sistemas de teletrabalho e *e-learning*. A Internet tornou-se num elo fortíssimo para as relações profissionais, pois trouxe mais e novas oportunidades de negócio» [Querido, p.18, 2005].

6.1.3. Relações Pessoais

Para além das relações sociais e profissionais apresentadas anteriormente, a Internet possibilita outro tipo de relacionamentos, bastantes mais íntimos. «Conhecer amigos, viver tórridos *flirts*, namorar, conversar, marcar encontros, ‘engatar’, até às derradeiras fronteiras de casamento e do divórcio, a oferta de possibilidades da Internet é justamente do tamanho da procura por parte das almas aventureiras, ou mais prosaicamente solitárias, que tiram partido das benesses do ciberespaço» [Querido, p.19, 2005].

Quem frequenta o mundo virtual e os diferentes espaços que ele nos “fornece”, tem mais facilidades em iniciar uma relação. Podemos ir até uma sala de conversação *on-line* – chat – trocar mensagens por correio electrónico ou expormos as nossas ideias num fórum ou até num blogue; desta forma as pessoas vão conhecendo os outros aos poucos através da escrita. A Internet permite ao indivíduo afastar certos estigmas que no mundo real tornam a aproximação física difícil, como é o caso da aparência física; esta só passa a ter alguma relevância quando a relação passa a patamares mais íntimos. Mas quando isso acontece as bases que sustentam a relação já são suficientemente sólidas para haver algum desmoronamento. Tal situação transmite alguma segurança à pessoa que quer avançar numa relação, permitindo que o passo inicial para uma suposta aproximação seja dado com maior firmeza.

Um dos problemas que se pode levantar neste tipo de relações, prende-se com a questão de identidade. Muitos internautas preferem ocultar-se de forma parcial ou total, outros rejeitam de forma inequívoca essa possibilidade, até porque viver atrás de uma identidade que simplesmente não existe poderá trazer futuramente problemas. Fazendo uma alusão ao ditado popular, não há mentira que sempre perdure, quando a mentira ou o avatar é posto a nu, as consequências podem causar mossas irreversíveis, denegrindo a reputação do indivíduo em causa, provocando a perda da ligação que o une à comunidade podendo ser até expulso da

mesma. A tarefa de ter de começar a construir tudo de novo torna-se num fardo difícil de ser suportado e que levará muito tempo.

Para Paulo Querido, apesar dos danos causados pelo “falhanço” de uma relação originária da Internet poderem ser uma incógnita e que preocupa os especialistas – nomeadamente os psicólogos e psiquiatras –, quem vive uma relação no imediato (sem estar a pensar no futuro) acha estimulante e atraente este tipo de relacionamento. Tudo porque há a tal liberdade de escolha que permite ao indivíduo optar pela comunidade ou pessoas que mais lhe dão mais confiança.

Uns dos temas que mais discussão tem levantado, quando se fala em relações originárias da Internet, são as falhas que estas têm, pois normalmente quem vai a um chat ou a um sítio de encontros à procura de um/a parceiro/a assumem serem livres. Ainda de acordo com Querido não é menos verdade que os problemas inerentes às relações virtuais não são muito diferentes das relações do mundo real e ainda nenhum estudo provou que esta teoria esteja errada. Se quisermos apontar alguma diferença entre os dois mundos poderemos dizer que as vantagens vão para o virtual, isto porque aí não se fazem sentir muitas das complicações do mundo real. Não é mentira que o choque emocional recebido pelo falhanço da relação pode ser grande, mas os riscos de isso acontecer são os mesmos de uma relação iniciada num grupo de amigos, na escola, no trabalho ou numa discoteca.

Para muitos há mais um ponto forte a favor das relações “virtuais”, pois permite conhecer melhor o interior do potencial interessado antes de se partir para um envolvimento físico e mais sério.

Aqui, as mentalidades mais rebeldes ou independentes têm um bom raio de acção a seu favor, o que faz com que as capacidades de entrosamento intelectual saiam reforçados. Tal situação relega para segundo plano outros factores como o aspecto físico ou até mesmo o estatuto perante a sociedade.

Há cada vez mais casos de casais de namorados ou de conjugues cujas suas relações começaram no meio virtual. Mais adiante, no nosso trabalho, vamos expor dois casos de dois casais que se conheceram nas redes sociais e que iniciaram uma relação amorosa fortuita e feliz.

Quisemos saber o que pensavam os nossos inquiridos sobre o tema “relações virtuais”, fossem elas amorosas ou simplesmente de amizade. Como poderemos ver nos dois gráficos que se seguem, relações amorosas e relações de amizade respectivamente, as opiniões diferem entre os dois tipos de relacionamentos.

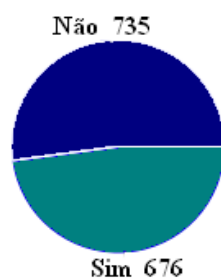


Fig. 18 – Número de pessoas que diz ser possível ou não apaixonar-se por alguém oriundo da Internet.

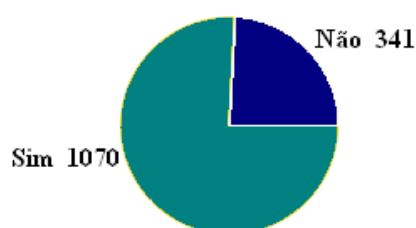


Fig. 19 – Número de pessoas que diz ser possível ou não criar-se amizade por alguém que conheceu na Internet.

No que toca aos amores, 52% – 735 – dos inquiridos que responderam à respectiva pergunta dizem que é impossível uma pessoa apaixonar-se por alguém que está do outro lado do monitor. Os motivos para justificarem tal resposta, são:

Motivo	Percentagem de respostas
Porque a presença física numa relação amorosa é o que conta mais	61%
Porque sou apologista da ideia “longe da vista, longe do coração”	19%
Porque essas relações são uma verdadeira fantochada, são apenas cenas de filmes e de novelas	43%

Nota: Cada inquirido podia dar mais do que uma resposta.

Tabela 4 – Motivo dado por parte dos inquiridos para justificar o não acreditar nas relações amorosas com origem na Internet.

Os restantes 24% – 676 – inquiridos que disseram que acreditavam nas relações amorosas com origem na Internet, justificaram a resposta da seguinte forma:

Motivo	Percentagem de respostas
O amor nasce muitas vezes por alguém que nos compreenda e que principalmente nos oiça, independentemente do meio ou forma como é feito	73%
Se o contacto for frequente e sincero, é como se houvesse contacto pessoal	33%
Porque a distância e o anonimato torna mais fácil falar sobre nós próprios e assim vai-se criando a empatia necessária	42%

Nota: Cada inquirido podia dar mais do que uma resposta.

Tabela 5 – Motivo dado por parte dos inquiridos para justificar o “acreditar” nas relações amorosas com origem na Internet.

No que toca à amizade, o gráfico da figura 19 é claro. 76% – 1070 – dos inquiridos é da opinião que é perfeitamente possível criar-se laços de amizade com pessoas que se conhece da Internet.

Quisermos ir ainda mais longe e questionamos sobre como reagiriam se no caso de serem actualmente pais ou virem a ser futuramente e se fossem confrontados pelos seus filhos, dando-lhes a conhecer que estavam apaixonados ou que namoravam com alguém que teriam conhecido na Rede Global.

Como reagem	Percentagem de respostas
Nos tempos que correm, essa situação é perfeitamente normal	12%
Reagira bem, desde que o/a visse feliz. Até gostava de conhecer logo a pessoa	14%
Apesar de não concordar, não mostrava o meu desagrado para não criar crispação em casa	3%
Alertava-o/a para eventuais perigos que pudessem surgir dessa relação	65%
Mostrava logo a minha reprovação e tomava medidas para evitar o contacto entre os dois	1%
Dizia que eles estavam malucos, tratava logo de encaminhar o/a meu/minha filho/filha para um psicólogo ou psiquiatra	1%
Não esboçava qualquer reacção. Deixava andar para ver no que dava	5%

Tabela 6 – Como reagiriam os inquiridos perante a situação de um(a) filho(a) ter um(a) namorado(a) originário(a) da Internet.

As respostas parecem claras, demonstrando o receio das pessoas no que toca às relações amorosas com gente conhecida através da Internet. Das 1397 respostas obtidas a esta resposta, 65% afirmam que alertava o seu progenitor para eventuais perigos que pudessem surgir dessa suposta relação.

Atendendo ao conservadorismo da Igreja Católica em certos temas, aproveitamos para questionar o padre Júlio sobre o que ele pensava acerca das relações amorosas com origem na Internet. Para ele, este tipo de situação não lhe faz qualquer confusão desde que «haja aquilo que deve existir num relacionamento tendo em vista algo de mais sério: verdade, honestidade e conhecimento profundo de cada qual». Depois disto, também defende que haja um tempo de namoro na vida real para se verificar se as bases virtuais foram suficientes ou não.

Ele próprio tem um belo exemplo para nos contar sobre o assunto, uma vez que já celebrou um casamento de um casal que se conheceram através de um programa de mensagens instantâneas, o “ICQ”. Ele era português, ela era brasileira e apesar de terem um oceano a separá-los, não foi impedimento para se apaixonarem e de decidirem ir mais longe. Ela veio a Portugal para conhecer o seu amado. Verificaram que as bases criadas no virtual eram bastante sólidas para tomarem um rumo diferente nas suas vidas, foram ter com o padre Júlio e ele aceitou casá-los sem qualquer entrave. Como a família da noiva não tinha posses suficientes para vir até ao nosso país, transmitiu-se a cerimónia via Internet.

6.2. O caso de Hugo Miguel

Hugo Miguel¹¹, jornalista da revista Focus, viveu uma experiência alucinante durante um ano, após ter aceite o desafio de um amigo que insistiu para que se inscrevesse no maior sitio de encontros *on-line* da Europa – o *Meetic*. Perante a resistência de Hugo em aceitar tal desafio, Luís – o amigo – ofereceu-se a pagar os primeiros meses de inscrição.

Depois de criado o perfil com uns dados pessoais verdadeiros e ter posto uma foto «engraçada», Hugo obteve mais de mil visitas femininas, enquanto ele visitou mais do triplo desse número de perfis. Meteu conversa com cerca de 162 mulheres, acabando por conhecer pessoalmente oito e destas teve relações sexuais com cinco. Ao fim desses 12 meses optou por deixar de receber mais propostas e “desligou-se” do *Meetic*.

Segundo Hugo, as razões que levam uma pessoa a recorrer à Internet para conhecer alguém são mais que muitas. «Desde as solteiras que não conseguem vencer a timidez, as amarguradas e desiludidas com relações anteriores ou simplesmente as que gostam de seduzir e ser seduzidas. Mas a maior parte eram mulheres solitárias, tristes, na grande maioria das vezes sem razões para o serem» [Miguel *in* Focus n.º 528, p.119, 2009].

¹¹ Nome fictício usado pelo jornalista na reportagem.

De acordo com os dados estatísticos dos utilizadores totais do *Meetic* português, 52% são do sexo feminino. Em termos de faixa etária, esta situa-se entre os 35 e os 50 anos de idade; em termos de fisionomia e intelectuais Hugo afirma que há de tudo um pouco: feias, malucas e meninas lindas, que têm a esperança de encontrar o tão desejado príncipe encantando.

Das 162 mulheres que Hugo manteve contacto durante os 12 meses, em termos de estatuto social encontrou de tudo: desde empregadas de lojas dos grandes centros comerciais de Lisboa, desempregadas, jornalistas, professoras, enfermeiras, designers, psicólogas e muitas estudantes. No que toca ao estado civil a variedade também foi imensa: casadas, divorciadas, solteiras, comprometidas, enfim, de todo o tipo.

As mulheres com quem se envolveu fisicamente, uma era jornalista, outra psicóloga, uma estudante universitária, uma secretária e uma designer gráfica. Tratou-as como elas queriam e desejavam, ou seja, como umas verdadeiras princesas. Apesar de não se ter apaixonado por nenhuma, a que mais mexeu com Hugo foi a designer. Era de todas as que mais “combinava” com as pretensões dele. O entendimento por escrito entre ambos era tremendo e isso proporcionou que o encontro pessoal fosse mais rápido, primeiro com a combinação de um café numa pastelaria perto da casa da designer, depois muitas trocas de mensagens SMS alternadas com mais dois encontros ao fim do dia para um café, e, finalmente passado uma semana após o primeiro encontro, o tal desejado encontro escaldante.

A chave para cativar uma mulher no mundo virtual passa por saber “ouvir”. Gostam de ser “ouvidas” e compreendidas, gostam de ter uma conversa sobre os temas que são do seu interesse. O homem que esteja interessado em seduzir tem de ter a capacidade de prosseguir a conversa sobre o tema, mesmo que este não seja do seu interesse ou que não esteja tão confortável. É fundamental mostrar interesse e algum conhecimento sobre o mesmo, nem que para isso tenha de fazer algumas pesquisas rápidas. Outro dos factores que as senhoras dão imenso valor num homem, é a capacidade de memorização de pequenos dados que parecem irrelevantes mas que são importantíssimos para que as pretensões tenham algumas bases para ter sucesso; dados como a data de aniversário, o número de filhos deles (no caso de haver) bem como a idade, a profissão ou alguns gostos pessoais, se não forem esquecidos funcionam como um bom encaminhador para uma relação.

Resumindo, o perfil da mulher que é seduzida pode ser descrito da seguinte forma: entre os 35 e os 50 anos, solteira que não consegue vencer a timidez, amargurada e desiludida com relações anteriores, simplesmente gosta de seduzir e de ser seduzida, triste, solitária, melhor do que pensa ser.

6.3. Relações de amizade

Como já vimos neste trabalho, as necessidades de socialização por parte dos indivíduos não diminuí com o aumento de uso da Internet. Tal como diz Gustavo Cardoso¹² «são relacionamentos diferentes, menos intensos, mas o que esta constatação quer dizer é que as pessoas encontraram uma forma de ultrapassar as limitações das relações pessoais». [Cardoso *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010] A verdade é que plataformas como as Redes Sociais (que falaremos mais adiante com maior detalhe), multiplicaram por muitos o número de amigos dos portugueses. Se a maioria tem milhares de contactos, a média de relacionamentos estabelecidos é de cem pessoas, o que significa mais do dobro das amizades se não se usasse a Internet.

«As Redes Sociais potenciam uma apetência que sempre esteve latente na Internet, e na sociedade em geral, que é facto de nos relacionarmos uns com os outros» [Cardoso *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. Esta situação cria novos modelos de relacionamento. A necessidade das pessoas se relacionarem com outras, faz com que os portugueses tenham contas em várias Redes Sociais, tirando partido das potencialidades que mais lhe interessam e que cada plataforma oferece de forma diferenciada. «É uma espécie de sociologia do consumo. O que faz a diferenciação é o que cada rede social nos permite fazer. Podemos estar numa rede mas, se aparece uma outra que ganha intensidade, também lá queremos estar» [Cardoso *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. Um indivíduo pode jogar com os seus amigos no Hi5, mas ao mesmo tempo tem um perfil no Facebook para partilhar com os amigos as suas preferências da vida privada; podem também passar pelo Twitter para comentarem as novidades do mundo e “espionarem” o que os outros dizem. Há ainda o MySpace que fornece aos seus utilizadores interactividade através de fotos, vídeos e blogues, e que é muito utilizado pelo mundo artístico.

O motivo para as pessoas aceitarem os convites de amizade e para fazerem parte de determinado grupo está ligado às necessidades que as mesmas têm em fazer parte das novas plataformas de relacionamento, «onde podem contactar com quem está longe, trocar ideias, vídeos ou fotos e conhecer pessoas. Enfim, socializarem-se» [Neves *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010].

¹² Um dos autores do estudo The Network Society 2010, Portugal

Através das redes enviam-se mensagens, partilham-se fotos e vídeos, joga-se, conversa-se, encontram-se amigos novos e outros que já não se via há muitos anos – por exemplo antigos colegas de escola.

6.4. Relações amorosas originárias na Internet – *Case Study*

Já falamos neste trabalho do tipo de relações que podemos ter através da Internet, abordamos também algumas dos locais onde essas relações são fundamentadas, falta-nos dar exemplos que concretizem o que se debateu anteriormente. Para isso, pedimos a ajuda a dois casais de namorados – um deles já vivem maritalmente – que se conheceram através da Internet e das Redes Sociais. Atendendo ao pedido de um dos casais intervenientes, vamos tratar ambos de forma anónima, não divulgando os seus nomes verdadeiros. Assim, vamos referencia-los como “Casal 1” e o “Casal 2”.

Geograficamente, os dois casais são de zonas distintas no país: o Casal 1 é da zona do Minho – Braga e Guimarães –, enquanto o Casal 2 é da zona da Grande Lisboa – Lisboa e Sintra. Em termos de faixa etária, ambos os casais estão na casa dos 30 anos. No Casal 1 ele tem 31 anos e ela tem 30; no Casal 2 ele tem 39 anos e ela 36.

Curiosamente em ambos os casais conheceram os seus respectivos parceiros na mesma Rede Social, o Netlog.

Quisemos saber a evolução da relação em termos temporais. O Casal 1 conhecem-se há mais de dois anos, enquanto o Casal 2, na altura da nossa entrevista, conheciam-se há 17 meses. A passagem do “virtual” para o “real” foi feita mais depressa pelo Casal 2 que admitiu que se conheceram pessoalmente logo passado um mês após o primeiro contacto via Internet; enquanto no Casal 1 demorou muito tempo – não quantificaram – a fazer essa passagem. Ao contrário do Casal 2, que assumiu que nunca houve receio de se encontrarem (havendo apenas a ansiedade do primeiro encontro), no casal minhoto as coisas não foram assim tão lineares: «foi uma grande luta para a conhecer» diz ele ao mesmo tempo que afirma que nunca teve receio do que poderia acontecer, já ela mostrou muito calculismo até se decidir encontrar-se com o que viria a ser o seu companheiro. Segundo a minhota «existem vários riscos na Internet e por esse mesmo motivo temos de tentar conhecer o melhor possível quem está do outro lado. E isso só com tempo e muita conversa».

Mas como é que eram mantidos os contactos antes de se conhecerem pessoalmente e que frequência tinham? Os dois casais têm uma coisa em comum: é que ambos começaram

por trocas de mensagens mutuamente. A evolução depois foi mais rápida no casal alfacinha que depressa passaram da conversa para o programa de mensagens instantâneas – vulgarmente conhecido por Messenger – e a usarem a videoconferência; já os minhotos para além das mensagens ficaram-se apenas pela troca de fotografias. A frequência com que se comunicavam no caso do Casal 2 era diária enquanto o Casal 1 inicialmente tinham apenas contacto semanalmente e só posteriormente passaram a contactarem-se de forma diária.

Uma das grandes problemáticas apontadas às relações virtuais, prende-se com as dificuldades que algumas pessoas têm em mostrarem logo aquilo que são. Essas dificuldades podem estar muito subjacentes ao medo que as pessoas têm – nem que seja inconscientemente – de se abrirem com alguém que não estão a ver, que não ouvem e que poderá muito bem dizer que é de uma maneira e na realidade serem outro tipo de pessoa completamente distinta daquela que se diz ser. Assim, haverá a tentativa de se resguardarem até se sentirem suficientemente seguras para partilharem coisas mais pessoais. Dos nossos casais só o membro feminino do Casal 1 é que admitiu que teve de ter uma fase de estudo sobre a pessoa que estava do outro lado do monitor para depois se abrir também ela, os restantes afirmaram que não tiveram qualquer problema em «abrir logo o livro».

Outro dado a salientar é que antes de assumirem o namoro, ambos os casais dizem que primeiro criaram laços de amizade e só depois é que partiram para algo mais íntimo, algo que só aconteceu após o primeiro encontro pessoal.

Questionamos também os nossos dois casais se após o primeiro encontro houve mudanças nas relações. As respostas dadas foram muito idênticas entre os dois; ambos afirmaram que houve mudanças sim, mas para melhor. As ligações que os uniam ficaram mais fortes e aquela ideia de que o “virtual” é algo que não existe ou que é imaginário desapareceu, pois o virtual passou a real a algo que se vê e que se toca.

Nas questões ligadas às relações amorosas, sejam elas no mundo virtual ou no dos átomos (real ou palpável), o que mais receio causa aos seus intervenientes são as reacções das pessoas que as rodeiam, desde a família, ao grupo de amigos ou até mesmo à sociedade em geral. Há sempre o medo de o companheiro ou a companheira não ser devidamente aceite e com isso se originarem situações desagradáveis que muitas vezes leva ao fim da relação em causa. Quando essa relação tem origem na Internet esses medos e probabilidades de rejeição são muito maiores. Isto porque a sociedade está habituada a um certo padrão de vida e quando algo foge desse padrão enraizado fazem um drama de todo o tamanho, pois mete-lhe confusão tudo que seja “anormal”. Felizmente as coisas têm mudado, uma mudança lenta mas que se tem feito sentir. Prova disso são os dois casais entrevistados, cujas famílias aceitaram com

naturalidade o facto de a relação (de cada casal) ter tido origem na Internet. Dos membros entrevistados quem teve maior receio da reacção da família foi a mulher do Casal 1, que demorou algum tempo a contar a verdade sobre como tinha conhecido o seu amor tal como ela nos confirma: «no início não fiz questão de dizer onde o conheci, com receio da reacção, mas quando se soube a verdade, a reacção foi boa. Até melhor do que estava a espera». Os amigos também aceitaram bem as duas relações amorosas.

De todos os intervenientes nestas duas entrevistas, aquele que mostrou mais receio tanto da reacção da família, dos amigos e até da sociedade, foi sem dúvida a mulher do Casal 1. Tal como já vimos, teve medo da reacção da sua família mas também mostrou algum desconforto no que aos amigos diz respeito conforme afirma: «há mentalidades que ainda não estão abertas para essa questão». Quanto à sociedade, apesar de dizer que não se tem que dar satisfações a ninguém e muito menos ficarem limitados ao que os outros possam dizer, assume que teve algum receio dessa suposta reacção.

Confrontados com a questão se antes das respectivas relações amorosas terem começado acreditavam na possibilidade de uma pessoa se apaixonar por alguém que está do outro lado do monitor, tirando o membro masculino do Casal 1, que diz que tal situação não tinha sido pensada, os restantes afirmaram que achavam normalíssimo isso acontecer, desde que haja um conhecimento profundo do outro.

6.5. Locais e ferramentas estimuladoras da socialização *on-line*

Ao longo deste trabalho já mencionamos alguns dos locais e algumas ferramentas usadas pelas pessoas para se relacionarem com outras no mundo virtual. Vamos fazer uma abordagem sobre algumas desses locais bem como contar algumas histórias que demonstram a extrema influência que tais sítios têm sobre os indivíduos.

6.5.1. Salas de conversação *on-line* – Chats

Passamos cerca de cinco meses a frequentar as diversas salas de chat do portal AEIOU. O objectivo era observar o tipo de pessoas frequentavam e que conversas se tinham nesse local.

O tipo de pessoas encontradas é extremamente vasto; em termos de idades – variando de sala para sala – podemos encontrar indivíduos desde os 15 aos 55 anos. Estabelecemos um

contacto mais pessoal com muitas dessas pessoas, podemos dizer que a esmagadora maioria só estavam ali para passar um pouco do tempo livre e algumas – consoante o interesse da conversa mantida – propuseram-nos que passássemos para o Windows Live Messenger e assim estarmos mais resguardados de olhares alheios.

Para além dos que vão aos *chats* pura e simplesmente para passar tempo, há aqueles que de forma camuflada (mas não o suficiente para esconder) mostram que estão ali à procura de uma companhia que não têm, de uma palavra amiga, de um “ombro” que sirva de conforto; um pouco à imagem do que Hugo Miguel encontrou no *Meetic*. Há também alguns que se infiltram nas salas para gozarem um pouco, e mais grave, há aqueles que vão para lá só para insultarem os presentes sem qualquer motivo aparente.

Uma situação que nos chamou à atenção, ocorreu logo nos primeiros dias da nossa observação. Talvez influenciados pela aprovação na Assembleia da República da lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo, assistimos a um elevado número de indivíduos a irem até aos *chats* à procura de parceiros do mesmo sexo; com maior incidência no sexo masculino mas o feminino não se deixava de se fazer notar.

Apesar de se falar de tudo um pouco, as conversas de “engate” bem como as de cariz sexual são as que predominam em todas as salas do Portal em questão. Vê-se com muita frequência indivíduos, principalmente masculinos mas também algumas senhoras, que depois de apenas meia dúzia de palavras partem logo para o pedido do endereço do Messenger. O interessante é que estes autênticos predadores virtuais não se contentam apenas com a aquisição de um contacto, num curto espaço de tempo são capazes de adquirir dezenas de contactos.

Por fim, e se calhar o dado mais alarmante observado nesta nossa “viagem” pelo mundo das salas de conversação, vimos muitos jovens adolescentes de 14, 15, 16 anos a darem dados pessoais – como o número de telemóvel – de forma aberta e à vista de toda a gente. Este dado é preocupante, numa altura em que se discute com maior incidência a questão das falhas de privacidade *on-line*, muito por culpa da “cedência” de dados pessoais por parte das Redes Sociais a empresas publicitárias. Os actos irresponsáveis dos adolescentes podem ter consequências graves e irreversíveis num futuro próximo e deixar mazelas para muitos anos, isto para não dizer para toda a vida.

6.5.2. Redes Sociais

As Redes Sociais são o grande fenómeno dos últimos tempos do mundo virtual. O sucesso é de tal ordem que a esmagadora maioria dos internautas já não vive sem elas.

Questionamos os nossos inquiridos se tinham algum perfil pelo menos numa Rede Social. As respostas falam por si.

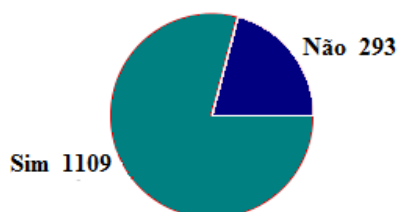


Fig. 20 – Número de indivíduos que têm ou não perfil numa Rede Social.

79% dos nossos inquiridos têm pelo menos um perfil numa das Redes Sociais existentes. Em termos de utilizadores e segundo o estudo “A Internet em Portugal 2009” realizado pela Obercom em 2009, a Rede Social mais popular em Portugal era o Hi5 – criado em 2003 – com quase 50% das preferências. O Facebook – criado em 2004 – que agora toda a gente fala dele, sendo notícia em jornais, revistas, rádio e televisão (nem sempre pelos melhores motivos), era apenas a terceira plataforma mais utilizada.

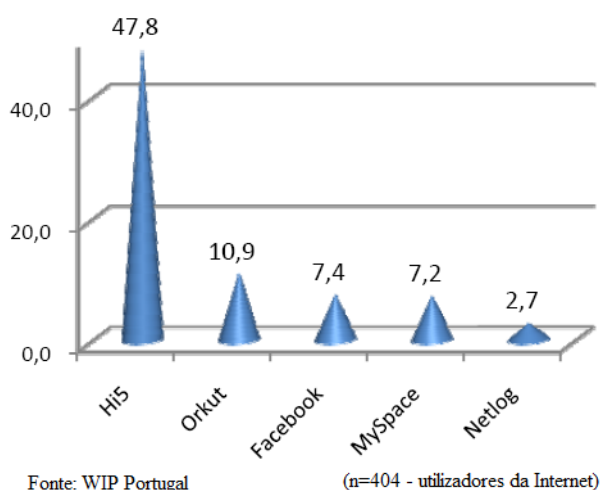


Fig. 21 – Percentagem de utilização das respectivas Redes Sociais em 2009 [Obercom, 2009].

Os dados apresentados na figura 21 são actualmente diferentes, como podemos constatar no gráfico que se segue. Gráfico esse que foi retirado do trabalho de uma aluna – Ana Amorim – da Faculdade de Letras do Porto do 1º ano da licenciatura do curso de Ciências da Informação.

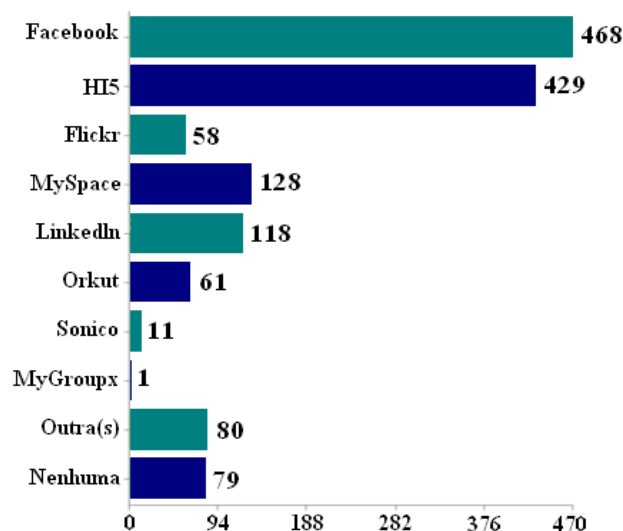


Fig. 22 – Número de utilizadores que afirmaram usar as respectivas Redes Sociais [Amorim, p.14, 2010].

Seiscentos foi o número de inquiridos que responderam ao questionário em causa e onde cada um pôde dar mais que uma resposta.

Como podemos verificar, o Facebook já está à frente no top das Redes Sociais mais usadas, ultrapassando o Hi5. Uma das razões para esta alteração na taxa de utilização a favor do Facebook, para além de muitos outros, está uma das aplicações mais discutidas do mundo, o jogo Farmville, que falaremos um pouco mais adiante neste trabalho.

Mas a utilização do Facebook não se limita às aplicações nele contidas. Podemos encontrar perfis de gente famosa onde comunicam com os seus fãs, como por exemplo Cristiano Ronaldo, que utilizou esta Rede Social para comunicar que tinha sido pai; há também cada vez mais empresas a optarem por ter uma presença nesta Rede Social, como é o caso da Portugal Telecom que usa a sua página no Facebook para prestar apoio aos seus clientes. Existem também empresas que usam as Redes Sociais para recrutar pessoal para os seus quadros – um desses exemplo é a Optimus do grupo Sonae – artistas que divulgam os seus trabalhos através desta plataforma electrónica; por fim a gente anónima que usa o Facebook (ou outra rede) para contactar com os amigos e conhecer novas pessoas.

Motivação para utilizar as Redes Sociais	
Motivo	Nº de respostas
Porque é moda	56
Porque tive curiosidade em experimentar	356
Para conhecer pessoas	138
Para me promover	74
Para encontrar emprego	46
Por insistência de um amigo ou familiar	140
Para ter acesso aos jogos e outras aplicações disponibilizadas	102
Por outro motivo	143

Tabela 7 – Motivação para se usar uma Rede Social [Amorim, p.15, 2010].

No que toca à motivação para uma pessoa utilizar as Redes Sociais, como podemos ver na tabela anterior, a curiosidade para saber como funcionam estas plataformas, que obteve 356 respostas, é o motivo mais apontado pelos utilizadores no trabalho da colega Ana Amorim. Destaque vai para a "insistência de um amigo ou familiar" com 140 respostas (atrás do "outro motivo" que tem 143 respostas). Um salientar especial para as 138 pessoas que assumiram utilizar este tipo de sítios para conhecer novas pessoas. Por fim, outro pormenor de interesse vai para um dos motivos que já abordamos – de forma ténue – neste trabalho e que retomaremos mais à frente, representado pelos 102 indivíduos que dizem procurar as Redes Sociais para acederem a jogos e/ou outras aplicações nelas contidas.

«A importância das redes sociais em Portugal segue a tendência mundial: estão cada vez mais presentes na vida dos cidadãos. O que nos distingue é que os portugueses as procuram essencialmente para comunicação e intercâmbio uns com os outros, enquanto noutros países se destaca a vertente laboral e de informação». [Neves *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010].

Apesar de inicialmente estas plataformas terem ganho fama entre os mais novos – que continuam a ser os mais frequentadores – o sucesso das Redes Sociais tem-se alastrado pelas camadas sociais mais idosas, daí que seja praticamente impossível estabelecer um padrão exacto dos seus utilizadores com as respectivas Redes Sociais e com as idades desses utilizadores.

Nos últimos tempos, as notícias nos media sobre o Facebook têm sido mais que muitas. Para além das polémicas sobre a segurança dos dados pessoais, onde o Facebook é acusado – entre muitas outras coisas – de ter facultado dados pessoais dos seus utilizadores a empresas de publicidade; há também casos caricatos que ocorrem nas Redes Sociais e principalmente tendo como pano de fundo o Facebook. Vejamos alguns exemplos.

a) Os “estranhos” casos ocorridos nas Redes Sociais

Em Maio deste ano – 2010 – uma empresa francesa despediu três dos seus funcionários depois de estes terem tido uma conversa no Facebook e que acabou por chegar ao conhecimento da administração da empresa Alten, que tomou as respectivas medidas. Os problemas começaram com um comentário irónico de um dos três funcionários sobre a direcção da empresa e que deu seguimento a mais críticas dos outros dois colegas. Tudo acabaria por ali se não fosse um amigo do funcionário que originou a conversa não tivesse reencaminhado a mesma para a administração da empresa. Para justificar o despedimento dos três funcionários a empresa francesa afirmou que a atitude dos mesmos era um incitamento à rebelião e que demonstrava desprezo pelos outros colegas e administração.

Por cá também têm acontecido alguns incidentes provocados pelas conversas tidas nas Redes Sociais pelos utilizadores (e funcionários de empresas). O caso mais falado na imprensa e televisões, foi o do grupo de funcionários da TAP que tiveram um debate intenso entre eles através do Facebook, onde criticavam de forma clara e aberta colegas e a própria empresa. Aqui não houve despedimentos mas a empresa obrigou o referido grupo de funcionários a frequentarem um curso de ética.

Esta questão, lançada sobre as conversas tidas em Redes Sociais e onde o tema é a crítica a colegas de trabalho ou até mesmo à própria empresa, têm originado um intenso debate com diversas ramificações: por um lado há quem defenda que as conversas mantidas nessas plataformas e que põem em causa o bom nome da empresa e de colegas são motivos mais que justificados para despedir os funcionários responsáveis por essa conversa; vários juristas – como o advogado João Guedes – dizem que «a liberdade de expressão não é um valor absoluto» [*in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. Com isto, os juristas pretendem explicar que os patrões têm motivos para aplicar processos disciplinares aos funcionários e até despedi-los. Mas mesmo dentro deste grupo há quem defenda que isso não pode acontecer, como afirma Garcia Pereira – especialista em direito de trabalho – «a entidade patronal pode pôr um processo-crime por difamação, mas nunca despedir» [*in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. A excepção para tal acontecer será quando «forem divulgados segredos ou estratégias de negócios» [*in* Diário de Notícias [Em linha], 2010], conclui o jurista. Apesar disso é perfeitamente admissível que, como diz João Guedes, «se alguém escrever que os patrões são uma cambada de vigaristas, a entidade patronal tem razões para despedir» [*in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. Esta discordância nas ideias (se é legítimo ou não que o patrão despeça um funcionário só porque ele escreveu algumas palavras menos agradáveis

numa Rede Social) tem como base o equilíbrio que deve existir entre o direito à liberdade de expressão – prevista na Constituição – e o dever de lealdade, confidencialidade e de gentileza para com a entidade empregadora, algo que está presente no Código de Trabalho. Uma vez que o que pode estar em causa é a quebra de confiança entre a empresa e o funcionário, a lei portuguesa – no que toca a questões relacionadas com as Redes Sociais – ainda é muito omissa provocando estas divergências de opinião.

Para precaver eventuais casos idênticos aos ocorridos na TAP, vários organismos e empresas públicas decidiram tomar medidas. Uma das empresas que se prontificou a definir regras no uso da Internet foi a RTP através do seu director de informação, José Alberto Carvalho que, em Novembro de 2009 recomendou aos jornalistas da estação pública que tivessem cuidado com os conteúdos que colocavam nas suas contas pessoais de blogues ou Redes Sociais como o Facebook ou o Twitter. Tal precedente provocou uma reacção por parte do Sindicato dos Jornalistas que afirma que tais recomendações não poderiam ser consideradas como uma ordem, uma vez que a autoridade do director de informação da RTP não abrange iniciativas privadas.

Quem tomou uma posição radical foi a Câmara Municipal de Coimbra que decidiu vedar o acesso ao Facebook de todos os computadores do município. O presidente da autarquia – Carlos Encarnação – justificou a medida afirmando que «os computadores da Câmara Municipal de Coimbra estão ao serviço público que é exercido pelos funcionários enquanto estão a trabalhar» [Encarnação *in* Diário Económico [Em linha], 2010] e não para satisfazer interesses ou desejos pessoais. Na base desta decisão está, segundo uma reportagem da Rádio Renascença, o facto de uma funcionária camarária ter sido apanhada a jogar Farmville em pleno horário de serviço.

Posições idênticas tomaram algumas das selecções de futebol presentes no campeonato do mundo de África do Sul. Selecções como a da Inglaterra, Holanda ou México, proibiram os seus jogadores de utilizarem as Redes Sociais que muitos usam para comunicar com os adeptos, evitando assim eventuais comentários desagradáveis e que pudessem causar mau estar entre os membros das respectivas selecções. Quem proibiu literalmente o uso de Internet durante todo o Mundial foi a que se iria tornar campeã do mundo, a Espanha, com o motivo claro de evitar distrações dos jogadores. Se tal medida influenciou ou não o rendimento dos atletas, isso não sabemos ao certo, a verdade é que a Espanha sagrou-se campeã mundial pela primeira vez.

Mas as Redes Sociais não são só usadas para “dizer mal” da entidade patronal ou dos colegas, ou até para jogar. À custa de um comentário colocado por um soldado no Facebook,

o exército israelita anulou um bombardeamento a uma localidade da Cisjordânia. Em causa estava uma operação secreta que o referido exército teria planeado e que foi posto a nu com o seguinte comentário: «Nesta quarta-feira vamos limpar Qatana e na quinta-feira, se Deus quiser, voltaremos para casa». Imediatamente o soldado foi suspenso das suas funções e a operação abortada.

Nos Estados Unidos da América, um jovem de 19 anos, acusado de um assalto em Brooklyn, foi libertado da prisão à custa de um comentário posto no Facebook na hora em que o crime tinha ocorrido. Esse comentário foi dirigido à sua namorada grávida, através de um computador em casa do pai do jovem precisamente um minuto antes de o assalto ter ocorrido. Com este *post* – e apoiado por diversos testemunhos – o advogado de defesa conseguiu provar a inocência do jovem rapaz, que mesmo assim esteve em cativeiro 12 dias.

Já no Reino Unido o exemplo é outro. Um recluso de uma prisão de alta segurança ameaçou várias pessoas através do Facebook. Acusado de cumplicidade num homicídio, o detido ameaçou que no dia que regressar a casa queria «ver algumas pessoas nos olhos e ser testemunha do seu medo por me ver» acrescentando que esta «vai ser uma forma de saberem como e que eu me sinto» e que «alguns vão gritar» [*in* TVNet [Em linha], 2010].

Além dos casos referidos anteriormente, as Redes Sociais – em especial o Facebook – servem para movimentar a sociedade em prol de uma causa comum. É o caso do movimento iniciado pelo humorista e radiologista Nuno Markl que através desta plataforma fez com que a marca de gelados ‘Olá’ trouxesse de novo aos seus cartazes o gelado “Fizz Limão”. A iniciativa contou naturalmente com o apoio de muitos internautas.

Outro tipo de mobilização social é o exemplo de uma menina portuguesa de 4 anos, portadora de leucemia e que necessitava de transplantar medula. As tentativas de encontrar um dador passaram inicialmente por envio de mensagens de correio electrónico a pedir ajuda, mas o número de respostas obtidas ficou muito aquém do desejado. Perante o desespero da família, um amigo da família da menina decidiu lançar o desafio de encontrar o tão desejado dador, criando em Abril de 2009 uma página no Facebook. Em meia dúzia de dias a causa de Marta juntou mais de 15 mil amigos, que depressa se empenharam a divulgar a causa pelos seus grupos de amigos; consequentemente milhares de pessoas organizavam-se em recolha de medula. Marta acabou por encontrar três dadores compatíveis – dois dos quais estrangeiros –, e dois meses depois fazia o transplante que lhe salvou a vida. O exemplo de Marta acabou por ser a charneira de muitas outras causas idênticas que têm permitido salvar muitas vidas a outras pessoas que pensariam estar condenadas ao sofrimento e à morte. O movimento de

ajuda a Marta fez com que Portugal ascendesse ao 2º lugar mundial de países com maior número de dadores de medula óssea.

Se o salvar vidas é, ao que parece, uma das missões das Redes Sociais, que o diga a menina Britânica de 2 anos, Grace Freeman que se viu salva de cancro graças à perspicácia da enfermeira Nicola, uma utilizadora do Facebook. Ao fazer uma “visita” pelo álbum fotográfico que Michele – a mãe de Grace – tinha no Facebook, Nicola reparou num pormenor que escaparia ao olhar de muita gente, menos para quem é está habituado a lidar com doentes oncológicos. Certas máquinas fotográficas provocam nas fotografias um efeito avermelhado nos olhos das pessoas e numa foto de Grace esse efeito só se fez notar num dos olhos da menina. No outro olho, o que se via era um reflexo branco. A enfermeira, com 20 anos de experiência, achou esse pormenor como algo anormal. Assim, mandou uma mensagem à mãe da menina a recomendar que levasse Grace a uma consulta de rotina. A verdade é que foi diagnosticado um retinoblastoma no olho da menina. Esse diagnóstico precoce permitiu o combate eficaz ao cancro ocular, apesar de Grace ter de ser acompanhada pelos médicos para o resto da vida, o problema não trouxe sequelas graves para a criança [*in* Jornal Sol [Em linha], 2010].

Outra área em que as Redes Sociais têm influenciado (e muito) é na linguagem, onde muitas palavras vão surgindo e passando a constar nos dicionários. Em Português ainda não se atingiu o mesmo panorama que em outras línguas, como é o caso do Inglês, preferindo-se usar as palavras originárias no mundo anglo-saxónico. De todas as Redes Sociais a que mais tem contribuído com palavras é a plataforma de *microblogging* Twitter; vamos alguns apresentar exemplos espirituosos dessas novas palavras que passaram a estar presentes no prestigiado dicionário o Oxford Dictionary. Começamos pela palavra que em 2009 foi considerada a palavra do ano e que realmente é um termo interessantíssimo, “*unfriend*” que se quisermos traduzir à letra para o Português significará “desamigar”, ou seja, retirar alguém da nossa lista de amigos de uma Rede Social. O termo “*unfriend*” pode ser equiparado a um outro muito usado pelos nossos irmãos brasileiros o “deletar”; outra palavra nova é a “*tweetup*”, que serve para expressar a intenção de se encontrar ou reunir; mais um exemplo é o “*paywall*” que significa bloquear o acesso a uma parte de determinado sítio que esteja apenas disponível apenas para subscritores do serviço. Por fim uma que é utilizada pelos portugueses presentes no Twitter, o termo “*twittar*” que significa escrever na respectiva plataforma de *microblogging*. Enfim, a lista de novas palavras é longa e tem tendência a aumentar fruto de uma utilização mais frequente da Internet.

b) Que tipo de conversas se tem numa Rede Social?

Como temos reparado ao longo deste trabalho, os problemas e as conversas mantidas nas plataformas electrónicas não diferem muito das conversas que se tem à volta de uma mesa de um café ou num banco de jardim. Segundo Gustavo Cardoso «o conteúdo é o mesmo» o que muda é «o suporte e a quantidade de pessoas que estão a “ouvir” a conversa» [Cardoso *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. Muitos utilizadores falam dos seus problemas diários, em casa, no trabalho, no seio de amigos. Só que este tipo de conversas tem a particularidade de ficarem gravadas podendo ser recuperadas facilmente. Este facto pode ter vantagens e desvantagens para quem conversa: se por um lado dá para retomar sem perder um único detalhe de uma conversa que foi interrompida a meio por outro poderão surgir problemas, como aqueles que apontamos anteriormente referentes aos locais de trabalho.

Uma coisa é certa: muitos dos utilizadores das Redes Sociais ainda não têm noção dos limites que deverão ter quando conversam ou colocam alguma coisa por exemplo no Facebook. No caso do assunto exposto for o local de trabalho, como diz Gustavo Cardoso «falta definir o limite entre a lealdade do empregado para com o empregador e a liberdade de expressão. Muitas pessoas ainda não perceberam esses limites de utilização. Têm de pensar se contariam a toda a gente aquilo que põem no Facebook. Sem conhecer esses limites, arriscam-se a que aquilo que escreveram seja visto por quem não queriam» [Cardoso *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010]. A verdade é que muitos desses utilizadores aprendem com os erros cometidos por outros, pois se um teve uma má experiência vai impedir que outros façam a mesma asneira.

7. A Internet, uma autêntica sala de jogos

Uma das funções para que a Internet foi sempre mais utilizada, foi para jogar. Desde os jogos a imitar os Arcade, passando pelos jogos de estratégia, até aos jogos mais sofisticados como o Casino ou o Poker, satisfazendo e criando novos vícios.

O problema criado pelo vício do jogo tem sido tema de variadíssimos debates entre psicólogos, psiquiatras e até mesmo sociólogos pois, tal como qualquer vício, também a dependência do jogo provoca danos no dia-a-dia, muitos deles irreversíveis. Um exemplo destes danos é o caso ocorrido em Setembro de 2009 onde um casal sul coreano viciados em

jogos da Internet deixou morrer à fome a sua filha de três meses. Segundo a investigação da polícia local, os pais da menina passavam 12 horas diárias num cibercafé a jogar, alimentando a bebé só uma vez por dia. O corpo da menina foi encontrado morto pelos pais após uma noite inteira passada a jogar. Quando viram que as suspeitas da polícia recaíam sobre eles tentaram escapar, mas não tiveram muito sucesso na tentativa.

As histórias trágicas por causa dos jogos *on-line* são mais que muitas, tornando-se num problema social em muitos países. Também na Coreia do Sul um homem de 32 anos morreu após ter passado 5 dias seguidos *on-line*.

Falando em números referentes aos portugueses, segundo dados do NetPanel da Marktest divulgados em Junho de 2009, referente ao primeiro quadrimestre do ano, sete em cada dez domínios com mais tempo dispendido pelos portugueses pertenciam a sítios de jogos *on-line*. Nesse mesmo período anual, cerca de 1.724 milhões de portugueses, a partir dos 4 anos, jogaram *on-line*. Os jogos mais procurados eram os de guerra, futebol e de cartas.

«Analisando os jogos mais utilizados pelos portugueses percebe-se também que o perfil do utilizador se divide entre o jogador "casual" e o "hardcore", termos usados pela comunidade "gaming". O "casual" é aquele que prefere jogos com enredos sociais e familiares. Joga por diversão e relaxamento, em casa ou no local de trabalho. O "hardcore" procura estímulos e adrenalina. Joga em casa e durante mais tempo do que o "casual". Prefere enredos com cenários de ficção científica, violência, horror, suspense e guerra. No top dos domínios mais utilizados pelos internautas portugueses, quatro dos sete jogos da tabela pertencem a esta categoria» [Molinos, Cruz *et* Carvalho *in* Jornal de Notícias [Em linha], 2009].

«O facto de os jogos serem gratuitos, ou terem custos de utilização reduzidos, e de correrem nos browsers, não exigindo a instalação nos computadores, são outras das explicações para o sucesso. À receita perfeita de custo e funcionalidade, junta-se um conceito de uso quase descartável: proliferam na Net sites com jogos muito simples e rápidos, desenvolvidos em aplicações informáticas muito simples» [Molinos, Cruz *et* Carvalho *in* Jornal de Notícias [Em linha], 2009].

As tendências e os números vão mudando, como tal é perfeitamente natural que os dados referidos atrás tenham mudado. Quem muito tem contribuído, não só para alterar o panorama de jogos bem como angariando mais jogadores para a Internet é sem dúvida o exemplo que se segue, o FarmVille.

7.1. A febre do FarmVille

Acordar às 4 horas da madrugada só para ordenhar as vacas de uma quinta virtual pode parecer uma anedota, mas é o que muita gente – principalmente mulheres – tem feito nos últimos tempos. O sucesso do jogo FarmVille foi tema de uma grande entrevista da RTP que acompanhou durante uma semana o dia-a-dia de três senhoras da classe média alta – na casa dos 40 anos – que já não viviam sem o papel de agricultoras virtuais. Das três entrevistadas, todas elas ocupavam altos cargos na área de gestão de empresas.

Em termos globais e segundo estimativas, existem mais de 80 milhões de agricultores virtuais, 31 milhões por dia, todos a gerirem as suas quintas com o intuito de aumentar a produção animal e agrícola.

Dos mais de 400 milhões de utilizadores do Facebook, um quinto joga FarmVille, aumentando ao ritmo de 10 milhões de novos agricultores por mês. De todos os jogos contidos no Facebook, o FarmVille é o que está no topo dos mais jogados.

A ideia de criar o FarmVille surgiu no cruzamento da filosofia do Tamagotchi com simuladores lúdicos como o jogo The Sims onde o jogador tem de ajudar uma personagem nas suas lides diárias, a juntar à crescente tendência de agricultura urbana que tem surgido nas grandes cidades ocidentais. Uma receita simples mas eficaz que depressa cativou milhões de pessoas, de tal modo que os seus criadores pretendem “transportá-lo” para outras plataformas como os telemóveis.

De acordo com um estudo realizado para a empresa Popcap Games e divulgado pelo Information Services Group em Fevereiro de 2010, o perfil do jogador de FarmVille é maioritariamente feminino e tem em média 43 anos. Das mulheres inquiridas nesse estudo, cerca de 38% afirmam que jogam várias vezes por dia contra os 29% por parte dos homens que admitem o mesmo.

Apesar de toda a gente falar na quinta virtual, apenas 22% – 316 – dos nossos inquiridos admitiram jogar FarmVille.

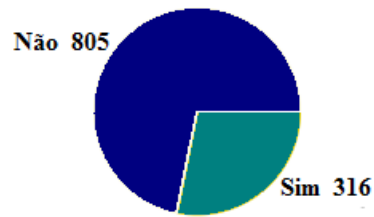


Fig. 23 – Número de indivíduos que afirmam ou não jogar FarmVille.

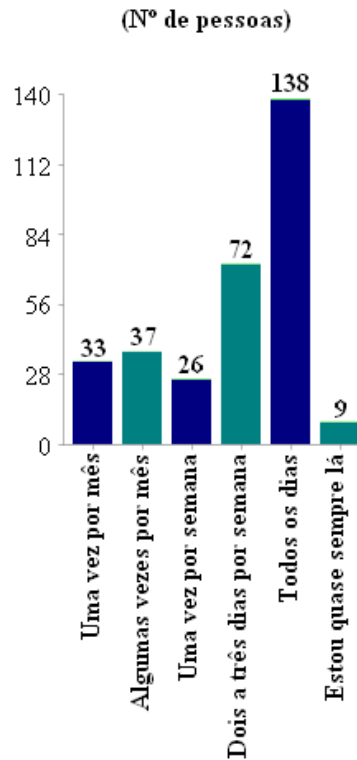


Fig. 24 – Frequência com que o jogo é acessado pelos indivíduos.

Entre os “nossos jogadores”, 138 pessoas assumem que jogam FarmVille todos os dias, o que significa quase metade dos inquiridos afirmaram jogar na “Quinta”. Um valor bastante significativo.

7.1.1. Os números do FarmVille

A fama do jogo FarmVille é bastante ilucidativa como demonstram os números divulgados no portal do Sapo dedicado aos jogos, o “GameOver” e que apresentamos a seguir:

- 80 milhões: Número de utilizadores mensais.
- 31 milhões: Número de utilizadores diários.
- 54 milhões: Número de utilizadores semanais.
- 4 milhões: Número de utilizadores activos conquistados em menos de duas semanas.
- 10 milhões: Número de utilizadores conquistados entre Janeiro e Fevereiro de 2010.
- 1 milhão: Número total de dólares doados por utilizadores de FarmVille, através da compra de presentes virtuais, durante a campanha realizada pela Zynga¹³ para a ajuda às vítimas do terramoto do Haiti.
- 10 milhões: Número de fãs conquistados pela Zynga para a página no Facebook de FarmVille durante o período de oferta de uma abóbora especial de Halloween, apenas enviada aos seguidores do jogo.
- 220 milhões: Número de presentes virtuais de Dia de São Valentim trocados por utilizadores de FarmVille em apenas 18 horas.
- 1.2% da população mundial joga FarmVille mensalmente.
- Dos 200 milhões dos utilizadores que diariamente se ligam ao Facebook, 15% jogam FarmVille.

Estes números demonstram que o FarmVille conquistou as pessoas.

8. A Comunicação Social e a Internet

Se há grupo que beneficiou e que se transformou significativamente com a Internet e essencialmente com a banda larga, esse grupo foi a Comunicação Social. «A banda larga mudou a forma como se faz jornalismo, transformando os jornais em agências noticiosas, as televisões numa mistura de tecnologia e conteúdos e as rádios em amigos sempre presentes» [Cardoso *in* Repórter do Marão (com Lusa) [Em linha], 2009].

Esta mutação da rede obrigou a que os jornais tenham a sua informação sempre actualizada, com conteúdos que abrangem diversos públicos, um jornal que esteja *on-line* não se pode dar ao luxo de ter informação só para um determinado tipo de público. Se assim for, está a sentenciar-se a si próprio à “morte”. Um desses bons exemplos é o jornal Diário Económico – <http://economico.sapo.pt> – um jornal de cariz quase em exclusivo económico no

¹³ Empresa responsável pelo desenvolvimento do jogo FarmVille.

papel, mas que no seu sítio na Internet aborda todos os temas intrínsecos à sociedade. Gustavo Cardoso confirma esta teoria dizendo que «é uma mudança de paradigma. Tornam-se essencialmente numa agência de notícias que vende para grupos de públicos diferenciados. Há um consumidor tipo para o *on-line* e outro para o papel» [Cardoso *in* Repórter do Marão (com Lusa) [Em linha], 2009].

Perante este novo figurino do mundo jornalístico, que tem de chegar a vários tipos de destinatários, quem tiver a ideia de que pode escrever para todos da mesma maneira está a errar nessa teoria e ao mesmo tempo está-se a condenar ao fracasso.



Fig. 25 – Página principal do jornal Diário Económico.

Como já vimos neste nosso trabalho dos nossos inquiridos que responderam à questão onde queríamos saber para que finalidade usavam a Internet, obtivemos como resposta “ver notícias” em cerca de 74%. Este número mostra a tendência nacional e mundial de fazer da Internet uma das principais fontes para recolher informação, sendo que já é apontada por muitos como a segunda maior fonte a ser usada pelas pessoas, ficando apenas atrás da televisão. «A Internet retirou algum público à rádio e aos jornais mas não à televisão o que faz dela uma espécie de ‘remix’ de tecnologia e de conteúdos» [Cardoso *in* Repórter do Marão (com Lusa) [Em linha], 2009].

8.1. As “novas oportunidades” da Comunicação Social

A Internet para além das mudanças de paradigmas mencionadas atrás, trouxe novas oportunidades para a Comunicação Social que até então não estavam ao alcance dos respectivos.

Exemplos disso são os órgãos de comunicação mais orientados para o audiovisual. Se antes era difícil criar uma estação de televisão devido às imensas normas legislativas, mesmo que a mesma fosse para ser transmitida na rede de cabo, e também devido aos elevados custos inerentes, com a Internet a proliferação de canais “televisivos” foi uma realidade. Temos canais de *WebTV* de carácter nacional e noticioso, como é o caso da TVNet – <http://tvnet.sapo.pt> – que para além de ter no seu sítio vários vídeos sobre a actualidade informativa sobre os mais variados temas que interessam aos cibernautas, têm também uma emissão em directo com programas e serviços informativos como se de um canal convencional se tratasse; há ainda canais com uma focalização mais regionalista ou local, onde se pode acompanhar as actividades culturais, civis, políticas inerentes às regiões onde as respectivas *WebTV* estão inseridas. Um dos bons exemplos desses canais regionalistas é o Valsousa TV – www.valedosousa.tv – que se dedica a “mostrar” ao mundo o que se vai fazendo pela região do Vale de Sousa.

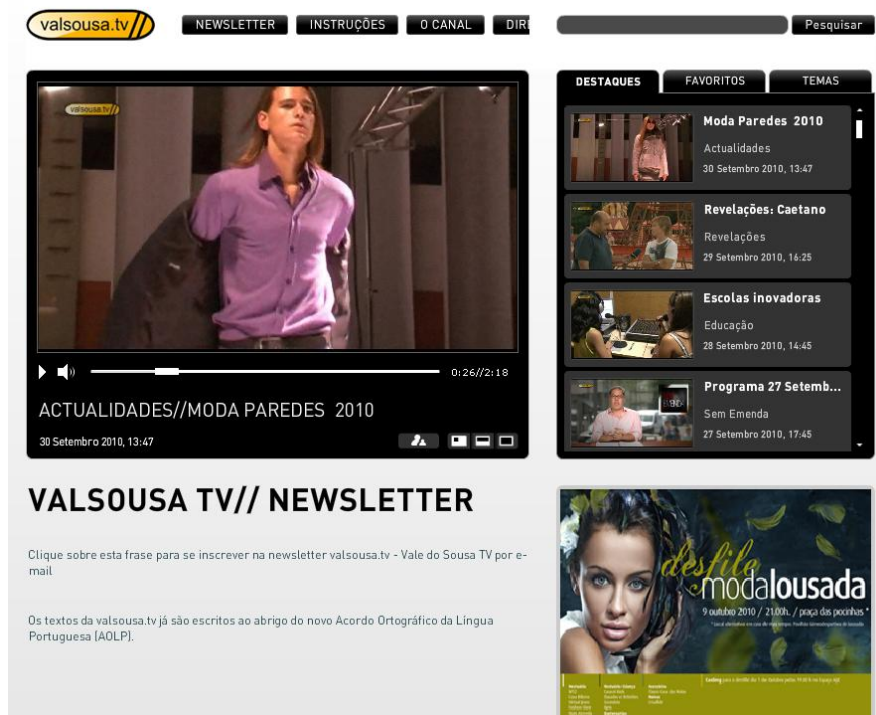


Fig. 26 – Página do Valsousa TV.

Uma das vantagens em se criar um canal de *WebTV* em detrimento de um canal de televisão convencional está, para além de eventuais custos monetários, no número de pessoas a que estes canais podem chegar. Passam de uma escala nacional – dos canais convencionais – para uma escala global, permitindo que as emissões sejam vistas não só pelos residentes no país, mas também pelos emigrantes espalhados pelo mundo, que têm nestes canais uma porta aberta para o seu país ou região e assim diminuir as saudades que se tem de casa.

Para além da oportunidade de se criar uma *WebTV*, a Internet deu asas a novas rádios – *WebRádios* – e a jornais cujo seu suporte é inteiramente a WWW, exemplo do Diário Digital – <http://diariodigital.sapo.pt>.

The image shows the main page of the Diário Digital website. At the top, there is a search bar and a navigation menu with categories: MUNDO, POLÍTICA, SOCIEDADE, AMBIENTE, SAÚDE, PESSOAS, ECONOMIA, DESPORTO, CULTURA, TV E CINEMA, MULTIMÉDIA, INFORMÁTICA, MÚSICA. The main content area is divided into several sections. On the left, there is a large article titled 'Debate quinzenal centrado na política económica e finanças' with a sub-header 'DEBATE NA AR'. To the right of this, there are several smaller news items with images and headlines, such as 'Cavaco Silva «confia» nos partidos', 'Luz é boa «para voltar às vitórias»', and 'Ernst & Young: Portugal regressa à recessão no 2º semestre'. Below these, there is a 'Destaque' section with a list of news items. At the bottom right, there is a 'Tempo' section showing weather forecasts for Lisboa, Porto, and Faro. The website's logo and name 'diáriodigital' are visible in the top left corner.

Fig. 27 – Página principal do jornal *on-line* Diário Digital.

8.2. O futuro do jornalismo *on-line*

É certo que o jornalismo tem muito a ganhar com a Internet mas para tirar proveito de todas as potencialidades que a mesma lhe pode dar, tem que ter em consideração alguns factores que serão importantíssimos para o sucesso do trabalho realizado ao ponto de satisfazer os seus consumidores.

A base do ciberjornalismo está de certa forma assente nos pilares do jornalismo convencional, isto porque o jornalismo nasceu ligado ao papel e é neste tipo que as referências teóricas e práticas estão consolidadas, sem deixar de dizer que os leitores do *on-line* antes era leitor do papel, ou seja, se lêem na Internet é muito à custa do jornal convencional. Com o passar do tempo, irão surgir novas teorias e práticas para este novo tipo de jornalismo assente na Internet. A forma de se fazer jornalismo vai ser bastante diferente do até então. Isto porque o próprio leitor de informação também será ele diferente, não será o leitor contemplativo da época pré-industrial, nem o simples leitor de jornais que surgiu com a Revolução Industrial, será sim um leitor imersivo como diz Santaella (2004). Aquele leitor que segundo Gillmor (2005) entra no mundo da virtualidade não só para sugerir pautas ao repórter, ou que telefona para a rádio, ou aquele que escreve ao editor do jornal a dar a sua opinião; esse leitor ou ouvinte dará origem a um indivíduo mais activo. Actualmente já vemos um pouco desse novo figurino, basta reparar nos imensos blogues existentes onde cada pessoa assume um pouco o papel de jornalista, papel este que é um acto cívico do cidadão. Outro exemplo desse indivíduo activo é os imensos colaboradores de enciclopédias livres como a Wikipedia, sem querer-mos salientar a falta de rigor que existe em alguns textos nela contida [Bertocchi, p. 1297, 2005]. Outro ponto a ter em conta é o facto de o jornalismo passar a ser feito para um jornalismo feito por muitos e lido por muitos também, em detrimento do ser feito por um – jornalista – e lido por muitos.

Segundos dados do estudo “Retrato dos jornalistas on-line em Portugal”, apresentados no SOPCOM de 2006 e que inquiriu 54 jornalistas que trabalham na área do *on-line*, cerca de 90,7% afirma que a Internet é um novo meio de comunicação social. Questionados sobre a hipotética hipótese de o ciberjornalismo ser apenas uma moda e que acabará por desaparecer, 98,1% dos jornalistas discordam com tal ideia.

8.2.1. Os desafios e os constrangimentos a ultrapassar

Nem tudo é tão linear e fácil para este “novo” jornalismo. É necessário ter em consideração alguns dos desafios e constrangimentos que é necessário ultrapassar.

Da parte dos profissionais, a evolução do seu trabalho dependerá (e muito) do modelo económico que se adapte para financiar as publicações. Até que ponto os utilizadores estão dispostos a pagar para ver informação *on-line*? Segundo o estudo “A Internet e a Imprensa em Portugal”, publicado em 2003 [Canavilhas, 2006], o que levaria a um indivíduo pagar para ter acesso à informação prende-se primeiramente com o desejo de se aceder a essa informação

num suporte multimédia; outro dos motivos estava subjacente à actualização permanente da mesma; por fim, a possibilidade de trocar informações e ideias com os jornalistas era apontado como motivo para se pagar pela informação *on-line*.

De facto, a maior dificuldade para a emissão de informação *on-line* prende-se com as questões de sustentabilidade financeira dos órgãos de comunicação. Apesar do tempo ter corrido relativamente depressa desde que a Comunicação Social entrou na Internet – por exemplo o Jornal de Notícias criou o seu espaço *on-line* nos finais da década de 90 do Séc. XX – ainda não se encontrou o modelo de financeiro adequado para sustentar as empresas detentoras dos órgãos de comunicação. Já se testaram três modelos: «o pagamento do acesso à informação, o acesso gratuito às últimas edições mas com necessidade de registo (financiamento através de publicidade dirigida) e o acesso sem restrições, onde o financiamento depende da publicidade e da venda de conteúdos» [Canavilhas, p.116, 2006]. Todos eles sem responder com verdadeira eficácia às necessidades das respectivas empresas, levando ao desinvestimento nos recursos humanos.

O tipo de acesso à Internet é outro dos constrangimentos para o jornalismo entrar em força na *Web*, isto porque o ciberjornalismo requer acessos mais rápidos para utilizar hipermédia¹⁴. Apesar do crescimento dos últimos anos, o número de lares com ligações de Banda Larga – como o ADSL – ainda é diminuto, o que limita a acção do jornalista.

Em termos de recepção de informação, outro dos problemas é mesmo relacionado com o leitor e a sua falta de competências para descodificar conteúdos multimédia. «A introdução de uma nova linguagem implica o domínio de novas competências narrativas, linguísticas, iconográficas e estéticas o que, provavelmente, vai levar algum tempo» [Canavilhas, p. 116, 2006]. Exemplo dessa aparente falta de competências por parte do leitor, é o facto de que as palavras de um texto que contenham uma ligação para outro local não estarem sublinhadas, faz com que o leitor não siga essa ligação para ver o que ela contém. Nem mesmo a mudança do ponteiro do rato mudar para uma “mão” – quando existe uma hiperligação – é associada por esse leitor como sendo uma aporta de entrada para um outro dado que pode ser relevante.

Dos desafios que a Internet poderá provocar a quem produz ciberjornalismo, prende-se com capacidade do jornalista, ou seja, um jornalista que trabalhe nesta nova área tem de ser multifacetado: para além dos conhecimentos inerentes ao texto jornalístico, tem também que dominar outras técnicas fundamentais no mundo cibernético; tem de saber lidar com conteúdos multimédia, para integrar infografias, sons e vídeos o que «implica conhecimentos

¹⁴ Associação de texto, som e imagem, de tal modo que o utilizador pode passar de um para outro independentemente da sua sequência linear

técnicos nos campos do tratamento de imagem, animação vectorial, edição de vídeo/som e HTML» [Canavilhas, p. 117, 2006]. Por fim uma abordagem à redacção de notícias que também sofre grandes transformações: passa da tradicional técnica de “pirâmide invertida”¹⁵ para uma «arquitectura noticiosa mais aberta, com blocos de informação organizados em diferentes modelos, sejam eles lineares ou complexos» [Canavilhas, p. 117, 2006].

«O elemento base da notícia, um primeiro nível onde todos os utilizadores iniciam o seu percurso de leitura, deve ser um parágrafo ou uma infografia que responda de forma simplificada ao “Quem”, “Onde”, “O quê” e “Quando”. A partir deste elemento, que deverá incluir *links*, a notícia evolui de forma livre para o “Como” e o “Porquê”, com o utilizador a escolher o seu percurso de leitura. No fundo, a produção da notícia deverá ter como base um guião muito semelhante ao de um jogo, prevendo todas as possibilidades de leitura» [Canavilhas, p. 117;118, 2006].

Em suma, o novo jornalismo vai exigir ao ciber jornalista maiores capacidades técnicas para satisfazer os anseios de um leitor cada vez mais exigente que não se contentará com qualquer coisa que lhe possam dar.

9. A política e a Internet

Exercer a cidadania em pleno requer o envolvimento de todos os seus actores. De uma forma mais simples, os cidadãos devem-se sentir parte integrante do mesmo sistema e que as suas intervenções vão surtir efeito e assim sentirem-se úteis para a sociedade. Neste aspecto, a Internet tem cada vez mais um papel importantíssimo na prática da cidadania; até agora esse papel de “praça pública” era representado pela televisão. Com a complexidade que o quadro político ganhou com a entrada de Portugal na União Europeia, a sensação de distanciamento e incapacidade do cidadão em influenciar as decisões políticas aumentou, isto tudo quando o descrédito da classe política é clarividente.

A Internet será uma boa ferramenta para combater essas dificuldades mas para isso acontecer será também necessário tomar decisões políticas certas e ter consciência dos riscos

¹⁵ «A pirâmide invertida é a técnica mais comum de construção das notícias e segue-se naturalmente da elaboração de um bom *lead* directo. Significa, muito simplesmente, que numa notícia, a seguir ao *lead*, todas as restantes informações são dadas por ordem decrescente de importância, de forma que, à medida que se vai descendo no corpo da notícia, os factos relatados se vão tornando cada vez menos essenciais. Pirâmide invertida porque a base desta, aquilo que é “noticiosamente” mais importante, se encontra no topo» [Gradim [Em linha], 2000].

inerentes à Rede Global. Conjugando estes vários factores, a Internet tornar-se-á num grande recurso para reaproximar a sociedade civil da classe política.

Esta percepção sobre o poder da Internet, só há poucos anos é que começou a ser vista pelos políticos portugueses e mesmo assim feita muito ao de leve. É de extrema necessidade o candidato político tornar-se num ser comunicativo multifacetado capaz de comunicar no contacto directo com as pessoas, na televisão, na rádio e cada vez mais na Internet.

Apesar de ainda ser de forma subtil, os partidos portugueses já fazem da Internet um local assíduo de presença. Se bem que visitando os sítios da Internet vemos que há diferenças na utilização dos sítios. Se os dois principais partidos têm já um local rico em conteúdos multimédia como fotos, vídeos e áudio. As páginas servem para apresentar as propostas dos respectivos partidos, criticar – no caso da oposição – as tomadas de decisão do governo, ou para mostrar a obra feita – no caso do partido que está no poder. Além disso os espaços virtuais dos partidos na Internet funcionam como elo de ligação com os militantes, onde encontram disponíveis serviços exclusivos como o pagamento das quotas.



Fig. 28 – Vista das páginas na Internet dos principais partidos portugueses.

No questionário que realizamos para este trabalho, perguntamos aos inquiridos se já tinham visitado pelo menos um sítio na Internet dos partidos portugueses. As respostas estão traduzidas no gráfico da figura seguinte.

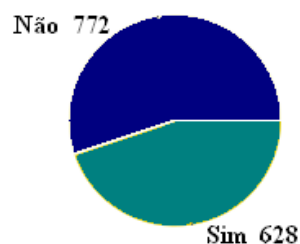


Fig. 29 – Número de pessoas que visitaram ou não sítios partidários na Internet.

Os 628 inquiridos que disseram já terem ido visitar os partidos *on-line*, justificaram essa visita da seguinte forma:

Circunstâncias em que se visitou os sítios dos partidos	
Motivo	Nº de respostas
Durante períodos eleitorais	370
Fora dos períodos eleitorais	138
Por mera curiosidade	351
Outro motivo	49

Tabela 8 – Circunstâncias em que foi feita a visita aos sítios partidários.

Como podemos verificar, grande parte dos inquiridos que responderam que visitaram os sítios dos partidos fá-lo em tempo de eleições para se informarem das propostas de cada um. A outra grande fatia de respostas vai para a “mera curiosidade” com 351 respostas, número que mostra que os portugueses têm curiosidade de saber o que eles mesmo dizem. Entre os 49 indivíduos que apontaram “outro motivo” para irem até aos sítios partidários, as respostas variam entre “motivos profissionais”, “trabalhos escolares/académicos” e “pagar quotas” ou até mesmo para se filiarem ao partido preferido.

A Internet tem ganho uma grande importância para os cidadãos se informarem e decidirem o seu voto. Os maiores partidos, tendo essa percepção, têm apostado cada vez mais na comunicação com os eleitores via Internet. Criam sítios com conteúdos cada vez mais elaborados e dedicados em exclusivo ao acto eleitoral em causa. O exemplo mais forte que demonstra essa aposta foi sem dúvida o sítio da campanha eleitoral de José Sócrates – www.socrates2009.pt –, influenciado pelo fenómeno Obama que fez da Internet um dos principais locais de angariação de votos na campanha para as presidenciais nos Estados Unidos.



Fig. 30 – Vista da página na Internet da campanha de José Sócrates em 2009.

A febre de usar a Internet como meio mobilizador e angariador de potenciais votantes também atinge as campanhas autárquicas. Raro é o candidato, movimento ou concelhia de qualquer partido que não crie uma página na Internet.

Nas últimas autárquicas, realizadas também em 2009, um dos sítios de campanha presentes na Internet que mais nos despertou a atenção foi o do movimento "Sempre Presente XVI" candidato à Câmara Municipal de Felgueiras cuja cabeça de lista era Fátima Felgueiras.



Fig. 31 – Vista da página na Internet da campanha autárquica de Fátima Felgueiras em 2009.

Para além dos conteúdos multimédia nele inserido, houve um cuidado com o aspecto gráfico do sítio algo pouco comum nas lides autárquicas, onde a maioria se limita a criar um

espaço na Internet e colocar lá uns textos e de vez em quando um vídeo, sem se preocuparem com o aspecto desse mesmo espaço. Salienta-se este facto porque fazendo jus à velha máxima “os olhos também comem”, na política quem tiver uma boa imagem leva desde logo uma vantagem face aos adversários menos cuidadosos no agradar à vista dos eleitores. Comparando com Fátima Felgueiras, outro aspecto que não se viu muito em outras campanhas, é que para além da página oficial do movimento a campanha eleitoral alastrou-se para algumas das mais famosas Redes Sociais, como o Facebook ou o Twitter.

Neste trabalho mencionamos já algumas vantagens para a classe política mas há muitas mais a salientar, principalmente para os partidos mais pequenos. Devido à fraca força que os partidos sem assento parlamentar têm, é-lhes muito difícil fazerem-se ouvir nos meios convencionais como a televisão e assim mostrarem-se perante o eleitorado. Assim a Internet trás vantagens para esses partidos, pois encontram nesse espaço o lugar ideal para fazerem passar a sua voz, as suas propostas. Tudo isso sem os condicionantes que os direitos de antena previstos na lei têm em termos de espaço temporal e até mesmo por questões monetárias, pois a presença na Internet é sem sombras de dúvidas mais económico.

«A Internet é o meio mais democrático de que podemos dispor, pois permite a qualquer um disponibilizar todo o tipo de informação que considera útil e relevante para um determinado fim e todos podem ter acesso a essa informação. (...)

(...) Todos estes aspectos contribuem para estimular o político e o cidadão a participar mais activamente na vida política, revitalizando a participação democrática, o que, para muitos, é sinónimo de menor abstenção às urnas. Estabelece-se um mercado livre de ideias onde o político e o cidadão interagem de uma forma totalmente nova, podendo até, no limite, permitir a recriação de laços de identificação, entre estes dois actores sociais, típicos de comunidades mais pequenas onde todos se conhecem» [Sepulveda, p.32:33, 2000].

Mas a Internet, no que à política diz respeito, não trás só vantagens. É preciso ter em conta que há problemas, como é caso da possibilidade de roubo de dados sensíveis referentes aos utilizadores que vão a um sítio partidário para, por exemplo, pagar as suas quotas de militância. Outros dos perigos que se pode ter de se enfrentar tem precisamente a ver com a tal liberdade inerente à Internet; pois sendo considerado o local onde existe maior democracia, poderão surgir indivíduos ou grupos de indivíduos ajudados pelo anonimato, que profiram palavras insultuosas e de carácter.

A noção dos problemas que a Internet poderá trazer nos campos em cima referidos, principalmente a questão da liberdade excessiva e a falta de se poder censurar, está presente nas agendas ou pensamentos dos governantes, pois esses mesmos problemas podem dar

origem a uma prática política totalmente sem controlo e com finais imprevisíveis. A tentativa de solucionar esses problemas dá origem a outros dois que causam controvérsia e sem resolução à vista desarmada. Por um lado temos um problema meramente técnico, por outro – e o mais sensível – é de cariz político: em termos técnicos a maior dificuldade está na criação de um software capaz de responder às necessidades dos políticos e, essencialmente, do governo; no que à política diz respeito, são levantadas algumas questões pertinentes: «é legítimo ou não criar formas de controlo e de censura da prática política na Internet? Se sim, que tipo de actividades permitir? Como seleccionar as práticas permitidas das não permitidas?» [Sepulveda, p.36, 2000]. Estas questões geram muita polémica e debates entre os seus actores e que põem em cheque o que é realmente a democracia e a liberdade dos cidadãos.

Para se evitar esses problemas todos, os governos têm que fazer algum trabalho que se acha essencial para o efeito, com isso os riscos que poderão existir serão diminuídos ao máximo. Primeiro, é consensual que os governos dêem oportunidade de igualdade no acesso às Novas Tecnologias evitando-se assim a infoexclusão; é primordial que se disponibilizem um acesso generalizado às TIC em locais públicos como bibliotecas, escolas, estabelecimentos com pontos de acesso à Internet, nas instalações autárquicas e em outros locais públicos relevantes; mas esse acesso tem de englobar todos os cidadãos sem excepção, mesmo para aqueles que têm limitações físicas e/ou sensoriais. Directamente relacionada com a infoexclusão, a iliteracia informática tem que ser combatida de forma a aproximar os cidadãos dos meios tecnológicos como é o caso do computador. É preciso quebrar resistências existentes; não é uma tarefa fácil em países como Portugal, pois ainda existe muita iliteracia noutros aspectos, só quando esta for sanada é que se pode partir para a iliteracia informática. É também vital garantir a qualidade e veracidade da informação contida na Internet, evitando assim qualquer medida de censura; neste mundo há excesso de informação o que torna difícil geri-la seja por quem for, é preciso criar algum mecanismo que garantisse essa qualidade; acontece que tais medidas não agradariam àqueles que defendem uma internet 100% livre. Outras das preocupações que se deve ter em conta – principalmente quando o sítio dá para fazer pagamentos das quotas ou até para fazer donativos – tem a ver com a confidencialidade dos dados inseridos no sítio e a respectiva privacidade dos seus utilizadores: dado esses que podem ser roubados por piratas informáticos e posteriormente cedidos por exemplo a empresas de cariz publicitário. Finalmente, uma referência à criação de sítios não oficiais dos partidos ou candidatos que são usados para difamar o verdadeiro dono do sítio oficial, colocam dados falsos e lançam rumores que ganham um efeito “bola de neve”

aumentando a sua divulgação pelos cidadãos; há também quem adultere o próprio sítio oficial do partido ou candidato, o objectivo é o mesmo apontado atrás, difamar, criar contra-informação. Esta última técnica consiste em fazer o *download* completo do sítio por parte de um pirata informático, uma vez na posse de todo o material são feitas as alterações pretendidas, feito isso devolve-se o material ao seu local de origem através de um *upload*. Um exemplo deste tipo de ataques ocorreu em 1996 com um ataque a um sítio de um candidato às presidenciais dos Estados Unidos da América.

Segundo Anthony Corrado, algumas «pessoas copiaram as páginas de alguns candidatos e usaram-nas para criar outras para criticar e gozar com esses candidatos. Por exemplo a de Bob Dole para as presidenciais (www.dole96.org) foi uma das páginas copiadas e onde a substituta gozava com o senador ligando-o aos abacaxis Dole e a outras informações sobre frutos e produtos hortícolas» [Sepulveda, p.40:41, 2000].

Os políticos e os seus colaboradores de campanha – nomeadamente os responsáveis informáticos pelo sítio *on-line* –, têm de considerar que é necessário aplicar medidas de segurança apertadas e monitorizar o sítio para evitar percalços deste tipo e que podem ter efeitos irreversíveis futuramente.

Voltando às coisas boas que a Internet poderá dar à relação política *versus* cidadão, podemos dizer que se os políticos souberem aproveitar todo o potencial que este meio de comunicação fornece, aproximar-se-ão dos eleitores mais facilmente e assim dissiparem a má imagem que possuem. Além disso, podem conquistar um grupo social que pelas suas características está sempre mais afastado da política e são o grupo dominante na utilização da Internet; falamos naturalmente dos mais jovens que são sem dúvida os mais descrentes do mundo político. Esta barreira pode ser derrubada se os actores políticos souberem manobrar todas as capacidades da Internet; isto foi conseguido por Barak Obama que, à custa da Internet, conseguiu com que muitos eleitores jovens votassem nele. É certo que a Internet por si só não os motivou a votar em Obama, mas a mesma permitiu que os jovens participassem de forma activa no programa eleitoral do candidato e assim sentirem-se protagonistas do futuro do país.

A Internet tem ganho cada vez mais um papel preponderante para o cidadão/eleitor se informar e tomar decisões sobre a intenção do seu voto. Segundo um inquérito realizado a 365 portugueses no ano de 2009 pela empresa de estudos de mercado Netsonda, cerca de 60% dos inquiridos dizem que se informaram na Internet sobre os candidatos às eleições desse ano. Este número ganha relevo comparados com os 31% obtidos nas eleições anteriores – 2005. Em termos de fontes de informação o destaque vai para os sítios de alguns jornais de renome:

“Jornal de Notícias”, “Público”, “Diário de Notícias” ou semanário “Expresso”, cerca de 86% dos inquiridos diz serem estes os locais onde se informam, onde cada individuo acede em média a quatro sítios deste tipo; para além disso vão também consultar blogues, fóruns ou até mesmo as Redes Sociais. 45% dos inquiridos assumiram terem ido pelo menos uma vez a um sítio partidário na Internet e onde em termos de notoriedade o destaque foi para a página de José Sócrates (www.socrates2009.org) com 47% dos inquiridos a conhecerem o sítio, contra os 44% alcançado pelo “Política de Verdade” de Manuela Ferreira Leite (www.politicadeverdade.com) [Jornal Metro, 2009].



Fig. 32 – Vista da página na Internet da campanha de Manuela Ferreira Leite em 2009.

Ainda no que ao cidadão diz respeito, como já mencionamos, as TIC só trazem vantagens para a sua participação cívica ser maior e mais eficiente. A criação de comunidades virtuais para se discutir questões pertinentes no dia-a-dia do país, os debates em fóruns, os textos de opinião publicados em blogues, fazem com que o cidadão comum seja mais activo na sua cidadania. Estes actos podem ter um papel preponderante em certas tomadas de decisão por parte dos governantes. Como diz Luís Borges Gouveia¹⁶ na entrevista que nos concedeu, «existem casos em que fóruns de discussão passam a ter uma contraparte virtual e é possível que muitos deles comecem a considerar essa contraparte como o principal modo de diálogo». Mas quem optar por esta via de intervencionismo tem de ter em conta os custos que lhe são associados, bem como a complexidade de gerir a informação que deposite no seu espaço na Internet.

¹⁶ Professor Associado da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa.

«Mas importa perceber se e como é que as TIC estão a fazer mudar os sistemas democráticos, de forma a prevenir excessos de expectativas que se transformem em grandes decepções. Propõem-se três abordagens para conceptualizar o modo como a Internet afecta o capital social (QuanHaase & Wellman, 2002): de uma forma transformativa para os contactos sociais e para o envolvimento cívico, em que as solidariedades baseadas em grupos locais dão lugar a redes mais dispersas em termos geográficos e de interesses de uma forma redutora, em que as actividades lúdicas captam o interesse das pessoas, que ficam assim menos disponíveis para os assuntos da sua comunidade e de uma forma suplementar, em que se criam novos padrões de contacto social, que as pessoas passam a usar para os fins que perseguem, em paralelo com os meios que já usavam (contactos pessoais, telefone, carta, grupos de influência e organizações políticas tradicionais)» [Constantino *et* Gouveia [Em linha], p:5, 2009].

Carlos Zorrinho – Coordenador Nacional do Plano Tecnológico e do sítio da campanha de José Sócrates – questionado sobre se a política poder ignorar a influência da Internet na escolha de um candidato pelo eleitorado, numa entrevista ao jornal Metro, afirma que «há erros que não podem ser cometidos, como pensar que a internet substitui o contacto porta a porta. A internet tem de ser complementar. A sociedade é cada vez mais fragmentada e esta permite juntar pessoas para debater ideias. Criam-se bairros virtuais, comunidades onde se pensa, se discute e se informa. Nenhum político moderno pode ignorar isso» [Jornal Metro, 2009].

No futuro, Zorrinho afirma que, todas as fórmulas para chegar ao eleitorado – televisão ou rádio (tempo de antena), *Outdoors* - não vão desaparecer por causa da importância que a Internet tem ganho, pois haverá espaço para todos os meios «mas essencialmente, julgo que será a fórmula contacto pessoal com contacto via internet» [Jornal Metro, 2009] a fórmula predominante. Esta ideia é, também, mais ou menos defendida por Gouveia que nos diz que a Internet «é mais um canal que não substitui o contacto humano. No entanto, o “efeito Obama” faz com que os políticos repensem o impacto e as vantagens do seu uso, quer em capacidade de mobilização, quer no impacto/custo que proporciona».

Um dos últimos exemplos de mobilização dado por partidos portugueses veio pela mão do Partido Social Democrata – PSD. Em tempo de crise, e quando se discute as medidas de austeridade bem como a necessidade urgente de cortar nas despesas e não no aumento dos impostos para equilibrar o défice orçamental, o PSD utilizou a Internet para perguntar aos portugueses onde se deve cortar nas despesas. Para esse efeito, o gabinete de estudos do partido criou um sítio na Internet (www.cortardespesas.com) onde apela que os cidadãos deixem as suas sugestões de onde e como cortar na despesa pública; pretendendo assim, tal

como o presidente do gabinete – José Manuel Canavarro – afirma, promover «um *brainstorming*¹⁷ colectivo sobre a redução da despesa» [*in* Diário Económico (com Lusa) [Em linha], 2010] do Estado. «Queremos ouvir as pessoas, o funcionário do Estado, o colaborador duma empresa pública, o funcionário duma autarquia, o empresário que se relaciona com o Estado, o cidadão comum que procura serviços públicos, do estudante ao pensionista. Acreditamos que as pessoas podem dar ideias e definir acções importantes para que se possa fazer melhor com redução da despesa, sem prejudicar a qualidade do serviço prestado», continua Canavarro [*in* Diário Económico (com Lusa) [Em linha], 2010]. Depois de levantadas todas as sugestões dadas pelos cidadãos, as mesmas serão analisadas com as quais surgirá uma síntese que será enviada ao Parlamento para promover posteriormente uma discussão pública sobre as propostas apresentadas. Mas o projecto “Cortar na despesa”, de acordo com Canavarro, não se limitará a recolher opiniões, será também usado como instrumento de monitorização pois os mentores deste projecto continuarão «a comunicar com os portugueses para saber como decorre, em concreto em cada serviço, em cada empresa pública, a execução orçamental, avaliada pelos próprios cidadãos em termos de mudança de comportamentos, atitudes e procedimentos. Saber se nos serviços do Estado existe capacidade para fazer com qualidade gastando menos será um dos objectivos de *follow up* desta iniciativa» [*in* Diário Económico (com Lusa) [Em linha], 2010].

O sucesso desta iniciativa, segundo dados dos promotores do sítio, foi amplamente superior ao que estavam à espera. Desde o seu início e em apenas quatro dias, a página obteve mais de 76 mil visitas e cerca de 10 mil propostas para corte de despesas do Estado.

Este exemplo serve para ilustrar um pouco do que poderá ser a relação partidos *versus* cidadão num futuro bem próximo, tendo a Internet como meio mobilizador dessa relação. Com um simples gesto, qualquer partido – ou outra organização – pode fazer com que os cidadãos tenham uma participação cívica mais activa, tendo como objectivo de criar um futuro melhor para o país.

¹⁷ «Método de geração colectiva de novas ideias através da contribuição e participação de diversos indivíduos inseridos num grupo» [Nunes [Em linha], 2007].



Melhor Estado.

Portugal está confrontado com problemas sérios no modo como gasta os seus recursos financeiros, como gasta o seu dinheiro ou como não o poupa.

Precisamos de serviços públicos mais eficientes, mais ágeis, mais capazes de funcionar com qualidade evitando desperdícios.

Pensamos que todos os Portugueses podem colaborar neste desafio de colocar o Estado a fazer melhor gastando menos. Aqueles que trabalham nos serviços públicos locais, regionais ou centrais podem seguramente sugerir formas adequadas de cortar em despesas não essenciais para o funcionamento dos seus Serviços. Todos os que se relacionam com os diferentes serviços públicos podem também sugerir modos de otimizar o respectivo funcionamento.

Acreditamos que com as sugestões e propostas que nos remeterão conseguiremos estruturar um melhor plano para reduzir a despesa.

Comprometemo-nos a analisar as sugestões, sector a sector e de forma global, e a elaborar uma

Mobilização cívica

O cortardespesas.com, iniciativa do Gabinete de Estudos do PSD, está a ser um sucesso para lá de todas as expectativas. Dois dias após o lançamento do site, contamos já com mais de 69 000 visualizações e mais de 9 000 propostas de redução de despesa submetidas pelos cidadãos que desta forma responderam ao nosso apelo. Em resposta a esta verdadeira avalanche de ideias, o Gabinete de Estudos mobilizou uma equipa alargada para analisar os contributos que nos vão chegando. A primeira reunião dessa equipa alargada terá lugar ainda hoje.

Esperamos muito em breve poder divulgar dados mais precisos sobre o conjunto de contributos e ideias que nos têm feito chegar. Entretanto, resta-nos agradecer a todos os que já contribuíram com

Fig. 33 – Vista da página “Cortar na despesa”.

10. Governação electrónica

Para além das práticas cívicas e democráticas já mencionadas neste trabalho, a Internet permite criar uma nova governação. Aproximar a máquina Administrativa Central e Local aos seus cidadãos, bem como modernizá-la, foi sempre uma tarefa difícil de se concretizar. Essas dificuldades têm feito com que a Administração Pública engordasse um quanto ou tanto de forma exagerada ao longo dos anos, trazendo consequências pesadas e difíceis de suportar para os cofres do Estado e sem que esse referido aumento de funcionários se traduzisse em mais produtividade dessa máquina administrativa.

Para simplificar esse emaranhado de processos lentos e burocráticos, os últimos governos têm apostado forte na informatização da Administração Pública e posteriormente na utilização da Internet para disponibilizar serviços que tentam reflectir equidade, celeridade, eficácia e transparência; serviços esses que até então só eram acedíveis ao balcão de uma qualquer repartição pública. Para por em prática toda essa ideia de modernização da Administração Pública, surgiram programas como o “Infocid” e mais recentemente o famoso “Simplex”, de que falaremos mais à frente.

O conceito de governo electrónico – *eGovernment* –, ao que tudo indica, nasceu no exemplo pioneiro da cidade de Santa Mónica – Califórnia – dos Estados Unidos da América.

A Câmara local, em 1989, lançou a sua PEN – *Public Electronic Network* – à qual os seus cidadãos acediam através de computadores pessoais ou de um dos 20 computadores disponibilizados em postos públicos, e usavam correio electrónico bem como sistemas de conferência. Tudo isto era desenvolvido e financiado pela Câmara, que pretendia pôr os habitantes da cidade em contacto com os seus serviços municipais e com os seus representantes eleitos democraticamente [Ribeiro, p:61, 2003].

Além de poderem contactar com os seus representantes, enviar correio electrónico ou participar em conferências electrónicas, os habitantes de Santa Catarina tinham, com a PEN, acesso a informação de interesse público sobre os serviços camarários, podiam efectuar simples transacções como, por exemplo, a inscrição num curso ou numa actividade de lazer patrocinada pela Câmara [Ribeiro, p:61, 2003].

Passadas duas décadas, e depois de muitas experiências e muita evolução, grande parte dos governos mundiais – inclusive o nosso – renderam-se por completo à importância da Internet e do mundo digital. Perante este cenário tentam estabelecer modos de governação electrónica, uma mudança que segundo Ribeiro e Vasconcelos «acarreta benefícios concretos para o cidadão e para o próprio Estado». Isto porque trás maior «eficácia dos serviços, racionalização de custos e aumento da interacção com os cidadãos». Este novo panorama faz com que o cidadão seja «encarado como cliente, o que representa uma profunda mudança cultural» [Vasconcelos, p:68, 2003] e [Ribeiro, p:61, 2003].

A governação electrónica, se for feita da melhor forma, só trás benefícios para o país, para o governo e em especial para o cidadão. Elimina-se um dos principais defeitos existentes no nosso país (falando em exclusivo no caso de Portugal), no caso da burocracia que bloqueia muitas vezes a actividade das nossas instituições públicas. Com a disponibilização de serviços como o pagamento de impostos, o pedido de licenciamento de obras, o marcar uma consulta para o médico de família, e outros, permite dizimar grande parte das filas intermináveis que eram e são (ainda) imagem de marca de alguns balcões de repartições públicas. Evita-se o passeio do cidadão que, por exemplo, anda de repartição em repartição só para pedir uma determinada certidão, ou então para levantar um documento para apresentar ao Estado para justificar algo a nosso favor (ou não), quando esse mesmo Estado já tem o dito documento em sua posse, só que em repartições diferentes. A governação electrónica muda essa gestão dos serviços públicos, concentrando-os apenas nos cidadãos e que se tornem práticos, transparentes e personalizados. «O governo na Internet está a tornar-se numa ferramenta essencial da reforma do sector público na sua missão de servir os cidadãos» [Tocino, p:19, 2004].

10.1. Administração Central *on-line* – a evolução portuguesa

É certo que só se ouve falar com maior vigor na disponibilização de serviços públicos via Internet há cerca de 5 ou 6 anos, mas na verdade este assunto já se aborda nos gabinetes governativos desde o início da década de 90 do século passado.

O que iremos abordar em seguida, são os vários processos que a governação electrónica teve em Portugal até aos dias de hoje.

10.1.1. Infocid, o início de tudo

Com o intuito de modernizar e simplificar a Administração Pública, foi criado em 1991 o Sistema Inter-Departamental de Informação ao Cidadão – Infocid.

Inicialmente o Infocid tinha como principal objectivo esclarecer o cidadão, no âmbito dos seus direitos e deveres. Teve a sua origem no Secretariado para a Modernização Administrativa conjuntamente com outros 40 serviços da Administração Pública. Com o intuito de prestar ao cidadão a melhor informação sobre os serviços públicos, nele podíamos encontrar secções com os seguintes temas: Juventude, do Cidadão e Família, Emprego e Formação, Direito e Tribunais, Ambiente e Consumidor, Saúde, Vida Cívica, Segurança Social, Habitação, Cultura e Turismo, Educação, Trabalho, Fiscalidade, Empresa e Economia e Documentos e Licenças. Além desta extensa lista de informação útil, quem visitava o sítio do Infocid poderia encontrar ainda um programa que simulava o cálculo do IRS.

O tempo foi passando e as necessidades foram aumentando. Ter um local só para disponibilizar informação ao cidadão não chegava, era preciso “dar” novos serviços ao cidadão. Em 2000 foi criado o Serviço Público Directo que conjuntamente com o Sistema Integrado de Informação Administrativa ao Cidadão – que estava integrado no sistema Infocid – pretendia que o cidadão usufruísse da possibilidade de pedir pela Internet certidões de registo civil e predial. Com a integração¹⁸ destes dois sistemas nas responsabilidades da UMIC¹⁹ teve origem um novo projecto, denominado “Portal do Cidadão” que já estava prevista a sua criação desde 2003. Portal esse que para além do carácter informativo existente

¹⁸ Segundo o Decreto-Lei de 18 de Março de 2004 do XV Governo Constitucional presidido pelo Dr. Durão Barroso.

¹⁹ Unidade de Missão para a Inovação e Conhecimento.

no então extinto Infocid via acrescentados conteúdos e serviços relevantes na relação entre a Administração Pública e os cidadãos e/ou empresas.

Estavam dados os primeiros passos para a disponibilização de serviços *on-line* da Administração Pública.

10.1.2. Simplificar com “Simplex”

Depois dos primeiros passos dados pelo Infocid, pelo Serviço Público Directo e pelo Portal do Cidadão, não se poderia parar por ali. Era necessário prosseguir sem interrupções o caminho delineado. Eis que surge – pela mão do primeiro governo do Eng. José Sócrates – o programa simplificador da Administração Pública “Simplex”.

De acordo com o que diz o sítio oficial da iniciativa, «o programa Simplex surge da necessidade de dar resposta, por um lado, à crescente exigência dos cidadãos, mais informados, mais preocupados com a qualidade dos serviços públicos e, também por isso, cada vez mais predispostos a participar na sua transformação, apontando as falhas e as oportunidades de melhoria. Por outro lado, quer responder aos estilos e ritmos de vida da nova geração de utentes que utiliza regularmente as tecnologias da informação e comunicação e está disponível para se relacionar com a Administração de formas não convencionais: em qualquer lado, a qualquer hora, em qualquer canal». Afirmando que à Administração «impõe-se ainda o desafio de acompanhar o ritmo frenético da mudança que caracteriza as economias actuais, cada vez mais interdependentes, oferecendo um ambiente favorável aos negócios e criando condições para que as empresas sejam também mais competitivas fora do espaço económico nacional. O programa Simplex resulta assim, igualmente, da necessidade de apoiar as empresas através da redução ou eliminação, gradual, dos encargos administrativos». Sendo o Simplex «o resultado de uma consciência, por parte da própria Administração, da desadequação da oferta e da consequente desconfiança generalizada em relação às instituições e aos modos de fazer gestão pública, conotados com burocracia, desperdício, lentidão e falta de transparência», isto quando a pressão para que haja uma mudança que responda às novas características da procura por parte dos cidadãos.

10.1.3. Serviços disponibilizados via Internet

Os dois últimos governos têm feito um esforço tremendo, tendo como base o programa Simplex, para disponibilizarem cada vez mais serviços públicos via Internet.

À custa do Simplex, os cidadãos portugueses podem a partir de sua casa (quem tiver acesso à Internet) preencher a sua declaração de IRS ou IRC e pagar o respectivo imposto se assim tiver que ser, pode efectuar o pagamento à Segurança Social, pode registar a sua nova empresa ou instituição, ter acesso ao Registo Civil *on-line*, pedir prestações sociais ou pensões de reforma, entre muitos outros serviços. Nota de destaque apenas para o serviço mais recente a ser disponibilizado; trata-se o *e-Agenda* – <https://servicos.min-saude.pt> – que permite ao cidadão marcar consulta para o Centro de Saúde da área de residência, evitando assim as deslocações ao mesmo apenas para a marcação da dita consulta.



Fig. 34 – Vista da página “*e-Agenda*”.

Esta aposta do governo português tem tido os seus efeitos, pelo menos nos rankings internacionais. Segundo o estudo *Smarter, Faster, Better eGovernment* divulgado em Setembro de 2010 e produzido pela Comissão Europeia que compara em duas vertentes – ‘Disponibilidade de serviços *on-line*’ e ‘Sofisticação dos serviços *on-line*’ as Administrações Electrónicas na Europa, Portugal ocupa o primeiro lugar em ambas. O estudo em causa engloba para além dos 27 Estados da União Europeia, os países da Noruega, Islândia, Suíça e Croácia.

«Na categoria de 'Disponibilidade de serviços *on-line*' dos 20 serviços básicos, Portugal obtém, a par da Áustria, Reino Unido e Malta, o primeiro lugar no ranking com 100% de classificação, conquistando também o primeiro lugar ‘*ex-aequo*’ com Malta na categoria de 'Sofisticação dos serviços *on-line*'» [*in* Diário Económico [Em linha], 2010].

«Estes resultados confirmam, assim, o crescimento sustentado de Portugal em matéria de Administração Electrónica: em 2004 Portugal apresentava-se na décima sexta posição em matéria de disponibilidade e na décima quarta no nível de sofisticação; em 2007 Portugal ocupava o terceiro e quarto lugares, respectivamente, na avaliação dos indicadores 'Disponibilidade on-line' e 'Sofisticação on-line'. Este ano assume a liderança nos dois indicadores tradicionais de comparação» diz o gabinete do Ministro da Presidência, Pedro Silva Pereira [*in* Diário Económico [Em linha], 2010].

Apesar deste reconhecimento europeu, será que os portugueses estão “ligados” a estes serviços? No nosso questionário de investigação, colocamos duas questões sobre o tema: na primeira questão quisemos saber se os inquiridos utilizavam os serviços *on-line* disponibilizados pelo governo.

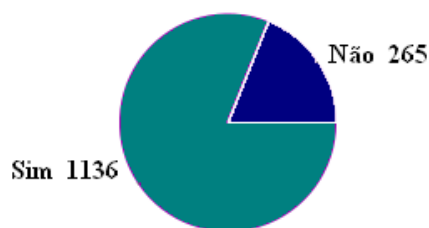


Fig. 35 – Número de utilizadores ou não utilizadores das aplicações do Governo Electrónico português.

Como se pode verificar, das 1401 respostas registadas, 1136 inquiridos – cerca de 81% – afirmam que já utilizaram ou utilizam os serviços electrónicos do governo, contra 265 – 19% – que dizem nunca o terem feito.

Na segunda questão, perguntamos se concordavam com esta política governamental de colocar a Administração Central à distância de um clique. As respostas são claras, como podemos verificar a seguir na figura 36.

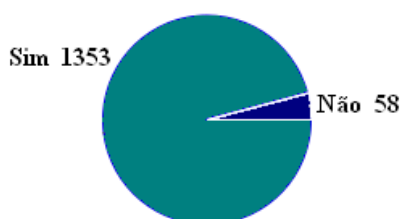


Fig. 36 – Nº de utilizadores que concorda ou não com a política do governo em disponibilizar os serviços na Internet.

A esta questão já responderam a totalidade dos inquiridos – 1411 –, desses só cerca de 4% – 58 pessoas – afirma ser contra esta política digital por parte do governo português, os restantes são todos a favor.

A tabela 9 mostra-nos as razões para os cidadãos estarem de acordo com a disponibilização dos serviços do Estado na Internet. Mais à frente, a tabela 11 mostra os motivos daqueles que não estão de acordo com a mesma disponibilização. É necessário ter em conta que nos dados apresentados, cada indivíduo pôde dar mais que uma resposta.

Motivo para estar de acordo com os serviços disponibilizados pelo Estado online	
Motivo	Nº de respostas
Maior rapidez na disponibilização dos serviços	1122
Estar sempre disponível, independentemente da hora do dia	1086
Acaba com a burocracia muitas vezes desnecessária	820
Fica mais barato para os bolsos dos contribuintes	545
Evita-se a emissão de papel, contribuindo assim para um meio ambiente melhor	895
Outro	44

Tabela 9 – Motivos para estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.

Como podemos verificar, os dois factores mais escolhidos para justificar a concordância com a governação electrónica são a 'Maior rapidez na disponibilização dos serviços' e o facto de 'Estar sempre disponível, independentemente da hora do dia' com 1122 e 1086 – 84% e 81% – respectivamente. Isto demonstra que as pessoas estão a dar muito valor à rapidez e disponibilidade dos serviços que a Internet fornece a cada um. Tal situação é cimentada com os dados recolhidos de quem apresentou ‘Outro’ motivo para estar a favor desta política.

Outros motivos para a aceitação da disponibilização dos serviços do Estado via Internet	
Motivo	Nº de Pessoas
Maior comodidade e simplicidade	5
Disponibilização em qualquer lugar	6
Disponibilização a qualquer hora	1
Evitar atritos com a incompetência e humor dos Funcionários Públicos	4
Evitar as filas de espera	8
Disponibilização dos balcões para quem não tem acesso à Internet	1
Poupança de tempo e evita-se faltar ao trabalho	7
Facilidade no uso dos serviços	6
Eficácia, transparência e celeridade nos processos adjacentes	6

Tabela 10 – Outros motivos para estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.

Os motivos apresentados nas 44 respostas – expressas na tabela 10 –, estão muito relacionados com o “bem-estar” das pessoas, onde o destaque maior vai para o ‘Evitar as filas de espera’ com 18% de respostas dadas, o que mostra que as pessoas não gostam de esperar. Apesar de não ser das mais ditas, não resistimos em abordar os 9% – 4 indivíduos – que apontaram o seu agrado pela disponibilização dos serviços na Internet para “não aturar” o mau humor dos Funcionários Públicos.

Motivo para não estar de acordo com os serviços disponibilizados pelo Estado <i>online</i>	
Motivo	Nº de respostas
Para mim a disponibilização dos serviços é mais demorada	7
Não está ao alcance de todos os portugueses.	49
Aumenta ainda mais a burocracia	14
Fica mais caro para os bolsos dos contribuintes	11
Outro	26

Tabela 11 – Motivos para não estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.

O facto dos serviços em causa não estarem disponíveis para todos os cidadãos, como podemos verificar na tabela anterior, é a razão mais apontada para se “reprovar” a política da governação electrónica. Remetendo o ‘Outro’ motivo para mais adiante, não podemos deixar de mencionar que dentro das 58 pessoas que não estão de acordo com a disponibilização dos serviços públicos via Internet, 14 afirmam que estes serviços aumentam ainda mais a burocracia e 11 dizem que tais sistemas aumentam as despesas do Estado e conseqüentemente dos contribuintes.

O que podemos dizer sobre estes dois números é que eles demonstram algum “desconhecimento” (para não sermos demasiados severos nas palavras) por parte dos cidadãos. Tal como já foi referido neste trabalho, a disponibilidade dos serviços na Internet tem como principal objectivo combater a tão pouco desejada ‘burocracia’; quanto aos custos e salientando a massa salarial usufruída pelos imensos funcionários existentes nos balcões da Administração Pública por este país fora, de certeza que ficará mais barato ao contribuinte os serviços *on-line*. Como defende Gouveia «é necessário considerar meios que possam escalar e lidar de forma a permitir não reagir ao aumento da procura com mais funcionários – a lógica que levou ao actual estado das coisas (uma administração pública enorme, pesada, complexa, difícil de gerir e demasiado cara)».

Voltando as nossas atenções para o ‘Outro’ motivo com cerca de 26 respostas. Repare-se nos dados expostos na tabela 12.

Outros motivos para a não aceitação da disponibilização dos serviços do Estado via Internet	
Motivo	Nº de Pessoas
Não sentir segurança para confiar nos serviços (medo de roubo de dados pessoais)	4
Indiferença e desconhecimento da matéria em causa	2
Não utiliza	8
Apreensão de que as tecnologias signifiquem o "sacrifício" dos empregos	3
Constantes falhas dos sistemas	1
Preferência pelo método "cara a cara"	1
Falta de compreensão	1
Não concordar com o facto de ser o cidadão a fazer o trabalho só porque a Administração Pública e os seus órgãos não são funcionais, práticos e céleres	1

Tabela 12 – Outros motivos para não estar de acordo com os serviços do Estado na Internet.

O motivo mais indicado para justificar o “não” dado à política governamental é o facto de não as usarem. Parece-nos um motivo irrisório para se justificar o facto de não se concordar com determinada matéria, mas depois de feito o apanhado das respostas “abertas” dos inquiridos, esta é a realidade encontrada; como não utilizam também não estão de acordo que os outros cidadãos utilizem os serviços disponíveis.

Respostas que nos parecem mais sensatas são as: ‘Não sentir segurança para confiar nos serviços (medo de roubo de dados pessoais’ – com 4 respostas dadas – e a ‘Apreensão de que as tecnologias simplifiquem o “sacrifício” dos empregos’ – com 3 respostas. As questões da segurança na Internet são as questões que mais discussão tem originado entre todos os intervenientes no mundo virtual como tal falaremos com maior ênfase no Capítulo 11 deste trabalho; mas é importante realçar este medo por parte das pessoas em usar os serviços *on-line*; medo também é o que se poderá dizer quando se refere à questão do emprego, pensamos que é um dos problemas que as pessoas relacionam ao uso das TIC seja em que plano for. O facto de se sentirem ameaçadas em perder o emprego para uma máquina, causa constrangimentos nas pessoas.

10.2. Administração Local *on-line*

«A governação electrónica não se circunscreve, porém, à vertente dos serviços, ou seja, à administração pública Em linha. Pelo contrário, a reinvenção da governação passa também, e sobretudo, a nível local» [Ribeiro, p:93, 2003]. Esta ideia clara de Ribeiro, mostramos exactamente que não compete exclusivamente ao Governo Central governar na nova era, a era da Internet.

De facto, e como já vimos, o Estado, enquanto órgão gestor máximo do país, tem a competência principal de criar as condições ideais para que os serviços que fornece ao cidadão sejam céleres, transparentes e eficazes, mas não se pode incutir todas essas responsabilidades ao governo central. As Câmaras Municipais, sendo o órgão de gestão pública mais próximas das populações, têm também elas um papel importantíssimo no que confere à governação electrónica.

Apesar dos avanços demonstrados pelo Estado de há já alguns anos a esta parte, as autarquias só agora é que estão a acordar para o mundo digital mas, mesmo assim, ainda não são a maioria. É certo que todas as Câmaras têm o seu espaço na Internet, mas a maioria ainda se limita a usar os seus sítios virtuais como montra do concelho em causa e/ou como portal de informação das actividades inerentes à actividade autárquica. Sendo certo que a par do Governo Central, as próprias Câmaras prestam serviços que podem muito bem ser disponibilizados aos seus cidadãos via Internet.

Felizmente já começam a haver sinais por parte dos autarcas portugueses que mostram vontade de quererem mudar o figurino que temos vindo a assistir. Sabemos que a governação electrónica não se confere apenas à Internet e a disponibilização de serviços na mesma, a governação electrónica vai muito para além do uso exclusivo da Rede Global, é também a substituição ao máximo do suporte papel pelo uso das Novas Tecnologias de Informação.

Quem confirma que as coisas estão a mudar nos municípios portugueses é Nicolau Ribeiro²⁰. «Já lá vai o tempo em que os portais municipais eram usados como folhetos promocionais, ainda por cima mal elaborados. Hoje, fruto até de obrigações legais, os websites autárquicos disponibilizam informação diversificada sobre serviços, associada mesmo a práticas de *accountability*, com a publicação de contas de gerência, balanços, planos, orçamentos, etc.».

Ribeiro vai mais longe, referindo que «os portais municipais reflectem mesmo um enfoque muito grande nos serviços, para o que contribuem, por exemplo, os programas *e-Europe* e as recomendações que lhes estão associadas, mas também porque isso se insere nas estratégias dos Municípios para a modernização administrativa e para a atracção de investimentos. O que os websites autárquicos reflectem muito pouco são práticas de governação democrática, em que a interacção e a comunicação bidireccional são usadas para aproximar eleitos e eleitores, governantes e governados e para a promoção da cidadania activa e da participação. Em suma, promove-se o *e-government* mas não a *e-governance*, isto é a

²⁰ Responsável pelo Gabinete de Comunicação e também pela implementação de todas aplicações electrónicas da Câmara Municipal.

democracia (participativa) electrónica». Com esta ideia, Ribeiro vem reforçar o que se mencionou no capítulo 9 desta dissertação onde debatemos a importância que a Internet vem trazer ao cidadão no que à sua actividade cívica diz respeito.

Nesse sentido podemos dar dois belos exemplos do que se tem feito nas autarquias para reduzir ao máximo a emissão de papel, contribuindo assim para um meio ambiente melhor e também para a poupança significativa nos gastos de dinheiros públicos.

Recentemente, a Câmara Municipal de Matosinhos apresentou a remodelação efectuada no departamento dedicado ao licenciamento de obras. Agora, todos os que pretenderem obter uma licença de obras dentro do concelho matosinhense, tem obrigatoriamente de apresentar toda informação necessária para a obtenção da respectiva licença em formato digital. Todos os projectos que não sejam apresentados neste formato – nomeadamente em papel – não serão aceites pela autarquia. Segundo o Presidente da Câmara em declarações aos órgãos de Comunicação Social, esta medida pretende acima de tudo acelerar o processo de adjudicação das obras, bem como eliminar a circulação de papel entre os seus actores. Com esta medida o município estima poupar umas centenas de milhares de euros só com a respectiva eliminação do uso de papel. Naturalmente que no futuro próximo e de acordo com o Presidente, o objectivo passa por fazer esse trabalho de pedido de licenças pela Internet [*in* Telejornal da RTP, 2010].

Outro exemplo na eliminação da circulação de papel dentro do espaço camarário é o da Câmara Municipal de Amarante que, em meados de 2007, começou a introdução de uma plataforma de gestão documental. Um dos principais reflexos do uso desta plataforma, actualmente a funcionar em pleno, está na eliminação por completo do circular de papel dentro do espaço físico camarário. Todos os processos, todas a troca de documentação entre os vários departamentos é feito por via electrónica, até mesmo toda a correspondência e documentação que chegue do exterior assim que chega ao município é automaticamente digitalizada e introduzida na tal plataforma, sendo encaminhada de imediato para o respectivo destinatário.

De acordo com Nicolau Ribeiro, na entrevista que nos concedeu, o objectivo é fazer também o inverso do que já se faz, ou seja, sempre que for possível permitir que o contacto com o exterior seja feito por via electrónica. Nesse sentido, a plataforma de gestão documental, bem como a base que suporta o sítio na Internet da Câmara, já estão devidamente preparados para disponibilizar aos cidadãos os mais diversos serviços via Internet. Segundo Ribeiro «há vários serviços a que já é possível aceder-se *on-line*. Falta, porém, “virtualizar” a consulta de processos e permitir pagamentos *on-line*, o que corresponde a uma fase de

maturidade que ainda não atingimos. Todo o trabalho de reengenharia e simplificação de serviços e processos, de desmaterialização e de reconversão tecnológica está feito, faltando apenas “saltar” para o fim da linha com todos os serviços, o que deverá ser conseguido durante este ano».

Segundo o Livro Verde para a sociedade de Informação portuguesa «a administração pública central, regional e local oferecerá meios de comunicação por via electrónica em condições de igualdade com outros procedimentos existentes. Não é admissível exigir aos cidadãos e às empresas que tenham que fornecer repetidamente dados anteriormente facultados ou que possam ser obtidos de outros já fornecidos. O recurso a meios de pagamento electrónico será universalizado. Adoptar-se-á uma política de apoio à digitalização de arquivos, à publicação electrónica de documentos legais, ao desenvolvimento de bibliotecas digitais e à criação de uma infra-estrutura nacional de informação geográfica. Não se pretende inventar uma nova modalidade de burocracia electrónica. As reformas de inovação tecnológica só podem ter efeito num contexto de profunda mudança global dos sistemas e métodos organizativos, de reinvenção de procedimentos e da própria estrutura da administração, desburocratizando-a e estimulando a desconcentração, a deslocalização, bem como a requalificação dos recursos humanos» [Livro Verde, p:23, 1997].

Este documento foi elaborado para estabelecer o conceito de “Estado Aberto” a todos os actores da sociedade – cidadãos e empresas – de modo a melhorar a eficiência da Administração Pública. Apesar de já ter mais de 10 anos, o Livro Aberto mantêm-se actual nas linhas para que foi elaborado.

A UMIC²¹, no seu plano de acção para a Sociedade de Informação, define a ‘qualidade e eficiência dos serviços públicos’ como um dos principais pilares para a governação electrónica, onde os cidadãos e as empresas são colocadas no centro das atenções através das TIC; melhorando a comodidade e qualidade dos serviços, reforçando a participação activa no exercício da cidadania. Contribui também no aumento da eficiência, racionalizando os custos e contribuindo para a modernização do Estado e do país.

A conversão da governação analógica para o digital melhora a prestação de serviços com ganhos em termos de eficácia, celeridade, rigor e transparência, o que faz com que a satisfação dos cidadãos se note e conseqüentemente a mudança das percepções que estes têm dos serviços públicos.

²¹ Agência para a Sociedade do Conhecimento

Naturalmente, para fazer essa conversão tem que se ter em conta alguns passos que se tem de se seguir. Primeiro é preciso uma simplificação de processos e em segundo tem que se utilizar as ferramentas tecnológicas necessárias. Pôr em prática a simplificação de serviços é uma tarefa árdua, pois para além da mudança tecnológica iminente, há a necessidade de mudanças a nível legislativo, funcional e organizacional. Tal mudança requer capacidade de inovação e coragem suficiente para fazer renascer o serviço. Outra ideia que não se pode descurar é o facto de não se poder usar a tecnologia para esconder problemas inerentes ao serviço. Essa tecnologia deve ser vista como uma peça fundamental para solucionar esses mesmos problemas. «O governo electrónico não é apenas tecnologia. É, sobretudo, uma atitude de inovação nos processos. E se um processo funciona mal, não há nada pior que alocar-lhe tecnologia, já que é quase certo que o processo não muda e não há retorno do investimento feito em tecnologia» [Ribeiro, p:103, 2003].

«O mais importante e complexo no governo electrónico é a forma como se pega em determinado serviço, quais os seus indicadores, como é que se pode melhorar esses indicadores, o que se tem de fazer ao nível do processo para alterar a forma como o serviço é produzido, para que ele seja executado mais rapidamente e com maior satisfação para o cliente. E aí as tecnologias têm um papel importante, mas instrumental» [Vasconcelos [Em linha], 2005].

Esta opinião de Vasconcelos é também reflectida no documento da Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação – APDSI – publicado em 2003: «o enfoque excessivo na tecnologia e não nos objectivos a atingir é considerado um dos obstáculos ao desenvolvimento do Governo Electrónico» [APDSI, p:3, 2003]. Assim, «o Governo Electrónico está intrinsecamente relacionado com a modernização da Administração Pública, tanto Central como Local. E, para se atingir a meta da modernização, é imprescindível o envolvimento dos funcionários públicos no processo, o funcionamento das instituições e organismos públicos através da concretização de objectivos e o reforço dos direitos e garantias» [Ribeiro, p:104, 2003] dos utilizadores da Administração Pública.

Os conceitos apresentados até aqui, como é perceptível, aplicam-se a todos os níveis da Administração Pública, seja a nível central ou local. Como tal, a realidade da governação electrónica é a mesma e consiste em – por exemplo – alterar a forma como os licenciamentos pedidos às Câmaras são feitos (exemplo da Câmara Municipal de Matosinhos), é alterar os processos de trabalho e usar as TIC para adaptá-los ao mundo da Internet.

Por fim, questionamos os nossos inquiridos se achavam que as autarquias deviam seguir o mesmo rumo que o Governo Central e apostar na governação electrónica. As respostas dadas foram muito esclarecedoras, como podemos verificar no gráfico que se segue.

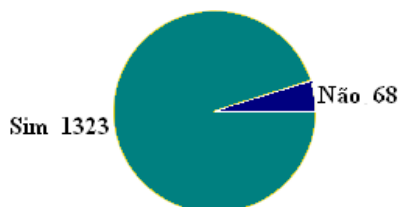


Fig. 37 – Número de utilizadores que concorda ou não que as autarquias deviam disponibilizar os seus serviços na Internet.

Dos 1391 indivíduos que responderam a esta questão, 94% afirmam que as autarquias devem seguir o mesmo rumo do governo central e utilizar a Internet para disponibilizar os serviços camarários; enquanto só 6% não concorda com essa ideia.

Comparando os dados referentes à opinião sobre governação electrónica do governo central e estes referentes à governação local, podemos afirmar sem qualquer receio que as medidas de adaptar os serviços administrativos à Internet, são do agrado dos cidadãos.

Perante todos estes factos apresentados ao longo deste capítulo, também as Câmaras Municipais devem apostar na governação electrónica. Tal como Nicolau Ribeiro nos diz «é imperioso que o façam. Nos tempos actuais, na era digital, é preciso privilegiar as transacções on-line, com a disponibilização de balcões electrónicos de funcionamento ininterrupto, que ofereçam serviços céleres, eficazes, desburocratizados e obtidos de forma transparente».

O tempo é de se olhar para a frente e fazer-se tudo para termos uma sociedade inovadora, eficaz, transparente e que forneça ao cidadão melhores condições no seu dia-a-dia. Neste ponto as Tecnologias de Informação e Comunicação serão uma ferramenta decisiva para se conseguir isso.

11. Segurança na Internet

Um dos temas que mais abala a credibilidade da Internet e que mais discussão provoca no sentido negativo entre os seus utilizadores, é sem dúvida a questão da segurança *on-line*.

A vida da população mundial está cada vez mais dependente das TIC ao ponto de que quando se fala em segurança para as pessoas, há quem tema uma guerra cibernética. Guerra essa que poderá ser tanto ou mais devastadora que uma guerra convencional. Para se ter uma noção do quanto estamos dependentes das TIC, basta salientar que o abastecimento de energia é comandado por computadores. O mesmo se pode dizer das redes de saneamento, os bancos onde guardamos as nossas poupanças estão “dependentes” do que os computadores informam, o próprio sistema nacional de saúde está cada vez mais ligado às máquinas, bem como as grandes cadeias de distribuição de alimentos. Enfim, um sem números de serviços e actividades vitais para pôr um país a movimentar-se e que, num hipotético ataque do já apelidado “ciberterrorismo” se fizer sentir, pode transformar o sossego e tranquilidade de um país, num verdadeiro “inferno”.

A preocupação em torno da possibilidade da ocorrência de um ataque via ciberespaço é cada vez maior, de acordo com os entendidos na matéria e pelos responsáveis mundiais. Um desses exemplos é o caso de um antigo director da CIA²² – Michael Hayden – que já considera a Internet como o “quinto campo de batalha”, depois da terra, ar, mar e espaço. Hayden defende que é necessário que os Estados definam, a nível internacional, quais as regras e limites a respeitar numa eventual “ciberguerra”. A solução passará por estabelecer acordos internacionais – como o estabelecido para a não proliferação de armas de destruição maciça – «que definam áreas que não podem ser atacadas, em que os Estados assumam compromissos como não desactivar os sistemas de bancos e redes energéticas» [in Sapó TEK [Em linha], 2010]. É fundamental que os principais países se unam para evitar que haja uma guerra *on-line*.

Tal como já referimos, um ataque via Internet pode ser devastador para um país. Além de devastador, o “quinto campo de batalha” de Hayden é o mais hostil para a defesa do país que for alvo do ataque, pois a vantagem está toda do lado do agressor. O agredido terá de se defender e terá dificuldades em descobrir quem está por detrás dos ataques, o que para o conseguir requererá tempo, que será escasso e que permite ao agressor margem de manobra mais do que suficiente para provocar mais danos.

Salienta-se ainda que, tal como nos cenários de combate convencionais, fazer acordos entre os países não chegará. Isto porque as lutas são travadas cada vez mais com determinados grupos terroristas – como por exemplo a Al Queda – e menos com outras nações. Assim, o

²² Serviços Secretos dos Estados Unidos da América.

espectro de perigosidade poderá ser bem maior e a assinatura de acordos internacionais não chegará para evitar uma eventual guerra no ciberespaço.

É certo que o perigo da Internet não é só para as nações de forma generalizada, está também para o cidadão singular e a quem os danos causados poderão também ser desastrosos, como iremos tentar ver um pouco mais lá para a frente.

Haiden afirma que é necessário os países comecem a trabalhar em questões de segurança informática. Seguindo essa ideia, a Comissão Europeia – CE – já começa a fazer o seu trabalho de casa para defender os Estados Membros e respectivos cidadãos. Em comunicado emitido a 30 de Setembro de 2010, a CE apresentou uma proposta de directiva sobre o cibercrime, complementada com um novo regulamento da ENISA²³, reforçando-a e modernizando-a. O objectivo é que todos os envolvidos no espaço europeu consigam prevenir, detectar e responder aos novos desafios impostos pela cibersegurança [*in* Portal do Cidadão [Em linha], 2010].

De acordo com a Comissária Malmström, responsável pelos Assuntos Internos, «o crime está a explorar novos caminhos. Com a ajuda de software maligno, é possível assumir o controlo de grande número de computadores e obter números de cartões de crédito ou informações sensíveis e lançar ataques de grande escala» [*in* Portal ‘Europa’ [Em linha], 2010].

O objectivo desta proposta da Comissão Europeia é o de que «os autores de ataques informáticos e os fabricantes de software conexo ou maligno possam ser julgados e condenados a penas mais pesadas» [*in* Portal do Cidadão [Em linha], 2010]. Além disso, tal medida pretende fomentar ainda mais a união entre os Estados-membros, já que eles «serão obrigados a responder com rapidez aos pedidos de ajuda em caso de ataque informático, tornando a cooperação judicial e policial europeia mais eficaz» [*in* Portal do Cidadão [Em linha], 2010].

Outro exemplo da tentativa de aumentar a segurança contra eventuais perigos oriundos da Internet, é dado pelos Estados Unidos da América. A proposta apresentada pelo senador independente Joe Liebermann, tem, como ele diz, o objectivo de «proteger as redes e os seus bens e proteger o país e o povo» [*in* Sapo TEK [Em linha], 2010] e consiste em dar ao presidente do país poderes para controlar ou desligar a Internet a nível nacional sempre que se justifique. Assim, todas as empresas relacionadas com a *Web* – fornecedores de serviços de

²³ Agência Europeia para a Segurança das Redes e da Informação

acesso, motores de busca ou empresas de software – ficarão à mercê das ordens do presidente, que caso não cumpram essas ordens incorrerão numa pena de multas.

A seguir vamos ver quais as ameaças que um cidadão comum tem de ter em conta enquanto navega pela Internet.

11.1. Ameaças virtuais, mas bem reais

Grande parte das pessoas que navegam pela Internet, não tem consciência plena dos perigos que pode ter que enfrentar enquanto (por exemplo) está a jogar um jogo hospedado num sítio aparentemente inofensivo, ou quando reenvia *e-mails* que andam a circular por este mundo fora sem terem em conta alguns procedimentos elementares para não se ter problemas de segurança.

11.1.1. Um “*Big Brother*” chamado Internet

A privacidade dos internautas tem estado muito em discussão nos dias que correm. Há exemplos em como o facultar de dados pessoais dos seus utilizadores por parte das Redes Sociais a empresas de publicidade ou as fotografias da ferramenta da Google (como o Street View, que fotografa ruas de cidades mundiais e onde apanha caras de pessoas – ou até coisas ainda menos apropriadas de serem fotografadas –, matrículas de carros, números de porta) têm levantado contestação e até originado a processos judiciais por este mundo fora.

Dos dois exemplos dados anteriormente, vamos falar da polémica que causou a confirmação por parte dos responsáveis da maior Rede Social – Facebook – de que tinham fornecido “dados” pessoais sobre milhões dos seus utilizadores a empresas suas anunciantes. Segundo a versão do Facebook, o sucedido deveu-se a um defeito no código de programação e que o seu intuito era apenas dar aos anunciantes informação sobre os números de cliques que cada anúncio tinha. Devido a esse *bug*, os anunciantes tinham acesso também aos dados de cada utilizador tinha nos seus respectivos perfis. Com isto, os anunciantes e as respectivas plataformas onde os anúncios estariam presentes, poderiam criar publicidade personalizadas feitas à medida de cada utilizador.

Não obstante as notícias que vieram a público se colarem apenas ao Facebook, de acordo com o semanário Sol que cita a informação do jornal Wall Street Journal, outras Redes Sociais como o MySpace ou até mesmo o Hi5 fizeram a mesma asneira.

Perante este problema, a CE tem tentado com que estas plataformas melhorem as suas políticas de privacidade para salvaguardar os interesses dos cidadãos europeus. Nesta óptica, Meglena Kuneva – comissária para a protecção ao consumidor – solicitou que fosse criada uma regulamentação que impeça as Redes Sociais e outras plataformas *on-line* de usarem de forma abusiva os dados pessoais dos consumidores. Kuneva vai mais longe e diz que Bruxelas devia criar normas para essas Redes Sociais, espaços esses que, segundo a comissária, são pautados pelas imensas lacunas que apresentam na protecção de dados [*in* Sapo TEK [Em linha], 2009].

Apesar de reconhecer o esforço que as Redes Sociais estão a fazer para se adaptarem às exigências comunitárias, Kuneva diz que ainda há muito trabalho a ser feito por aquelas para responderem por completo às "medidas" defendidas pela União Europeia. Para justificar essa ideia dá o exemplo de assuntos que tocam parâmetros como as preferências sexuais dos utilizadores, defendendo que os direitos de transparência e controlo da informação pessoal estão ainda a ser violados pela maioria das Redes Sociais [*in* Sapo TEK [Em linha], 2009].

É bom ter-se em consideração que não são só as empresas que podem ter proveito com os dados pessoais que as Redes Sociais mostram. Tal como já vimos no ponto 6.5.1. desta nossa dissertação, as conversas tidas nas Redes Sociais já serviram aos patrões como pretexto para despedir funcionários. A verdade é que uma pessoa pode pôr muita coisa em jogo ao colocar (por exemplo) fotos embaraçosas como as da última bebedeira, o que para os amigos podem ser engraçadas mas que para o actual ou para o futuro empregador pode não ter graça nenhuma. Um dado concreto para a qual a CNPD²⁴ alerta é que cada vez mais as empresas que pretendem contratar novos trabalhadores usam a informação que os potenciais interessados no emprego colocam nas Redes Sociais. De acordo com a porta-voz da CNPD – Clara Guerra – em declarações ao Diário de Notícias, sabe-se «que no estrangeiro as empresas fazem pesquisas sobre os candidatos na Internet e é normal que aconteça por cá também, embora nunca nenhuma empresa tenha admitido abertamente que o faz» [Guerra *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010].

O facto é que muita da informação colocada na Internet pelas pessoas é feito devido à falta de consciência que estas ainda têm, ignorando o que pode suceder ao material que colocam *on-line*. «Às vezes, disponibilizam voluntariamente informação que as empresas gostariam de saber e não estão autorizadas a perguntar numa entrevista», como é o caso de

²⁴ Comissão Nacional de Protecção de Dados.

saber-se a religião ou a orientação sexual da pessoa. Desta forma, «os entrevistadores nem precisam de fazer as perguntas incómodas» [Guerra *in* Diário de Notícias [Em linha], 2010].

Apesar de o entrevistador e empregador não poder transportar para a ficha do trabalhador os dados que possam encontrar na Internet, pois isso já significaria tratamento de dados e como tal infringe-se a lei, as informações encontradas podem muito bem pesar na opinião que o entrevistador poderá ter da pessoa em causa. Por outro lado, as pessoas para além de divulgarem factos, divulgam também opiniões e convicções com as quais poderão ser confrontadas anos mais tarde. Outro dos erros que as pessoas cometem, é o de pensar que ao eliminar um comentário, uma fotografia ou até mesmo o perfil da Rede Social que os dados até então expostos desaparecem para sempre. Na Internet nada é dado como certo, como tal os dados que a pessoa pensa ter eliminado podem muito bem terem sido copiados e guardados noutra local por terceiros.

«"Se não queres que se saiba não coloques na internet". Esta máxima parece começar a fazer cada vez mais sentido. Que o diga a canadiana a quem o seguro de saúde deixou de pagar a baixa médica depois de os funcionários terem visto imagens do seu aniversário na Rede Social Facebook» [Gaspar [Em linha], 2010]. A verdade é que as pessoas estão a deixar cada vez mais dados pessoais na Internet, dados esses que podem ser usados (como já vimos no exemplo das Redes Sociais) para fins publicitários mas também para fins criminosos.

Um dos grupos mais vulneráveis aos perigos da Internet, são sem dúvida os jovens adolescentes. Como já mencionamos neste trabalho, nos tempos de observação que passamos por uma sala de conversação *on-line*, o que mais nos chamou a atenção foi ver a facilidade com que rapazes e raparigas de 13, 14, 15 anos que vão para as ditas salas e partilham sem problema nenhum dados pessoais como endereço de correio electrónico e número de telemóvel. O mesmo acontece nos perfis das Redes Sociais onde os jovens vão ainda mais longe na partilha de dados sensíveis.

Esta situação dos jovens adolescentes, é extremamente preocupante por duas razões. Primeiro porque essa partilha de dados com desconhecidos, pode trazer consequências graves para o indivíduo bem como para a própria família. Basta, por exemplo, que essa partilha seja feita com alguém que tenha intenções de abusar sexualmente ou de efectuar um assalto à casa do jovem. Pela experiência que tivemos, reparamos que não é muito difícil saber o que se quer de um jovem, apenas com umas palavras certas obtêm-se tudo o que se pretenda.

O caso de Ashleigh Hall, uma rapariga do Reino Unido de 17 anos, é um exemplo dos perigos que os jovens enfrentam na Internet e em especial das Redes Sociais. Ashleigh, em finais de 2009, foi seduzida por um indivíduo que se fez passar por um rapaz jovem no

Facebook. Posteriormente raptou-a, violou-a e como aparentemente ainda não estava satisfeito, assassinou-a.

O facto de os jovens partilharem tantas coisas pessoais é reflexo de uma falta de supervisão por parte dos pais quando os filhos estão ligados à Internet. Tal como Cristina Ponte, investigadora da Universidade Nova de Lisboa e coordenadora para Portugal do projecto EU Kids On-line, afirma em entrevista ao portal Sapo: «Há mais crianças a usar a Internet do que os pais» [*in* Sapo Notícias [Em linha], 2010]. Esta realidade prende-se com o desinteresse que os pais têm pelas TIC ou pela ideia de que as tecnologias são um bicho-de-sete-cabeças, difícil de se lidar e como tal não fazem um esforço para se aproximarem das TIC e com isso perceberem melhor o que se pode encontrar na rede e assim puderem aconselhar melhor os seus filhos.

Um estudo a propósito do Dia da Segurança na Internet – comemorado a 9 de Fevereiro – realizado pela Microsoft em 11 países com um total de 14.181 inquiridos, onde cerca de 525 das respostas eram portuguesas e envolveu perguntas a pais e filhos (com idades entre os 14 e os 18 anos), mostra que a percentagem dos jovens que afirmou utilizar a Internet sem supervisão dos pais é de 61%. Todavia 52% dos pais dizem que vigiam os filhos enquanto eles estão em linha. Outro dado curioso é o facto de 69% dos pais acreditarem que os filhos se sabem proteger de eventuais perigos e como tal estão seguros. Voltando um pouco ao que afirmamos no parágrafo anterior sobre a má relação dos pais com as TIC, neste inquérito da Microsoft 45% dos jovens consideram o conhecimento dos pais em relação à Internet de “muito limitados” ou até mesmo “nulos”.

Outro dos problemas inerentes aos jovens é a nova forma de violência, o *cyberbullying*. Um desses exemplos é o de Beatriz de 14 anos. Beatriz começou a ser vítima de *bullying* por um grupo de cinco colegas de escola; não satisfeitas por violentarem Beatriz em Setembro de 2009 passaram das agressões físicas para a violência digital (*cyberbullying*). As agressoras começaram a pôr fotos da Beatriz em sítios de prostituição, depois criaram um espaço na Rede Social mais usada pelos adolescentes, o Hi5, fazendo-se passar por ela, colocaram o nome, fotografias, número de telemóvel e até “oferecer-se” aos visitantes do perfil para ter sexo. Os danos causados na jovem têm sido devastadores, após receber inúmeras chamadas de predadores sexuais, perturbando-a psicologicamente, com as notas de avaliação na escola a descer a pique. Beatriz, em declarações à SIC, não pede nada às agressoras, «só peço que me deixem em paz», afirma [*in* SIC [Em linha], 2010]. Este é um dos novos problemas oriundos da Internet e que se tem de enfrentar: gente a passar-se por outra pessoa tendo como objectivo denegrir a imagem da vítima.

Uma das preocupações da União Europeia inerentes à utilização da Internet está focada nos mais novos. Nesse sentido, foram feitas pressões para que as plataformas com maior número de utilizadores, como é o caso das Redes Sociais, criassem mecanismos para aumentarem a segurança dos mais novos para precaver (por exemplo) as tentativas de sedução dos pedófilos. Assim, o Facebook criou uma aplicação que se instala no perfil de cada menor criando um “botão de pânico”. Quando um menor de idade detecta que o seu perfil pessoal foi adicionado por uma pessoa suspeita, basta dar um simples clique para a “vítima” reportar a situação [in Diário de Notícias [Em linha], 2010].

Para Eric Schmidt – director executivo da Google –, o uso intensivo que os jovens de hoje fazem das Redes Sociais e a imensa partilha de dados pessoais na Internet sem pensarem nas consequências que isso poderá trazer para as suas vidas, levará muitos dos jovens de hoje a mudarem de identidade no futuro. Tal situação dever-se-á à tentativa que esses indivíduos terão de querer escapar a situações comprometedoras. Esta previsão de Schmidt é preocupante, pois, segundo ele, esta será a única forma que esses indivíduos terão de se afastarem de todos dados e fotografias que agora publicam indiscriminadamente nas Redes Sociais. [in Sapó TEK [Em linha], 2010]. Para precaver este panorama negro para o futuro dos jovens de hoje, é necessário que as entidades responsáveis comecem a tomar medidas desde já, como campanhas de sensibilização, com o intuito de se evitar a tempo graves problemas.

11.1.2. Google Street View, um poço de polémicas

A questão da privacidade, ou a falta dela, na Internet não se limita às problemáticas que circulam à volta das plataformas como as Redes Sociais. Um dos serviços mais recentes da Google, e que complementa a ferramenta de mapas da empresa, o Street View, tem-se pautado pela polémica um pouco por todo o mundo, desde a sua introdução.

Por toda a União Europeia têm sido entrepostos processos para que os carros da empresa, que andam a tirar fotografias panorâmicas pelas principais cidades do mundo, sejam impedidos de o fazer. Esta polémica em torno do projecto está subjacente apenas à falta de privacidade que esse serviço tem demonstrado para com os cidadãos. Antes da polémica se instalar, era possível ver-se nitidamente rostos de pessoas apanhadas pelas câmaras enquanto passavam na rua, matrículas de carros, número das portas das residências privadas, entre outros dados. Perante tal situação, a Google tem sido obrigada (em alguns casos) a suspender

as sessões fotográficas das ruas ou (noutros casos) a aplicar ferramentas que dissimulem as imagens sensíveis através da desfocagem das mesmas.

Em Portugal, depois de uma primeira passagem bem-sucedida na captação de imagens, a Comissão Nacional de Protecção de Dados contestou uma nova passagem pelo nosso país dos carros da Google, justificando a medida com a falta de garantias por parte da gigante da Internet da existência de uma solução técnica que garanta completamente o anonimato das pessoas e dos veículos que possam surgir nas imagens do sistema.

Também a União Europeia tem medido esforços com a Google para que no mínimo o sistema obedeça às suas pretensões no que à privacidade dos europeus diz respeito. Exigindo à empresa que aplique medidas para salvaguardar a privacidade das populações como, por exemplo, o ajuste da captação de imagens tiradas muito próximas de casas e estabelecimentos, imagens essas que até então permitiam que fosse possível identificar detalhes mínimos desses lugares.

Um dos casos insólitos que tem alastrado ainda mais a polémica em torno desta aplicação, ocorreu no Reino Unido. Segundo Terry Southgate, depois de uma visita esporádica ao serviço, reparou que a sua esposa aparecia no Street View pelo menos em 43 fotografias seguidas. De salientar que a esposa de Southgate foi apanhada pelas câmaras do serviço enquanto passeava o seu cão. A senhora ao que parece, apercebeu-se dos carros da Google e teve algum receio por não saber exactamente o que andavam eles a fazer; o resultado está à vista de todos [*in* jornal Sol [Em linha], 2010].

11.2. Outras ameaças

No ponto 1.1.1. deste trabalho, vimos uma parte do perigo que o uso irracional das Redes Sociais podem acarretar para os seus utilizadores. Acontece que os perigos que estas plataformas podem trazer, não se limitam à falta de privacidade.

Sendo um dos locais mais frequentados pelos cibernautas, a tentação por parte dos piratas virtuais – vulgarmente conhecidos por *hackers* – em usar tais plataformas para fazer estragos em computadores alheios, aumenta consideravelmente. Uma das maneiras que os hackers têm para atingir os seus objectivos é através do envio de simples mensagens electrónicas que podem conter um suposto vídeo ou uma suposta fotografia engraçada, mas por trás trazem consigo ligações para outros sítios onde estão *softwares* maliciosos que uma

vez aberta a mensagem se instala instantaneamente no computador de quem abriu a respectiva mensagem. Quando, e se, o utilizador se apercebe do sucedido, já é tarde.

Para além de ser usada nas Redes Sociais, esta técnica fraudulenta é também muito frequente na sua aplicação através de envios de correio electrónico – *e-mail* – ou então noutros sítios com muita procura, como é o caso de sítios de conteúdos pornográficos, onde as potenciais vítimas são aliciadas por imagens a “convidar” a dar um clique nelas para supostamente ter acesso a mais conteúdos. Na realidade, ao carregar na imagem poderá estar a dar ordem para que o sítio instale o que bem entender no computador.

Dos três exemplos aqui apresentados todos eles só se fazem sentir as suas consequências se os cibernautas quiserem. Grande parte das infecções que ocorrem nos computadores com *softwares* maliciosos, dá-se pela falta de consciência das pessoas. O caso mais flagrante desse descuido – chamemos assim – é dado pela infecção através do correio electrónico, muitos dos utilizadores apesar de verem o conteúdo do respectivo *e-mail* escrito numa língua que não é a sua, ou quando é está escrito com uma gramática estranha, com um assunto fora do contexto do seu dia-a-dia e que tem à frente uma ligação para um sítio qualquer. Mesmo com estes detalhes todos as pessoas caem na asneira de abrir e consequentemente instalar o que não deviam. O mais curioso é haver pessoas que, apesar de já terem tido experiências dessas, acabam por repetir a mesma asneira. Tal como Francisco Rente²⁵ afirmou à Lusa, é importante que as pessoas façam uma «utilização consciente e cautelosa» do que se transfere da Internet e se instala posteriormente.

A instalação de *softwares* maliciosos no computador pode dar ao *hacker* acesso ilimitado do controlo da máquina infectada. Assim pode de uma forma simples aceder a todos os dados contidos no computador e a todas as acções realizadas pela pessoa na máquina, desde que a mesma esteja ligada à Internet, como é óbvio.

De acordo com a Polícia Judiciária (PJ), em Portugal, os crimes informáticos que mais queixas originam são o *Phishing*²⁶, a pedofilia *on-line* e a criminalidade informática pura como é o *hacking*. Segundo a PJ o número de crimes informáticos têm vindo a aumentar de ano para ano. Só para se ter uma ideia desse facto, pegamos no caso da zona da Grande Lisboa onde no ano de 2009 a Polícia Judiciária deu resposta a 600 processos-crime. Já em 2010, e quando ainda faltavam três meses para o final do ano, os processos já ultrapassavam os mil [*in Sapo TEK [Em linha], 2010*].

²⁵ Investigador da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

²⁶ Esquemas fraudulentos destinados a roubar dados sensíveis do utilizador.

Em termos de consequências para os portugueses, Rogério Bravo – inspector da PJ responsável pelo combate à criminalidade informática – diz que só nos primeiros nove meses de 2010 «o crime económico de *phishing* representou mais de dois milhões e meio de euros» [Bravo *in* Diário Digital [Em linha], 2010]. Javier Ildefonso – director de *Marketing* da empresa de *software* de segurança Symantec Ibérica – vai mais longe ao afirmar que «o cibercrime move a nível mundial mais dinheiro que o narcotráfico» [Ildefonso *in* Diário Digital [Em linha], 2010]. Por fim, e segundo um estudo realizado pela Symantec a mais de sete mil pessoas numa escala mundial, conclui que duas em cada três pessoas que navegam na Internet já foram vítimas de crime informático; acontece que a maioria não acredita que a Justiça faça jus ao nome e que não “castigue” esses delitos, nem sequer apresentam queixa na Polícia [*in* Diário Digital [Em linha], 2010].

A problemática das pessoas “caírem” nos esquemas fraudulentos de *phishing* remete-nos para um assunto já abordado anteriormente, a falta de consciencialização no uso da Internet. Normalmente estes esquemas funcionam enviando um *e-mail* aparentemente legítimo, levando o destinatário da mensagem a ir visitar uma página onde se pretende que a vítima divulgue informação sensível e privada como palavras-chave, número de cartão de crédito e informação bancária. Acontece que o sítio visitado não é genuíno e só foi criado para esse efeito, o de roubar informação pessoal. Um dos exemplos mais recentes que se teve conhecimento no nosso país, foi um email enviado a clientes de *homebanking* da Caixa Geral de Depósitos (CGD) onde os clientes eram encaminhados para um sítio que se fazia passar por ser genuinamente da CGD mas na realidade não o era.

As palavras de Rogério Bravo, mencionadas atrás neste trabalho, são reflectidas num relatório elaborado por uma outra empresa de *software* de segurança – a AVG – que coloca o nosso país como o único membro da União Europeia a integrar a lista dos 10 países do mundo menos seguros para se navegar na Internet, onde uma em cada 43 ligações à Rede Global corre o risco de ataque informático. A tabela é liderada pela Turquia (aspirante a Estado membro da UE) onde uma em cada dez ligações à Internet corre o risco de sofrer um ataque [*in* Sapó TEK [Em linha], 2010].

Voltando à responsabilidade dos utilizadores de Internet em se deixarem ser atacados, ainda de acordo com o estudo da Symantec, o sentimento de “raiva” é o mais frequente entre os 65% dos inquiridos terem assumido que já foram vítimas de cibercrime. Apesar desse sentimento, quase todos os inquiridos afirmam sentir responsabilidade pelo sucedido, sejam em crimes de esquemas fraudulentos, *malware* ou até mesmo assédio por parte de predadores sexuais [*in* Sapó TEK [Em linha], 2010].

Perante tanta discussão em torno da segurança na Internet, questionamos os nossos inquiridos se sentiam segurança enquanto estavam Em linha.

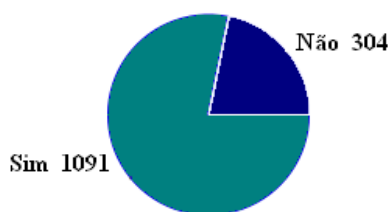


Fig. 36 – Número de utilizadores que se sentem seguros ou não enquanto utilizam a Internet.

Das 1395 respostas obtidas, cerca de 77% diz que se sente seguro ao utilizar a Internet enquanto 23% admitem ter falta de segurança.

Reconhecemos que estes dados não nos permitem tirar muitas conclusões válidas. O que podemos dizer, com base nas observações que foram feitas ao longo da investigação nas Redes Sociais e nas salas de conversação, é que a maioria dos cibernautas não está consciente dos perigos oriundos da Rede Global.

Conclusão

A construção faseada – com ritmos diferentes consoante os contextos – da Sociedade da Informação e do Conhecimento assenta os seus alicerces nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), onde se destaca a Internet. As TIC vieram rasgar de forma dinâmica com épocas anteriores, como é o caso da Era Industrial e da pós-Industrial, proporcionando novos modelos organizacionais e até mesmo sociais.

A Internet, dentro das TIC, é a prova mais clara da origem desses novos modelos. Criando novas formas de fazer economia, novas formas culturais, novas formas de interação entre pessoas e respectiva socialização, originou também uma nova forma de governação e exercício de cidadania, disponibilizando novos serviços às pessoas e, é claro, novas formas de comunicação em diferentes formatos e interpretações.

Com esta dissertação pretendia-mos verificar até que ponto a Internet, e as suas mudanças estruturantes que trouxe para o mundo, tem influenciado a sociedade portuguesa. Como se pode constatar, os portugueses estão cada vez mais rendidos à Rede Global, onde nos últimos anos tem havido um acréscimo do número de utilizadores considerável apesar de os dados apresentados em vários estudos, dizerem que apenas metade da população nacional tem acesso à Internet.

No nosso estudo, levantamos a questão sobre o facto da Rede Global ser um meio que faz com que as pessoas deixem se socializar entre si tornando-se individualistas, ou até mesmo hiperindividualistas como defende Lipovetsky, originando assim uma certa anomia – Durkheim ou Merton – na sociedade, mas este facto parece-nos uma falsa questão em torno das Tecnologias de Informação e Comunicação. Poderá ser certo que as pessoas, ao usarem, por exemplo, a Internet se isolem mais de quem as rodeia, mas também não é menos verdade que a necessidade de “socializar” mantém-se ou até mesmo poderá aumentar em alguns casos. Se assim não fosse, certas aplicações e certos sítios virtuais não teriam tanto sucesso como têm tido: é o caso das aplicações de mensagens instantâneas, das salas de chat – conversação em linha – ou as tão badaladas Redes Sociais onde podemos ver que a esmagadora maioria dos nossos inquiridos afirma ter um perfil numa dessas Redes. A necessidade de socializar não se esvanece por completo com o uso das TIC, o que muda é a forma de como essa socialização é feita.

Fruto dessa socialização em linha são as relações de amizade e amorosas originárias na Rede. Aqui as pessoas divergem a sua opinião, enquanto no que toca a amizade é notório

que as pessoas acreditam que se possa criar amizade com alguém conhecido na Internet. No amor o caso já muda de figura, apesar de haver um certo equilíbrio entre os que concordam e os que não concordam que se pode apaixonar por alguém "virtual", a tendência maior para o "não".

Apesar de 52% dos inquiridos dizerem que não é possível apaixonar-se nestes contornos, quisermos saber a opinião de dois casais que contrariaram essa tendência e que namoram com alguém que conheceram numa Rede Social. Para eles tal situação é perfeitamente normal, tratando-se de uma relação como outra qualquer.

Sendo um dos pontos fortes da Internet, a quantidade e variedade de informação que a Rede contém e disponibiliza é um dos motores de sucesso da mesma. Sendo a Internet cada vez mais um dos locais preferidos pelos indivíduos para se informarem, somente atrás da televisão, os meios de comunicação social convencionais têm sido "obrigados" a mudarem as suas estratégias de maneira a que os seus trabalhos não percam terreno para a Internet. É por isso que muitos jornais, rádios e até televisões, têm em linha o seu próprio espaço virtual apesar de ainda terem o seu suporte original – jornal em papel por exemplo. Por outro lado, a Internet tem dado oportunidades a outros meios de comunicação social de exporem o seu trabalho às pessoas, algo que até então era completamente impensável tendo em conta os elevados custos financeiros e logísticos para se pôr em marcha um projecto informativo. Assim, com custos bem menores e também com uma escala maior de audiências, pois em vez se limitar apenas à população de um país esta passa para uma escala planetária, tem-se assistido ao surgimento de novos meios de comunicação assentes na Internet que vão desde as webtv's, às rádios *on-line* ou até mesmo aos jornais digitais.

A relação da Igreja com as TIC, em especial a Internet, não tem sido muito pacífica, principalmente pelos valores morais (ou a falta deles) subjacentes ao seu uso. Um deles já o mencionamos atrás, a falta de socialização, mas há outros como o possível adultério, a pornografia infantil, entre outros. Certo é que a Igreja, apesar do seu conservadorismo, não pode nem deve ficar para trás na evolução natural da sociedade em que se insere. Como tal, já percebeu que o futuro passa obrigatoriamente pelo uso das TIC de forma a não perder os seus seguidores e até, quem sabe, ganhar novos fiéis. O ponto-chave que retiramos neste trabalho, é o de que para além de a Igreja não poder desligar-se da realidade, tem também que adaptar a sua linguagem que nem sempre é perceptível da mesma forma, por uma mais simples e directa. Um verdadeiro desafio para uma instituição que tem mais de dois mil anos de história.

Em Portugal se há serviços que se têm desenvolvido e com o mérito de serem reconhecidos internacionalmente, são os de governação electrónica. É certo que Portugal tem uma administração pública demasiado pesada, burocrática e morosa, e havia a necessidade de dar um passo em frente na modernização da administração central. É nesta óptica que os dois últimos governos têm apostado forte na disponibilização dos seus serviços via Internet. Uma aposta que os portugueses aprovam mas que apontam o facto de tais serviços não estarem disponíveis para todos, uma vez que nem todos têm acesso à Internet. A nível local o panorama começa a ser similar, com os municípios a apostarem na mesma linha do governo central, disponibilizando também os seus serviços via Internet e a apostarem cada vez mais nas TIC, mesmo dentro dos seus espaços físicos.

Quem também tem apostado forte no uso da Internet para passar a sua mensagem, é sem dúvida a classe política. Um pouco à imagem do que se faz no estrangeiro, principalmente nos Estados Unidos da América, por cá os partidos vêm na Internet uma forma de cativar, de interagir com o eleitorado e até mesmo fazer com que as pessoas participem de forma cívica em questões que poderão ser estruturantes para o país. O “cortar na despesa” apresentado neste trabalho, é um dos bons exemplos de como a classe política se pode (re)aproximar dos cidadãos com a ajuda da Internet.

Por fim, e como não podíamos deixar de mencionar, uma breve passagem pelo tema mais delicado no que à Internet diz respeito: a segurança. O tema “segurança” é sem dúvida o aspecto negativo da Internet que mais palavras tem originado por este mundo fora. Para além de questões como a falta de privacidade de alguns serviços, ou das novas formas de criminalidade subjacentes à Rede Global (roubo de dados sensíveis, *cyberbullying*, pornografia infantil, entre outros), o que mais tem assustado os chefes de estado de todo o mundo ocidental é sem dúvida a hipótese de um ataque terrorista via Internet. À medida que a influência da Internet na nossa sociedade vai crescendo, esse medo que recai sobre o ciberterrorismo também aumentará, no mínimo em iguais proporções e com toda a razão para que isso aconteça.

Para concluir, podemos dizer em jeito de resumo que a Internet não é mais que o espelho do mundo actual que temos: onde há coisas muito boas, coisas razoáveis, coisas más ou até mesmo muito más. A diferença entre o mundo dito real e o mundo dito virtual está no simples facto de o segundo estar ao nosso alcance através de um simples computador – uma máquina –, onde não se tem que se esforçar muito para se alcançar o desejado. De resto, tudo o que há no mundo real também o há no mundo virtual.

Bibliografia

- A.B.F. (2010); *"3 Perguntas a Gustavo Cardoso - «Conversa do Facebook é igual à de café»"*, in Diário de Notícias [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1479815
- ACC/CMP (2010); *"Bruxelas diz que «há que ir mais longe» na protecção de menores nas redes sociais"*, in Portal Sapo Notícias ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 29-5-2010]. Disponível em: <http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/10649249.html>
- ALECRIM, Emerson (2010); *"União Europeia quer mudanças no Google Street View"*, in Infowester, [Em linha] [Consult: 4-8-2010]. Disponível em: <http://www.infowester.com/noticias/uniao-europeia-quer-mudancas-no-google-street-view/>
- ALVITO, Vítor (2009); *"Facebook causa ciúmes nas relações"*, in TVNet, [Em linha] [Consult: 12-2-2010]. Disponível em: http://tvnet.sapo.pt/noticias/video_detalhes.php?id=47341
- ANDRÉ, Susana (2010); *"Vidas em Rede"*, in 'Grande Reportagem' SIC, [Em linha] [Consult: 13-6-2010]. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/online/video/informacao/Reportagem+SIC/2010/6/vidas-em-rede13-06-2010-222624.htm>
- AMORIM, Ana (2009/2010); *"Redes Sociais na Internet: Um mundo de interacção social"*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade de Letras.
- AMORIM, Bruno (2009); *"Investimento em segurança informática está a disparar"*, in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 10-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Economia/Interior.aspx?content_id=1328328
- BARBOSA, André (2009); *"Internet cada vez mais importante em eleições - 60% dos portugueses informam-se sobre os candidatos em sites"*, in Jornal Metro n.º 1021, Lisboa: N.º Depósito Legal: 220825/04.

- BARBOSA, André (2009); "*60 segundos com Carlos Zorrinho*", in *Jornal Metro* n.º 1021, Lisboa: N.º Depósito Legal: 220825/04.

- BERTOCCHI, Daniela (2005); "*Gêneros jornalísticos em espaços digitais*" – *Livro de Actas 4º SOPCOM*. Braga: Universidade do Minho.

- CANAVILHAS, José Manuel Messias (2006); "*Do jornalismo on-line ao webjornalismo: formação para a mudança*", in *Comunicação e Sociedade*, vol. 9-10, pp. 113-119.

- CAMELO, Hugo (2004); "*CiberApanhados*". Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico, ISBN: 9728426933

- CARDOSO, Gustavo; ESPANHA, Rita; ARAÚJO, Vera, "*A Internet em Portugal 2009*". OberCom.

- CARREIRA, Diogo (2009); "*Quando a internet se torna um vício*", in TVNet. [Em linha] [Consult: 1-10-2009]. Vídeo disponível em: http://tvnet.sapo.pt/noticias/video_detalhes.php?id=47717

- CASTELLS, Manuel (2007); "*A Galáxia Internet: reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*". 2ª Edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 9789723110654

- CASTELLS, Manuel; COSTA, António Firmino da; CARDOSO, Gustavo; CONCEIÇÃO, Cristina Palma; GOMES, Maria João (2005); "*A sociedade em rede – A sociedade em rede em Portugal*". Porto: Campo das Letras, ISBN: 9789726109204

- CASTELLS, Manuel (2007); "*A era da informação: economia sociedade e cultura*", Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, ISBN: 9789723109849.

- CHESSER, Chad M. (2010); "*Durkheim and Anomie*", in Wordpress, [Em linha] [Consult: 1-7-2010]. Disponível em: <http://thesociallens.wordpress.com/2010/03/04/durkheim-and-anomie>

- COSTA, Paula (2009); Vídeo "*Trocas na Net estão em alta*", in RTP, [Em linha] [Consult: 9-9-2009]. Vídeo disponível em: <http://videos.sapo.pt/P1mTv4arLHU6oZosInDJ>
- COUTINHO, Miguel Conde (2010); "*O futuro da informação na Net somos nós?*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 29-5-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1488587
- CRISTÃO, Catarina (2010); "*Médicos oferecem consultas através das redes sociais*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 18-10-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1688166&seccao=Sa%FAde
- FILIPE, Márcia (2010); "*Redes de saias*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 5-8-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1633414
- FONSECA, Carina (2009); "*Nível de segurança da Net portuguesa é 'perigoso'*". in Jornal de Notícias. Porto,
- FONSECA, Pedro (2009); "*Despedimentos fazem aumentar o crime informático*", in Diário de Notícias. [Em linha] [Consult: 10-9-2009]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=1313249&seccao=Media
- FONSECA, Pedro (2010); "*Quinta virtual que arrasta milhões de agricultores*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 25-2-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=1504088&seccao=Media
- FONSECA, Pedro (2010); "*Protestos do futuro serão anónimos?*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 2-10-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1676536&seccao=Tecnologia
- FRANCO, Joaquim; ALMEIDA, Reginaldo Rodrigues; SILVA, Marta Ribeiro (2010); "*Oração tecnológica*", in programa 'Falar Global' da SIC, [Em linha] [Consult: 11-5-2010]. Vídeo disponível em: <http://sic.sapo.pt/online/video/informacao/Falar+Global/2010/5/oracao-tecnologica11-05-2010-1777.htm>

- GASPAR, Ana (2009); "*Cautela nas "revelações" à net*", in *Jornal de Notícias*. [Em linha] [Consult: 9-12-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1442120

- GASPAR, José Manuel (2009); "*Mais de metade das casas portuguesas não têm Internet – Lisboa é a única região com mais de 50% ligados à Net*", in *Jornal de Notícias*. Porto: ISSN: 0870-2020

- GONÇALVES, Luís (2010); "*Facebook quer ser líder da publicidade on-line*", in *Jornal OJE* (com Bloomberg) n.º 910, pp. 10-11, Lisboa: N.º de Depósito Legal: 245365/06

- GONÇALVES, Rita (2009); "*4,5 milhões de portugueses utilizam Internet*", in *Jornal HiperSuper*. [Em linha] [Consult: 15-10-2009]. Disponível em: <http://www.hipersuper.pt/2009/10/14/45-milhoes-de-portugueses-utilizam-de-internet>

- GONÇALVES, Rita (2009); "*Quase dois milhões de portugueses compram on-line*", in *Jornal HiperSuper*. [Em linha] [Consult: 30-10-2009]. Disponível em: <http://www.hipersuper.pt/2009/10/30/quase-dois-milhoes-de-portugues-compram-on-line>

- GONZAGA, Luis; GONZAGA, Susete (2001); "*Religião On-line - O melhor da Internet sobre as grandes Religiões*". Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico. ISBN: 9728426461

- GOUVEIA, Luís Borges (2004); "*Local e-Government - A Governação digital na autarquia*", Porto: SPI - Sociedade Portuguesa de Inovação, ISBN: 9728589417.

- GOUVEIA, Luís Borges (2004); "*Modelos de Governação na Sociedade da Informação e do Conhecimento*", Lisboa: APDSI - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação.

- GOUVEIA, Luís; CONSTANTNO, Jorge (2009); "*A minha aldeia é todo o mundo: uma reflexão sobre participação cívica*", Escola Superior de Gestão Instituto Politécnico de Santarém / Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa, [Em linha] [Consult: 9-9-2010]. Disponível em: http://homepage.ufp.pt/lmbg/com/rev_obranasce_epart09.pdf
- GRADIM, Anabela (2000); "*Manual de Jornalismo*", Covilhã, Universidade da Beira Interior, [Em linha] [Consult: 28-9-2010]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-2.html>
- JERÓNIMO, Pedro (2009); "*Jornalismo o(ff)nlíne*", Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria.
- JESUS, Patrícia (2010); "*Patrões têm acesso fácil a dados pessoais*", in Diário de Notícias [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1479808
- LEITÃO, Mário Silva (2009); "*Cabem todos os livros na Internet?*", in Portal Sapo Notícias. [Em linha] [Consult: 14-11-2009]. Disponível em: <http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1030215.html>
- LIMA, Carlos Rodrigues (2009); "*Rede de espionagem roubou dados do Ministério da Justiça*", in Diário de Notícias. [Em linha] [Consult: 11-10-2009]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1386903
- LIPOVETSKY, Gilles; FRAGA, César (entrevista de) (2004); "*Somos hipermodernos*", in Revista Extra Classe, Brasil, [Em linha] [Consult: 2-7-2010]. Disponível em: <http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Entrevista%20-%20Gilles%20Lipovetsky.pdf>
- LIPOVETSKY, Gilles; MARIANO, Fátima (entrevista de) (2010); "*«Hoje, há demasiado de tudo»*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 2-7-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1535438

- LIPOVETSKY, Gilles; EICHENBERG, Fernando (entrevista de) (Abril de 2008); *"Entrevista - Gilles Lipovetsky"*, in Terra Magazine, Brasil, [Em linha] [Consult: 2-7-2010]. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2763082-EI6782,00-Entrevista+Gilles+Lipovetsky+parte+I.html>

- MADUREIRA, Raquel (2010); *"Portugueses em modo off-line"*, in Jornal Metro, n.º 1253, Lisboa: N.º Depósito Legal: 220825/04.

- MARQUES, Ângela (2009); *"Quem não está 'on-line', está a faltar às aulas"*, in Diário Económico. [Em linha] [Consult: 4-10-2009]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/quem-nao-esta-on-line-esta-a-faltar-as-aulas_71153.html

- MIGUEL, Hugo (2009); *"A arte de seduzir na Internet"*, in Revista Focus n.º 528. Sintra: N.º Depósito Legal: 144-085/99.

- MEIRELES, Nuno (2009); *"A Sociedade Contemporânea ~ As Visões de Manuel Castells e Ulrich Beck"*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade de Letras.

- MOLINOS, Manuel; CRUZ, Catarina; CARVALHO, Luís Pedro (2009), *"Mais de 1,7 milhões de portugueses jogam na Net"*, in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 9-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1256080

- MOLINOS, Manuel; MARQUES, Nuno; FERREIRA, Paulo (2006); *"Dez anos de Jornalismo digital no Jornal de Notícias"*, in Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, pp. 141-145.

- MORAIS, Tito de (2007); *"Bullying e Cyberbullying: As Diferenças"*, in Miúdos seguros na net, [Em linha] [Consult: 12-10-2010]. Disponível em: <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2007-09-11.html>

- MOTA, Isabel Teixeira da (2010); *"Informação no Facebook usada pelas empresas"*, in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 25-7-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/VivaMais/Interior.aspx?content_id=1626241

- MOTA, Isabel Teixeira (2010); "*O futuro da rádio está na internet*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 12-10-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1682815
- MOUTEIRO, Rita (2009); "*Portugueses no Top dos mais ligados na Web*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 17-12-2009]. Vídeo disponível em: http://tvnet.sapo.pt/noticias/video_detalhes.php?id=43571
- MOUTINHO, Vera; AFONSO, Rita (2010); "*Entrevista a Cristina Ponte «Há mais crianças a usar Internet do que os países»*", in Portal Sapo Notícias ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 29-5-2010]. Vídeo disponível em: <http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1045555.html>
- NETO, João Lopes de A. (Janeiro de 2008); "*Anomia*", in Webartigos, [Em linha] [Consult: 1-7-2010]. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/3730/1/Anomia/pagina1.html>
- NEVES, Céu (2010); "*Redes sociais duplicam o grupo de amigos*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 7-7-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1612267&seccao=Tecnologia
- NUNES, Paulo (2007); "*Conceito de Brainstorming*", in Knoow, [Em linha] [Consult: 7-10-2010]. Disponível em: <http://www.knoow.net/cienceconempr/gestao/brainstorming.htm#vermais>
- PACHECO, Miguel (2010); "*Condomínios, Facebook e bons vizinhos*", in Jornal I, [Em linha] [Consult: 28-5-2010]. Disponível em: <http://www.ion-line.pt/conteudo/61278-condominios-facebook-e-bons-vizinhos>
- PADRÃO, Isaltina (2009), "*Falso 'mail' da PSP alarma 400 pessoas por dia*", in Diário de Notícias. [Em linha] [Consult: 20-10-2009]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1397507

- PAZ, Rita (2010); "*PSD recebe mais de 10 mil propostas para cortar despesa*", in Diário Económico, [Em linha] [Consult: 7-10-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/psd-recebe-mais-de-10-mil-propostas-para-cortar-despesa_100959.html

- PINHEIRO, Júlia (2007); "*Entrevista a Padre Júlio Grangeira – Parte 1*", in YouTube/TVI. [Em linha] [Consult: 1-10-2009]. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6MqR8rj1KF8>

- PINHEIRO, Júlia (2007); "*Entrevista a Padre Júlio Grangeira – Parte 2*", in YouTube/TVI. [Em linha] [Consult: 1-10-2009]. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YMM1r0u4AVI&feature=related>

- PINTO, Francisco (2010); "*Net no Interior atinge velocidade pré-histórica*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 19-1-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Bragan% E7a&Concelho=Miranda %20do%20Douro&Option=Interior&content_id=1473098

- QUEDAS, Pedro; CASTRO, Carla (2010); "*Recrutar nas redes sociais: a moda está a pegar*", in Jornal Diário Económico, [Em linha] [Consult: 30-6-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/recrutar-nas-redes-sociais-a-moda-esta-a-pegar_92587.html

- QUERIDO, Paulo (2005); "*Amizades virtuais, paixões reais – A sedução pela escrita*". Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico, ISBN: 9896150176

- RIBEIRO, Nicolau (2005); "*Municípios On-line - A rede como suporte a novas práticas de governação local*", Porto: Universidade Fernando Pessoa.

- RHEINGOLOD, Howard (1996); "*A Comunidade Virtual*", Lisboa: Gradiva, ISBN: 9789726624448.

- ROBALO, Hélder (2009); "*GNR aposta no Twitter e em SMS para reduzir mortes*", in Diário de Notícias. [Em linha] [Consult: 30-9-2009]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1322926

- RODRIGUES, Sandrina (2009); "*Internet ajuda escolha de eleitores*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 17-12-2009]. Vídeo disponível em: http://tvnet.sapo.pt/noticias/video_detalhes.php?id=45380
- Romanó, Rosana (2010); "Aprendizagem colaborativa para uma educação global", Curitiba, Brasil. [Em Linha] [Consult: 7-6-2010]. Disponível em: <http://www.slideshare.net/maglomaria/mapa-conceitual-4537070>
- ROSA, Ricardo (2009); "«Olhai e vede!», a Internet nasceu há 40 anos", in SIC. [Em linha] [Consult: 22-10-2009]. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/online/noticias/vida/Olhai+e+vede+a+Internet+nasceu+ha+40+anos.htm>
- ROSA, Ricardo (2009); "*Leonard Kleinrock, um dos 'pais' da Internet, em entrevista exclusiva à SIC*", in SIC. [Em linha] [Consult: 22-10-2009]. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/online/noticias/vida/Leonard+Kleinrock+um+dos+pais+da+Internet+em+entrevista+exclusiva+a+SIC.htm>
- SAMPAIO, Catarina; SANTO, Daniela Espírito (2009); "*Uma segunda vida na net*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 18-11-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1423662
- SAMPAIO, Madalena (2006); "*Jornal Digital: Percurso histórico*", in Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, pp. 155-160.
- SARMENTO, António (2010); "*e-vangelização: A fé na Internet*", in Diário Económico, [Em linha] [Consult: 15-9-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/evangelizacao_87284.html
- SEPULVEDA, Ana João (2000); "*Marketing político na Internet*". Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico, ISBN: 9728426283
- SHEUERMANN, Friedrich; PEDRÓ, Francesc (2009); "*Assessing the effects of ICT in education - Indicators, criteria and benchmarks for international comparisons*", European

Union / OECD, ISBN: 978-92-79-13112-7, [Em linha] [Consult: 17-9-2010]. Disponível em: <http://browse.oecdbookshop.org/oecd/pdfs/browseit/9609111E.PDF>

- SIMÕES, Maria João (2009); *Apresentação: "Cidades e Regiões Digitais: Velhos e Novos Desafios"*, in congresso Administração Pública Local: Perspectivas de Desenvolvimento no âmbito da Sociedade da Informação, Lisboa: APDSI - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação.

- SOUSA, Filipa Ambrósio de; SILVA, Elisabete (2010); *"Conversas em redes sociais são motivo para despedir"*, in Diário de Notícias [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1479795

- TOCINO, Isabel (2004); *"eGovernment e Competitividade"*, in Expresso, n.º 1651.

- VASCONCELOS, Diogo (2005); *"O desafio é desmaterializar"*, in Expresso/Economia n.º 1686.

- VENÂNCIO, Rebeca (2010); *"Movimento no Facebook traz de volta gelados Olá"*, in Jornal Económico, [Em linha] [Consult: 8-5-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/movimento-no-facebook-traz-de-volta-gelados-ola_89065.html

- VENÂNCIO, Rebeca (2010); *"Portugal é surpresa europeia no uso da Internet"*, in Jornal Económico, [Em linha] [Consult: 5-5-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/portugal-e-surpresa-europeia-no-uso-da-internet_88501.html

- (2004); *"Comunicado do Conselho de Ministros de 18 de Março"*, in Portal do Governo, [Em linha] [Consult: 1-10-2010]. Disponível em: <http://www.portugal.gov.pt/pt/GC15/Governo/ConselhoMinistros/ComunicadosCM/Pages/20040318.aspx>

- (2006); "*Católicos em Portugal abaixo dos 90%*", in Agência Ecclesia [Em Linha] [Consult: 1-9-2010]. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=32953>

- (2007); "*Simplex 2007 concentra esforços nas medidas de simplificação dos serviços ao cidadão*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 1-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/Arquivo/simplex_2007_concentra_esforços_nas_medidas_d_719535.html

- (2008); "*Simplex agrega medidas de desburocratização administrativa e legislativa*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 1-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/Arquivo/simplex_agrega_medidas_de_desburocratizacao_a_654319.html

- (2008); "*Simplex 2008 volta a colocar enfoque no Cidadão*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 1-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/negocios/simplex_2008_volta_a_colocar_enfoque_no_cidad_876992.html

- (2009); "*Redes Estudantes criam rede de partilha de bens*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 9-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Castelo%20Branco&Concelho=Covilh%E3&Option=Interior&content_id=1268426

- (2009); "*Programa de partilha de bens criado na UBI - Aplicação premiada pela Microsoft*", ((com Lusa)) Kaminhos Magazine. [Em linha] [Consult: 9-9-2009]. Disponível em: http://www.kaminhos.com/destaque.asp?id_artigo=8335

- (2009); "*Redes sociais na Internet usadas para recrutamento de pessoal*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 9-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1240792

- (2009); "*Twitter deverá ser sempre gratuito*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 10-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1271700

- (2009); "*Hillary Clinton defende intervenção junto do Twitter*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 10-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1265747

- (2009); "*2,2 mil milhões de internautas em 2013*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 10-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1313593

- (2009); "*As principais ameaças combatidas por especialistas*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 10-9-2009], Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Economia/Interior.aspx?content_id=1328329

- (2009); "*Banda Larga presente em 96% dos Agregados Domésticos ligados à Internet*", in Portal do Cidadão. [Em linha] [Consult: 12-9-2009]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/noticias/11_2009/NEWS_banda+larga+presente+em+96++dos+agregados+domesticos+ligados+a+internet.htm

- (2009); "*Política na origem do ataque ao Twitter*", in Portal Sapo Tek. [Em linha] [Consult: 1-10-2009]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/politica_na_origem_do_ataque_ao_twitter_1010694.html

- (2009); "*MARCO: Câmara lança serviços on-line e Cartão do Município - Aposta na modernização administrativa permite acesso a vários serviços da autarquia a partir da internet*", in Tâmega Jornal On-line. [Em linha] [Consult: 30-9-2009]. Disponível em: <http://www.tamegaon-line.info/v2/noticia.asp?cod=2548>

- (2009); "*Clínica cura viciados em Net*", in Jornal de Notícias. [Em linha] [Consult: 30-9-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1353723

- (2009); Vídeo "*Internet garante mais transparência na política*", in TVNet. [Em linha] [Consult: 1-10-2009]. Disponível em: http://tvnet.sapo.pt/noticias/video_detalhes.php?id=42855

- (2009); "*Após comunicação do PR - tentativas de intrusão no sistema informático do Governo duplicaram*", in *Jornal Sol* ((com Lusa)). [Em linha] [Consult: 3-10-2009]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Politica/Interior.aspx?content_id=149894

- (2009); "*UIT preocupada com jovens que navegam sozinhos*", in *Jornal "Repórter do Marão"*. [Em linha] [Consult: 8-10-2009]. Disponível em: http://www.maraonline.com/Marao_2009/Marao_On-line/Entradas/2009/10/8_INTERNET__UIT_preocupada_com_jovens_que_navegam_sozinhos.html

- (2009); "*Bruxelas pede regulação para redes sociais*", in *Portal Sapo TEK*, [Em linha] [Consult: 14-10-2009]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/bruxelas_pede_regulacao_para_redes_sociais_987519.html

- (2009); "*Mercado negro da Internet move 70 mil milhões de euros por ano*", in *Portal Sapo Tek*. [Em linha] [Consult: 15-10-2009]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/negocios/mercado_negro_da_internet_move_70_mil_milhoes_1023397.html

- (2009); "*Breve cronologia da fundação da Internet*", in *SIC*. [Em linha] [Consult: 22-10-2009]. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/online/noticias/vida/Breve+cronologia+da+fundacao+da+Internet.htm>

- (2009); "*Breve Bento XVI apela a resposta da Igreja aos novos desafios da tecnologia*", *SIC*. [Em linha] [Consult: 22-10-2009]. Disponível em: <http://sic.sapo.pt/online/noticias/vida/Bento+XVI+apela+a+resposta+da+Igreja+aos+novos+desafios+da+tecnologia.htm>

- (2009); "*Portugal é Primeiro do 'Ranking' Europeu em Serviços Públicos On-line*", in *Portal do Cidadão*. [Em linha] [Consult: 19-11-2009]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/noticias/11_2009/NEWS_portugal+e+primeiro+do+_ranking+_europeu+em+servicos+publicos+on-line.htm

- (2009); *“Banda larga mudou a forma de fazer jornalismo”*, in *Jornal Repórter do Marão*. [Em linha] [Consult: 22-11-2009]. Disponível em: http://www.maraonline.com/Marao_2009/Marao_On-line/Entradas/2009/11/22_MEDIA__Banda_larga_mudou_a_forma_de_fazer_jornalismo.html
- (2009); *“Portugueses passam mais tempo on-line e mantêm preferências”*, in *Portal Sapo TEK*. [Em linha] [Consult: 28-11-2009] Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/portugueses_passam_mais_tempo_on-line_e_mantem_1031856.html
- (2009); *“Portugueses usam rede para ver mails, trocar mensagens e ver notícias”*, in *Jornal de Notícias*. [Em linha] [Consult: 2-12-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1436550
- (2009); *“Actualizou Twitter e Facebook do altar”*, in *Jornal de Notícias*. [Em linha] [Consult: 7-12-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1441086
- (2009); *“Portugal atrás da média europeia no acesso à Internet”*, in *Sapo TEK*. [Em linha] [Consult: 9-12-2009] Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/telecomunicacoes/portugal_atras_da_media_europeia_no_acesso_a_1034065.html
- (2009); *“Mais famílias europeias a navegar na internet”*, in *Jornal de Notícias*. [Em linha] [Consult: 9-12-2009]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1442051
- (2009); *“Internet: Nobel da Paz”*, in *Portal Sapo TEK*. [Em linha] [Consult: 11-12-2009]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/extras/site_do_dia/internet_nobel_da_paz_1034431.html
- (2009); *“Banda larga universal até 2013”*, in *Jornal Sol*. [Em linha] [Consult: 18-12-2009]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=157420

- (2009); *"Facebook e Twitter disparam em 2009"*, in Jornal Diário Digital. [Em linha] [Consult: 28-12-2009]. Disponível em: http://diariodigital.sapo.pt/dinheiro_digital/news.asp?id_news=129298
- (2009); *"Quase metade dos lares espanhóis sem Internet"*, in Portal Sapo TEK. [Em linha] [Consult: 29-12-2009]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/quase_metade_dos_lares_espanhois_sem_internet_1037955.html
- (2009); *"Post no Facebook salva nova-iorquino da cadeia"*, in Jornal Diário Digital. [Em linha] [Consult: 12-2-2010] Disponível em: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=18&id_news=420655
- (2010); *"Polónia inaugura julgamentos pela Internet"*, in TVNet, [Em linha] [Consut: 4-1-2010]: Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=52720>
- (2010); *"Redes sociais inspiram novas palavras"*, in Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 11-1-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/redes_sociais_inspiram_novas_palavras_1038831.html
- (2010); *"Marcação de consultas médicas on-line disponível em todo o país"*, in Portal do Cidadão, [Em linha] [Consult: 12-1-2010]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/noticias/01_2010/NEWS_marcacao+de+consultas+medicas+on-line+disponivel+em+todo+o+pais.htm
- (2010); *"Presidência da UE quer criar um mercado único digital"*, in Portal do Cidadão, [Em linha] [Consult: 22-1-2010]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/noticias/01_2010/NEWS_presidencia+da+ue+quer+criar+um+mercado+unico+digital.htm
- (2010); *"Jovens plagam cada vez mais para trabalhos escolares"*, in Jornal Tâmega On-line ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 10-2-2010]. Disponível em: <http://www.tamegaonline.info/v2/noticia.asp?cod=2882>

- (2010); "*E-mail, redes sociais e downloads são as maiores ameaças à segurança da rede*", in *Jornal Tâmega On-line* ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 10-2-2010]. Disponível em: <http://www.tamegaon-line.info/v2/noticia.asp?cod=2881>

- (2010); "*Site com orações a descarregar para MP3 é hoje lançado*", in *Portal Sapo Notícias* ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 17-2-2010]. Disponível em: <http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/10684083.html>

- (2010); "*Deficientes com acesso a mais de metade da Administração Público on-line*", in *Portal Sapo TEK*, [Em linha] [Consult: 19-2-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/deficientes_com_acesso_a_mais_de_metade_da_ap_1047018.html

- (2010); "*Especialistas defendem que Internet nos vai tornar mais espertos*", in *Portal Sapo TEK*, [Em linha] [Consult: 22-2-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/especialistas_defendem_que_internet_nos_vai_t_1047915.html

- (2010); "*Farmville em números – Conheçam alguns impressionantes números relativos à mais utilizada das aplicações do Facebook*", in *Portal Gameover*, [Em linha] [Consult: 22-2-2010]. Disponível em: <http://gameover.sapo.pt/article.html?id=49506>

- (2010); "*Google, Sapo e hi5 lideram preferências entre os mais novos*", in *Portal Sapo TEK*, [Em linha] [Consult: 25-2-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/google_sapo_e_hi5_lideram_preferencias_entre_1048401.html

- (2010); "*Leitores preferem notícias on-line*", in *Portal Sapo TEK*, [Em linha] [Consult: 7-3-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/leitores_preferem_noticias_online_1049581.html

- (2010); "*FarmVille ultrapassa 80 milhões de jogadores*", in *Diário de Notícias*, [Em linha] [Consult: 25-2-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=54901>

- (2010); "*Exército israelita anula bombardeamento por causa do Facebook*", in Portal Sapo Notícias, [Em linha] [Consult: 3-3-2010]. Disponível em: <http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1050138.html>

- (2010); "*Casal viciado em jogos on-line deixa filha morrer com fome*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 5-3-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1511910&seccao=%C1sia

- (2010); "*Twitter alcançou 10 mil milhões de 'tweets'*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 6-3-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1512687

- (2010); "*Portugueses acima da média europeia na utilização das TIC*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 7-3-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/portugueses_acima_da_media_europeia_na_utiliz_1050132.html
http://tek.sapo.pt/noticias/internet/portugueses_acima_da_media_europeia_na_utiliz_1050132.html

- (2010); "*Quantos mais ecrãs menos socialização*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 7-3-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/Interior.aspx?content_id=1508271&seccao=Tecnologia

- (2010); "*Quatro em cada cinco adultos afirmam que net é direito fundamental*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 8-3-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=55397>

- (2010); "*Internet é a melhor conselheira dos jovens britânicos*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 20-3-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=55853>

- (2010); "*Twitter ultrapassa os 100 milhões de utilizadores*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 16-4-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=56751>

- (2010); "*Câmara proíbe acesso ao Facebook*", in Diário Económico ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 22-4-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/camara-proibe-acesso-ao-facebook_87296.html

- (2010); "*Google: UE limita imagens do Street View*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 27-4-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=54991>

- (2010); "*Mulher aparece em 43 imagens do Street View*", in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 27-4-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=169889

- (2010); "*Exerça a sua cidadania e crie uma petição on-line*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 6-5-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/extras/sugestoes/sugestao_tek_exerca_a_sua_cidadania_e_crie_um_1063113.html

- (2010); "*UE considera «inaceitáveis» as alterações do Facebook*", in Diário Digital ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 13-5-2010]. Disponível em: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=18&id_news=450333

- (2010); "*Phishing em português cresce no mês de Abril*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 18-5-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/phishing_em_portugues_cresce_no_mes_de_abril_1065617.html

- (2010); "*Pais controlam 'prestação' escolar pela Net*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 18-5-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/pais_controlam_prestacao_escolar_pela_net_1065535.html

- (2010); "*Portugal é primeiro nos serviços on-line mas a adesão não corresponde*", in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 20-5-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=173135

- (2010); *"Facebook partilhou dados que não devia"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 21-5-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/facebook_partilhou_dados_que_nao_devia_1066578.html

- (2010); *"Redes sociais enviaram dados pessoais a anunciantes"*, in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 21-5-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=173409

- (2010); *"Conversa no Facebook acaba em três despedimentos"*, in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 21-5-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=173421

- (2010); *"Portugal é o 2º país da UE que mais usa banda larga móvel"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 25-5-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/telecomunicacoes/portugal_e_o_2_pais_da_ue_que_mais_usa_banda_1067534.html

- (2010); *"Privacidade: regras no Facebook vão mudar. Outra vez"*, in Jornal I, [Em linha] [Consult: 28-5-2010]. Disponível em: <http://www.ion-line.pt/conteudo/61249-privacidade-regras-no-facebook-va-mudar-outra-vez>

- (2010); *"Portugal tem os serviços públicos 'on-line' mais sofisticados"*, in Diário Económico ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 29-5-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/portugal-tem-os-servicos-publicos-on-line-mais-sofisticados_87330.html

- (2010); *"Relatório da ONU sobre 'eGovernment' coloca Portugal na 39.ª posição"*, in Portal do Cidadão, [Em linha] [Consult: 29-5-2010]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/noticias/01_2010/NEWS_relatorio+da+onu+sobre++egovernment++coloca+portugal+na+39+a+posicao.htm

- (2010); *"Redes sociais ocupam lugar do email nas empresas"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 29-5-2010]. Disponível em:

http://tek.sapo.pt/noticias/internet/redes_sociais_ocupam_lugar_do_email_nas_empre_1044553.html#

- (2010); "*Director da RTP definiu regras para uso da Net*", in Diário de Notícias [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1479796

- (2010); "*Fotografias de procuradora dão processo*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1479802

- (2010); "*Empresas recrutam cada vez mais em 'sites' profissionais*", in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1479798

- (2010); "*Twitter atinge os 75 milhões de usuários*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=53781>

- (2010); "*Ameaças no Facebook feitas da prisão*", in TVNet, [Em linha] [Consult: 30-5-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=53806>

- (2010); "*Twitter é prova em caso de homicídio*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 9-6-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1467936

- (2010); "*Seleções proibem Facebook durante o Mundial*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 12-6-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/selecoes_proibem_facebook_durante_o_mundial_1070578.html

- (2010); "*Americanos com mais de 50 anos fãs das redes sociais*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 17-6-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=58750>

- (2010); *"Metade dos adolescentes sem supervisão on-line"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 17-6-2010], Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/metade_dos_adolescentes_sem_supervisao_on-line_1045363.html

- (2010); *"Pornografia representa 12 por cento do total de sites da Web"*, in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 30-6-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=177288

- (2010); *"Marcação on-line de consultas pouco usada"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 6-7-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/marcacao_on-line_de_consultas_pouco_usada_1076751.html#

- (2010); *"Falta de interesse ou por ignorância - Mais de metade dos portugueses não usa Internet"*, in Diário de Notícias ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 7-7-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1612490&seccao=Tecnologia

- (2010); *"Facebook cria 'botão de pânico' para menores"*, in Diário de Notícias, [Em linha] [Consult: 12-7-2010]. Disponível em: http://dn.sapo.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=1616571&seccao=Tecnologia

- (2010); *"Governo inglês pede sugestões no Facebook"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 17-7-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/governo_ingles_pede_sugestoes_no_facebook_1078658.html

- (2009); *"Cartão de Cidadão abre portas nas Finanças e Segurança Social on-line"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 21-7-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/cartao_de_cidadao_abre_portas_nas_financas_e_1079672.html

- (2010); *"Alemanha acusa Facebook de usar dados sem autorização"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 27-7-2010]. Disponível em:

http://tek.sapo.pt/noticias/internet/alemanha_acusa_facebook_de_usar_dados_sem_aut_1077193.html

- (2010); *"Um terço das empresas em Portugal fazem negócios nas redes sociais"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 27-7-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/negocios/um_terco_das_empresas_em_portugal_fazem_negoc_1077226.html

- (2010); *"Assassino apanhado graças ao Facebook"*, in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 27-7-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1628726

- (2010); *"O que vai mudar com o próximo Simplex?"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 1-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/extras/sugestoes/sugestao_tek_o_que_vai_mudar_com_o_proximo_si_1058351.html

- (2010); *"Mais queixas contra o Google Street View"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 4-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/mais_queixas_contra_o_google_street_view_994328.html

- (2010); *"Britânicos não querem Google Street View"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 4-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/britanicos_nao_querem_google_street_view_986193.html

- (2010); *"Google cede a pressão alemã no Street View"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 4-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/google_cede_a_pressao_alema_no_street_view_999870.html

- (2010); *"Google sem autorização para fotografar ruas portuguesas"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 4-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/google_sem_autorizacao_para_fotografar_ruas_p_1082183.html

- (2010); "*Mulheres em maioria nas redes sociais*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 5-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/mulheres_em_maioria_nas_redes_sociais_1081170.html

- (2010); "*PT atende clientes no Facebook e no Twitter*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 16-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/pt_atende_clientes_no_facebook_e_no_twitter_1085501.html

- (2010); "*Adultos com internet em casa têm mais hipóteses de viver romances*", in Portal Sapo Notícias, [Em linha] [Consult: 17-8-2010]. Disponível em: <http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1085799.html>

- (2010); "*Jovens mudam de nome para escapar a ciberpassado*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 18-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/jovens_mudam_de_nome_para_escapar_a_ciberpass_1086942.html

- (2010); "*Portugueses gastam em média 15 minutos por dia na Internet*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 24-8-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/portugueses_gastam_em_media_15_minutos_por_di_1039852.html

- (2010); "*Estudo sobre a adesão e o impacto das e-iniciativas - Relatório Final*", [Em linha] [Consult: 2-9-2010]. ANACOM / KPMG. Disponível em: <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1000836>

- (2010); "*Perito revela fragilidades do Facebook*", in Jornal de Notícias, [Em linha] [Consult: 3-9-2010]. Disponível em: http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=1632783

- (2010); *"Português é o segundo idioma mais utilizado no Twitter"*, in TVNet, [Em linha] [Consult: 3-9-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=53018>

- (2010); *"Portugal na lista dos países menos seguros na Internet"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 9-9-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/portugal_na_lista_dos_paises_menos_seguros_na_1090688.html

- (2010); *"Vítimas de cibercrime sentem-se culpadas"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 9-9-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/vitimas_de_cibercrime_sentem_se_culpadas_1090947.html

- (2010); *"Facebook faz notas escolares caírem em 20%"*, in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 9-9-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=183272

- (2010); *"Papa encoraja fiéis a usar Internet"*, in TVNet, [Em linha] [Consult: 15-9-2010]. Disponível em: <http://tvnet.sapo.pt/noticias/detalhes.php?id=57139>

- (2010); *"Páginas no Facebook e Twitter vão acompanhar Papa em tempo real"*, in Jornal Público ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 15-9-2010]. Disponível em: http://www.publico.pt/Tecnologia/paginas-no-facebook-e-twitter-vaao-companhar-papa-em-tempo-real_1434439

- (2010); *"Presidente dos EUA pode ganhar poderes para desligar Internet"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 16-9-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/telecomunicacoes/presidente_dos_eua_pode_ganhar_poderes_para_d_1070583.html

- (2010); *"Antigo director da CIA diz que a Internet é «o quinto campo de batalha»"*, in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 27-9-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/antigo_director_da_cia_diz_que_a_internet_e_o_1081203.html

- (2010); "*CE lança medidas para aumentar cibersegurança europeia*", in Portal do Cidadão, [Em linha] [Consult: 1-10-2010]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/noticias/10_2010/NEWS_ce+lanca+medidas+para+aumentar+ciberseguranca+europeia.htm

- (2010); "*Comissão reforça as defesas da Europa contra os ataques informáticos*", in Portal Europa, [Em linha] [Consult: 1-10-2010]. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/10/1239&format=HTML&aged=0&language=PT&guiLanguage=en>

- (2010); "*PSD pede aos portugueses sugestões para cortar despesa*", in Diário Económico ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 7-10-2010]. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/psd-pede-aos-portugueses-sugestoes-para-cortar-despesa_100622.html

- (2010); "*Phishing lidera queixas na Polícia Judiciária*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 13-10-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/phishing_lidera_queixas_na_policia_judiciaria_1098205.html

- (2010); "*Cibernautas portugueses enganados na net em mais de 2,5 M€*", in Diário Digital, [Em linha] [Consult: 13-10-2010]. Disponível em: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=18&id_news=473383

- (2010); "*Número de internautas cresceu 10 vezes em 14 anos*", in Diário Digital, [Em linha] [Consult: 13-10-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/numero_de_internautas_cresceu_10_vezes_em_14_1098083.html

- (2010); "*Dois em cada três utilizadores da internet já foram vítimas de cibercrime*", in Jornal Destak ((com Lusa)), [Em linha] [Consult: 13-10-2010]. Disponível em: <http://www.destak.pt/artigo/77435-dois-em-cada-tres-utilizadores-da-internet-ja-foram-vitimas-de-cibercrime>

- (2010); "*Cancro detectado a partir de foto no Facebook*", in Jornal Sol, [Em linha] [Consult: 18-10-2010]. Disponível em: http://sol.sapo.pt/inicio/Vida/Interior.aspx?content_id=2364

- (2010); "*Um terço da população mundial estará on-line em 2010*", in Portal Sapo TEK, [Em linha] [Consult: 19-10-2010]. Disponível em: http://tek.sapo.pt/noticias/internet/um_terco_da_populacao_mundial_estara_on-line_e_1100029.html

- (s.d.); "*Padres ligados às novas tecnologias*", in Agência Ecclesia, [Em linha] [Consult: 20-9-2010]. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?&id=80471>

- (s.d.); "*A Criação do 'Serviço Público Directo'*", in Portal do Cidadão, [Em linha] [Consult: 25-9-2010]. Disponível em: http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/ajuda/certidoes_online_utilizacao/HELP_a+criacao+do++servico+publico+directo.htm

- (s.d.); "*Informação no Facebook usada pelas empresas*", in Mulher Portuguesa, [Em linha] [Consult: 25-9-2010]. Disponível em: <http://www.mulherportuguesa.com/gravidez-a-familia/leis-a-direitos/1570>

- (s.d.); "*O que é o Cyberbullying?*", Amadora: Agrupamento de Escolas José Cardoso Pires - Escola EB 2.3 José Cardoso Pires, [Em linha] [Consult: 12-10-2010]. Disponível em: http://www.eb23jcpires.net/moodle/file.php/1/Seguranca_na_Internet_Pais/O_que_o_Cyberbullying.pdf

- Constituição da República Portuguesa. Disponível em: <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

- Código do Trabalho. Disponível em: http://www.mtss.gov.pt/docs/Cod_Trabalho.pdf

- Sítio da 'Agência Ecclesia'. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt>

- Sítio da 'Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação'. Disponível em: <http://www.apdsi.pt/>
- Sítio do 'Laboratório de Estudo e Desenvolvimento da Sociedade de Informação' da Universidade do Minho. Disponível em: <http://www3.dsi.uminho.pt/gavea>
- Sítio 'Passo a Rezar' para fazer Downloads de orações. Disponível em: <http://www.passo-a-rezar.net>
- Sítio 'Pordata' – Base de Dados de Portugal contemporâneo. Disponível em: <http://www.pordata.pt>
- Sítio do programa 'Simplex'. Disponível em: <http://www.simplex.pt/index.asp>
- Sítio oficial da 'visita do Papa Bento XVII a Portugal'. Disponível em: <http://www.bentoxviportugal.pt>
- Sítio oficial da campanha de Fátima Felgueiras. Disponível em: <http://www.fatimafelgueiras.net>
- Sítio oficial da campanha de José Socrates. Disponível em: <http://www.socrates2009.com>
- Sítio oficial da campanha de Manuela Ferreira Leite. Disponível em: <http://www.politicadeverdade.com>
- Sítio oficial do BE - Bloco de Esquerda. Disponível em: <http://www.bloco.org>
- Sítio oficial do PCP - Partido Comunista Português. Disponível em: <http://www.pcp.pt>
- Sítio oficial do CDS/PP - Centro Democrático Social / Partido Popular. Disponível em: <http://www.cds.pt>
- Sítio oficial do PS - Partido Socialista. Disponível em: <http://www.ps.pt>

- Sítio oficial do PSD - Partido Social Democrata. Disponível em: <http://www.psd.pt>

- Enciclopédia Livre Wikipedia. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>

- Sítio da UMIC - Agência para a Sociedade do Conhecimento. Disponível em:
<http://www.unic.pt>

Anexos

Entrevistas

Padre Júlio Granjeiro

- Ordenado presbítero a 29 de Janeiro de 1984.
- Professor de Educação Moral Católica na Escola Secundária de Adolfo Portela, Águeda, desde 1983 até 2005.
- Actualmente é Pároco das freguesias de Travassô, Ois da Ribeira e de Espinhel todas no concelho de Águeda.
- Primeiro Padre português a ter uma presença na Internet em 1997.

- - - - -

1ª – O que levou o Padre Júlio, há 13 anos atrás, a apostar na Internet?

R: Na altura em que decidi criar um site, de cariz pessoal mas assumidamente de um Padre católico – isto em Julho de 1997 – era, como ainda é hoje, para tentar dar resposta a quem eventualmente quisesse esclarecer as suas dúvidas com um padre. Só que naquela altura estava longe de saber todo o impacto – e enorme – que estas novas tecnologias da comunicação encerram...

2ª – Qual a sensação de ser um dos primeiros membros da Igreja Católica, para não dizer o primeiro em Portugal, que apostou e teve a visão das potencialidades da Internet?

R: É uma sensação boa, sobretudo, agora, ao ver que o caminho é, mesmo, por aqui... também (não só, mas também!) e por dar conta que quem agora está a reforçar a importância da Internet já não sou só eu ou “meia dúzias” de “franco-atiradores” mas já é a Igreja Católica enquanto tal, o próprio Papa e os Documentos da igreja que falam sobre esta problemática.

Aliás neste Último Dia Mundial das Comunicações Sociais (16 de Maio de 2010) mais uma vez o Papa não só realça a importância da internet como inclusive faz um forte apelo a que os sacerdotes a ela recorram na linha da formação e informação mas também, e sobretudo, na linha da evangelização.

Não deixa de ser curioso e significativo o tema da Mensagem que foi proposto para este Dia Mundial:

«O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra»

É portanto um motivo de orgulho ter intuído, anos antes, aquilo que hoje é já um dado adquirido. Mas tenho que reconhecer que tive sorte pois quem anda neste “mundo da Net” – que reflecte o Mundo real como ele é – também encerra perigos (tal como o Mundo real). E tive sorte porque não me deixar enredar nas teias que a net também tem. Sublinho o “também”!

E também, em abono da verdade devo dizer o seguinte: Quando em 1997 criei o meu Site foi porque entendia que era importante a Igreja ir por aí; mas estava também eu longe de imaginar o quanto se podia tirar; das enormes potencialidades que hoje saltam á vista de todos...

3ª – É sabido que a Igreja enquanto instituição, só agora está a apostar forte na evangelização através da Internet com o Papa Bento XVI a apelar, há pouco tempo atrás, aos membros da Igreja a usarem a rede global e as Novas Tecnologias de Informação para a divulgação da palavra de Deus. Na opinião do Padre Júlio e com a sua experiência, o que levou tanto tempo à Igreja a admitir que a Internet era uma boa forma de passar à palavra de Deus?

R: A Igreja já vem apostando na Internet há muito tempo. Quando me lancei já existia o site do Vaticano e da Ecclesia que era e é da Igreja Portuguesa. Mas reconheço, sim, que houve um certo receio...

As coisas também não estavam clarificadas e uma coisa é um ou outro Padre apostar e outra bem distinta é a própria igreja se lançar “de cabeça”, sem ponderar todos os prós e contras...

Se mesmo hoje é complicado dada a complexidade que a Internet pressupõe quanto mais nos primeiros tempos em que a Internet era terreno virgem...

A Igreja nestas coisas – como em todas as outras – é muito prudente... mas isso não quer dizer necessariamente que a Prudência ou a Internet sejam coisas más. Acho que a posição da Igreja e a prudência que evidencia – demasiada, dizem uns... – tem de ser entendida. De facto a Internet pode ter coisas boas e muito boas... e até tem... mas se as más que também existem... se estas não forem devidamente enquadradas podem fazer com que o bem que exista seja relativizado. Por isso entendo nesta perspectiva a posição da igreja,

sobretudo na linha da prudência... Como Instituição milenar que já é, alguém a pode levar a mal por ser tão prudente?!

4ª – Alguma vez sentiu pressões externas ou internas da Igreja – colegas, bispos ou crentes – contra a sua aposta na Internet?

R: Sempre tive uma enorme liberdade e apoio implícito e explícito por parte dos meus Responsáveis Bispos: quer daquele que já foi Bispo da Diocese e que agora é o Bispo Emérito de Aveiro – D. António Baltasar Marcelino – quer daquele que presentemente é o Titular da Diocese – Dom António Francisco dos Santos –. Este último, chegou, mesmo, a afirmar e publicamente o seu apoio e a sua confiança no meu trabalho. Neste campo não me posso queixar. Antes pelo contrário...

Da parte dos meus colegas sou reconhecido por eles... e portanto mesmo aqueles que brincam comigo por causa da internet tem também e por outro lado um grande respeito e portanto não é também por aqui que vem o mal ao mundo até porque nunca cheguei a ouvir qualquer crítica nesse âmbito por qualquer um deles...

5ª – Sendo certo e sabido que grande parte dos fiéis da Igreja Católica, em termos de mentalidade ainda estão um pouco antiquados, no que confere a assuntos mais contemporâneos, como reagiram e reagem esses mesmos fiéis – nomeadamente os seus paroquianos – à aposta que o senhor fez em usar a Internet como meio evangelizador?

R: Sinceramente sinto que agora essa mentalidade já não é tão antiquada como há tempos atrás...

Em termos de Paroquianos há uma ou outra Pessoa que, porque não entende o que é a Internet... ou porque está mal informada... faz uma ou outra crítica dizendo que o padre gasta mais tempo na Internet do que com os seus Paroquianos... mas não levo isso muito a sério: primeiro porque não é verdade (apesar de gastar nisto todas as manhãs...); em segundo lugar porque quem o diz não trabalha com a internet e por isso não tem obrigação de saber o que ela é e do bem que se faz através dela...

È certo que, se não sabe o que é, também não deveria dizer o que quer que fosse... mas isso é outra história...

6ª – Os seus seguidores virtuais, são só cidadãos portugueses ou tem também seguidores de outras partes do mundo?

R: *Recebo muitos comentários, dúvidas e questões por parte de Internautas do Brasil e se o meu Inglês fosse mais forte também teria muito com que me “entretêr” com Emails que vou também recebendo em Inglês...*

O problema é que, nas línguas, ou se pratica ou então “ é a morte do artista” ... e por isso fui deixando de lado as questões que me chegavam em Inglês...

O Inglês, para mim, dá para entender o que se fala... e quando se fala... desde que se fale devagar; o problema, mesmo, é escrever... só com tradutores on-line é que me vou safando... e mal... e por isso fui deixando o Inglês de parte...por gastar muito tempo na resposta...

Presentemente os meus “Seguidores” usam, para além do Português de Portugal... o Português do Brasil – que às vezes não quer dizer bem o mesmo que o nosso.

7ª – Os “Cibernautas” quando se dirigem a si, o que procuram?

R: *Dão os parabéns; Criticam coisas da igreja e dos padres; Perguntam coisas sobre a religião, sobre a Bíblia ou sobre a Fé; O que é preciso para ser padre; o que penso do preservativo e da homossexualidade; desabafam; se, se podem confessar pela Internet; Fazem perguntas para trabalhos que tem que apresentar. etc., etc....*

8ª – Que tipo de pessoas comunicam consigo?

R: *Hoje há muita gente que procura “Deus” na Internet... e também há gente que O procura mesmo dizendo-se ateu e agnóstico! Afinal de contas também são filhos de Deus e filhos que Deus também ama.*

Por isso, a presença da Igreja na Net pode ser, por isso, um “porto de abrigo” para tantos que “navegam” sem rumo neste “Mar global”! E se tantas vezes, por querer e sem querer, encontramos coisas que não prestam – porque alguém as pôs lá... – porque não colocar Deus na Internet para Este ser encontrado por querer... e sem querer?!

9ª – Dos vários locais on-line que o senhor está presente – Página Pessoal, Redes Sociais (Netlog, HI5, Facebook, entre outras), Youtube – qual deles pensa que tem maior impacto nos seus seguidores?

R: *Cada um a seu jeito é importante; e é também importante que possamos ir ao encontro destes públicos variados. Por isso é que eu me encontro em cada uma destas plataformas para que, quem anda por lá, me possa encontrar e se estiver interessada possa vir ao meu encontro. Para mim, as Redes sociais e o Youtube são “portas de entrada” para quem anda à procura do Padre. Aí podem encontrar-me e a forma de entrarem em contacto comigo.*

Para mim no entanto o Youtube é algo que vejo com mais potencialidades. Por ser vídeo e também pelo efeito multiplicador que eles tem. Eu não só passo a ter os vídeos no meu canal mas se estes forem assumidos como favoritos por outros passam, conseqüentemente, a ser vistos por muito mais gente uma vez que passam a estar expostas em outras tantas montras que são os canais de quem os assumiu como favoritos. Já encontrei, sem estar a contar, vídeos meus em sítios Japoneses por exemplo...

É de facto impressionante o efeito multiplicador que o Youtube tem...

10ª – Voltando à Igreja, e na sua opinião, uma vez que nos últimos anos têm-se intensificado as notícias de que os crentes estão a diminuir, vê na Internet e nas Novas Tecnologias de Informação uma hipótese de “captar” novos crentes ou os que se perderam?

R: *Não é que a Internet venha substituir a Igreja, Templo, que não vem... nem a internet é para substituir este ...mas é, antes, um meio complementar...*

Isto é: Se alguém não vem à igreja não é por aparecer coisas da Igreja na Internet que esta gente que não vem passa a vir. O que acontece é que aqui podemos dar apenas um cheirinho daquilo que já se faz e se utilizamos a internet para dar mais do mesmo ... estamos a perder tempo; agora se a soubermos utilizar com as regras próprias que ela tem; se tirarmos partido do design e da interactividade; se soubermos usar o “marketing” apresentando o lado mais interpretativo... estou convicto que a Internet será, então, uma grande aliada na linha da evangelização...

11ª – Estar “On-line” permite-lhe estar mais próximo de determinados grupos sociais – por exemplo os jovens – que na prática são menos ligados à religião e assim fazer com que eles se aproximem mais da Igreja?

R: *Sim, claro, pois são quem mais a utiliza ... mas não só. Com a internet apanhamos todo o tipo de pessoas. E a nossa missão é estar lá... e se formos interpelados então devemos apresentar a nossa proposta. Repito: Proposta. Se apresentamos o nosso “produto” como “receita” não vamos lá...*

A Igreja hoje mais do que nunca tem que saber apresentar propostas... até porque nos encontramos (e cada vez mais...) numa sociedade plural!

12ª – Já se cruzou com gente de outras religiões? Que dizem elas dessa sua aposta?

R: *Tenho muita gente amiga de outras religiões nas minhas redes Sociais...; Todos somos poucos...*

Os nossos adversários não são os de outras religiões, nem os Ateus, ou os que estão contra... mas os indiferentes...

13ª – Que opinião tem sobre os namoros, e posteriormente os casamentos, entre pessoas que se conheceram na Internet? Acha isso perfeitamente normal, uma vez que há interação e “convivência” entre as pessoas – apesar de diferente – ou faz-lhe confusão essas relações amorosas?

R: *Não me faz qualquer confusão desde que haja aquilo que deve existir num relacionamento tendo em vista algo de mais sério: verdade, honestidade e conhecimento profundo de cada qual! E, claro, desde que haja, posteriormente, um tempo de namoro na vida real que irá confirmar se as bases virtuais foram e são suficientes... ou se foram um embuste!*

14ª – Já teve alguma proposta estranha como por exemplo casar duas pessoas pela Internet, estando cada noivo em partes distintas do país ou até do mundo?

R: *Não... apesar da informação que passou erradamente nos “média” não foi bem isso mas antes um casamento transmitido pela internet de dois Jovens que se conheceram pela internet: Ele era de Portugal e ela do Brasil... conheceram-se através de um programa tipo “Messenger” chamado “ICQ” e depois que deram conta que as bases eram sólidas para uma união mais profunda, encontraram-se pessoalmente, constatarem que o “Virtual” tinha*

pernas para andar... e fez-se o casamento... real... na minha Paróquia, e com os dois noivos na minha presença.

Obviamente que a celebração foi transmitida pela internet – como não podia deixar de ser... – e como os pais da noiva não puderam estar no casamento, ao vivo, acabaram por assistir ao enlace da filha, no Brasil... via internet, pois claro!

Luís Borges Gouveia

- Professor Associado com Agregação da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa.
- Agregado em Gestão Industrial pela Universidade de Aveiro (UA, 2010).
- Doutoramento em Ciências da Computação pela University of Lancaster (UK, 2002).
- Mestrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores pela FEUP (UP, 1995).
- Os seus interesses de I&D incluem as relações entre o espaço físico e o digital.

- - - - -

1ª – A Internet, através de Fóruns, Blogs e até mesmo Redes Sociais, tornou-se um meio de debate intenso das ideias para o país mas também para o mundo, pois segundo Habermas: é um local onde se debate, discute, reflecte e se gera a opinião. Na sua opinião, qual a importância que a Internet tem na manutenção da democracia?

R: *A esfera pública de Habermas.. Um dos componentes em grande desenvolvimento no que se designa por e-government é precisamente a sua componente de participação. A questão da participação pública e do envolvimento das pessoas (na sua qualidade de cidadãos) na decisão política tem impacto quer na sua qualidade, quer na forma como estes se revêem nos seus próprios representantes políticos. No entanto, por agora e no contexto nacional, apesar da importância na formação da opinião e no impacto que possui nos profissionais de média, ainda são poucas as pessoas que estão na blogosfera e os casos em que a influência de movimentos públicos com origem nas redes sociais tem consequência política. Provavelmente este cenário vai ser alterado nos tempos próximos e com maior envolvimento nas eleições, que anda é pequeno. De momento, a fase mais visível acabam ainda por ser as petições.*

2ª – De algum modo, a democracia, pode ser ameaçada pela Internet?

R: *Não diria ameaçada. Quando muito isso acontece com o actual regime democrático. O que se espera é que este tipo de meios permita maior transparência, responsabilizando o decisor político e alterando as suas práticas. Por outro lado, o cidadão também adquire formas de intervenção e diálogo inter pares que vão de certeza modificar a decisão política. A questão está em saber quando ocorre e não se ocorre.*

3ª – Até que ponto esses locais virtuais onde se debate ideias, pode ou não influenciar a governação do Estado alterando tomadas de decisões do mesmo?

R: *Bastante, existem casos em que fóruns de discussão passam a ter uma contraparte virtual e é possível que muitos deles comecem a considerar essa contraparte como o principal modo de diálogo. Os custos associados e a escola, bem como a complexidade de gerir informação assim o exige (ou vai tornar mais clara a decisão de ir por esse caminho). Um outro aspecto a favor está relacionado com a escala de participação (quantos mais, maiores terão de ser os mecanismos de mediação digital de forma a gerar custos suportáveis).*

4ª – Os dois últimos governos têm apostado forte na prestação de serviços via Internet, o que nos pode dizer sobre essa aposta? Quais poderão ser, na sua óptica, os motivos e objectivos governamentais?

R: *Acompanham as directivas europeias e é vista como uma necessidade nacional de modernização e oportunidade de reforma da máquina administrativa. Isso é bom e um sinal de grande esperança para as questões de funcionamento e de organização do próprio país e, em consequência, para o nosso próprio regime democrático. Aliás, os dois maiores partidos políticos nacionais possuem grande proximidade de princípios e posições sobre a sociedade da informação e do conhecimento*

5ª – Segundo os dados divulgados estatísticos da ONU, no início deste ano e referentes ao ano de 2009, Portugal ocupa a 39ª posição – numa lista de 184 países – na lista de desenvolvimento de serviços de *eGovernment*, o que em comparação ao ano de 2008 corresponde a uma subida de 145 lugares. Em termos europeus e segundo dados divulgados pela Comissão Europeia, Portugal ocupa o primeiro lugar nas questões de *eGovernment*., Estes números são o reconhecimento que a aposta do governo é a mais correcta?

R: *São acima de tudo resultado de uma mudança real no funcionamento da administração pública e na verificação de que essa mudança alterou o seu modo de funcionamento. Nesse contexto, a acção do governo tem tido consequências e estes rankings tem sempre o mérito de comparar os esforços com os governos dos outros estados para com o e-government*

6ª – David Cameron, líder do partido conservador britânico, numa conferência que deu afirmou que o governo local gasta 400 milhões de libras em publicidade para atingir 60 milhões de pessoas; confrontando com os valores gastos pela Wikipedia que gasta apenas 1% do valor gasto pelo governo britânico, mas que atinge 280 milhões de pessoas. Cameron quer dizer com isto que o governo britânico gasta muito mais quando podia gastar muito menos usando a Internet. Fazendo a analogia deste facto para a realidade portuguesa, podemos dizer que a aposta nos serviços de *eGovernment* está a poupar dinheiro aos contribuintes ou é tudo uma ilusão?

R: *Chegar às pessoas são necessários múltiplos canais. Pessoalmente, estes tipos de raciocínios colocam-se por necessidade (neste caso de redução de despesas). Mas existe a ilusão do que todos estamos mais atentos aos meios digitais – o que eles na verdade possuem é uma capacidade de memória que é quase Orweliana (permitem saber quem acedeu, se acedeu e quando, por exemplo). Essa perspectiva até é contrária ao pressuposto da participação e uma tentação de controlo por parte dos governos e até do estado.*

7ª – Apesar dessa grande aposta do governo, assente no plano Simplex, segundo dados estatísticos relativamente recentes, só cerca de 50% por cento da população portuguesa tem acesso à Internet por Banda Larga. Na sua opinião e pegando numa expressão bem popular (pela qual pedimos desculpa de a usar), não será um pouco “pôr o carro à frente dos bois”?

R: *Os custos da utilização da Internet ainda são os mais elevados da Europa... é preciso considerar o seu valor relativo ao ordenado médio e não o seu valor absoluto. No contexto da nossa sociedade existem prioridades maiores como até o emprego e alimentação, pelo que...*

8ª – A mesma questão coloca-se para abordar as chamadas “Redes de Nova Geração”, que têm como motor impulsionador a Fibra Óptica. Se em termos de Banda Larga o país não está na sua totalidade abrangido por esta, não será precipitado apostar em outra tecnologia que no fundo vem substituir uma existente (teoricamente, pois na prática já vimos que não existe)?

R: *Essas são as lógicas de negócio dos operadores e não das populações ou do seu representante que deveria ser o poder político e a abstracta entidade “estado” que tutela o*

território e a qualidade de vida nele. Mais uma vez é uma questão do equilíbrio possível entre o empreender, o sustentar e o fazer...

9ª – Atendendo aos números indicados na questão anterior que traduzem a realidade de Portugal, verificamos que em pleno século XXI e apesar das dimensões reduzidas do país (geograficamente falando), ainda há muita infoexclusão dos cidadãos portugueses. O que é que o governo, as autarquias e também os privados podem fazer para contrariar esse panorama?

R: Muito e de forma diversa, cada um com diferente níveis de proximidade. A sociedade da informação possui como uma das suas características ser uma sociedade de proximidade que premeia a interacção local. A diferentes planos, é necessário intervir e alterar atitudes das pessoas perante a forma como interagem e recorrem a meios digitais para mediar a sua actividade, o que aprendem e como se divertem tem também de ter em conta estes novos contextos. Isto significa que muita da mudança está nas pessoas e não pode ser provocada de forma sustentável de fora, sem a sua adesão (quase incondicional)

10ª – Para além da infoexclusão, há também um factor importante a ter em conta nesta área; sabe-se que Portugal a nível cognitivos da sua população (com maior ênfase nas zonas do interior, onde o ruralismo ainda se faz sentir de forma significativa), ainda está muito aquém do desejado e que para se estar infoexcluído é preciso que haja capacidades cognitivas. As medidas a tomar para combater a infoexclusão poderão ser usadas para combater a “cogno-exclusão”?

R: Pois... as questões das competências. Isso exige ser resolvido pelo mecanismo que o estado possui para o efeito, a escola...

11ª – Tem-se falado muito no voto electrónico como forma de combate à abstenção. Será possível pensarmos que futuramente poderemos não precisar sair de casa para votar, bastando para isso ter acesso à Internet? Esta questão prende-se também com a vontade deste governo de acabar com o voto exclusivo na mesa de voto da sua área de residência.

R: Essa já não é uma decisão técnica é uma decisão politica que a ser tomada exige investimento, mas é realizável. Creio, no entanto, que no contexto actual da nossa situação

económica não é provável que se coloque (existem muito mais aspectos relevantes para concentrar a nossa atenção e dinheiro)

12ª – Na sua opinião as autarquias deveriam seguir a mesma aposta do governo central, apostando forte na disponibilização dos seus serviços municipais através da Internet e não ficando apenas pela divulgação dos seus concelhos?

R: Mais uma vez é uma questão de prioridades, leia-se orçamentos (o plano de intenções conta pouco...)

13ª – Que importância tem para si, a interacção cidadão *versus* administração central e local feita por meios electrónicos como o caso do e-mail? Fazendo-se realçar que apesar dos contactos existirem, o cidadão quase sempre não obtém resposta.

R: O email é coisa do passado. É necessário considerar meios que possam escalar e lidar de forma a permitir não reagir ao aumento da procura com mais funcionários – a lógica que levou ao actual estado das coisas (uma administração pública enorme, pesada, complexa, difícil de gerir e demasiado cara)

14ª – Segundo alguns autores, o analfabeto do século XXI não será aquele que não saiba ler ou escrever, mas sim aquele que não saiba lidar com as Novas Tecnologias de Informação. Faça um comentário a essa teoria.

R: Já se ultrapassou essa fase. Agora é necessário maior proactividade das pessoas e que estas possuam a capacidade de descobrir informação crítica – pois o problema é lidar com o seu excesso e ter capacidade de resposta em pouco tempo.

15ª – Falando em termos políticos, na sua opinião que importância terá a Internet na propaganda política partidária e porquê?

R: É mais um canal que não substitui o contacto humano. No entanto, o efeito Obama leva que os políticos repensem o impacte e as vantagens do seu uso, quer em capacidade de mobilização, quer no impacte/custo que proporciona.

Nicolau Ribeiro

- Assessor de Comunicação da Câmara Municipal de Amarante (desde 1991).
- Responsável pela produção e gestão de conteúdos do site do Município - www.cm-amarante.pt (desde 1999).
- Gestor do Projecto Tâmega Digital (www.tamegadigital.pt) - (2007 - 2009).
- Promotor do Seminário “Governança na Era Digital”, no âmbito do Projecto Tâmega Digital (2008).
- Docente convidado do ISLA (Instituto Superior de Línguas e Administração). Curso de Pós-Graduação em Marketing e Comunicação Pública (2006).
- Promotor da Conferência “A Internet e as Tecnologias da Comunicação no Desenvolvimento Local” (Amarante, 2001).
- Doutorando em Ciências da Informação e Comunicação - Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (Universidade do Porto / Universidade de Aveiro).
- Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, com especialização em Marketing e Comunicação Estratégica. Tese: “Municípios On-line - a Rede como suporte a novas práticas de governação local” (Universidade Fernando Pessoa).
- Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Marketing e Comunicação Estratégica (Universidade Fernando Pessoa).
- Curso de Pós-Graduação em Gestão Cultural (Instituto Empresarial Portuense - AEP / Escuela Superior de Administración y Dirección de Empresas de Barcelona/Porto 2001 Capital Europeia da Cultura)
- Licenciatura e Curso de Estudos Superiores Especializados em Animação Comunitária e Educação de Adultos (Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico do Porto).

- - - - -

1ª – Ao longo dos últimos anos, a Câmara Municipal de Amarante tem apostado forte na aproximação da Internet aos seus cidadãos e essencialmente dos seus visitantes: através da disponibilização da rede wireless nas zonas mais importantes da cidade – permitindo o acesso à Internet de forma livre –; disponibilização de portais temáticos dedicados ao turismo e à divulgação do concelho. Diga-nos o porquê dessa aposta do vosso município.

R: Amarante tem uma oferta turística importante, baseada no seu património arquitectónico, paisagístico e cultural, que gera fluxos de visitantes. A partir de 2005, decidimos acrescentar a essa oferta turística a disponibilização de Internet grátis nos espaços públicos, como praças, ruas, esplanadas ou equipamentos municipais, para que quem nos visita não fique “desligado”. Começámos com cinco hotspots e, hoje, disponibilizamos 62 pontos de acesso em todo o Município. Se os turistas eram o nosso principal público-alvo, é óbvio que os residentes passaram, também, a dispor da infra-estrutura que criámos, sendo que a promoção do acesso e a info-inclusão dos amarantinos estavam, igualmente, nos nossos objectivos.

Quanto aos portais, a sua implementação tem em vista usar as potencialidades da Internet como veículo para a promoção local e para o marketing do território e permitir aos internautas um primeiro contacto com Amarante, fazendo, antecipadamente, a preparação e planificação das suas visitas a Amarante.

2ª – A aposta do município vai ficar essencialmente só pela divulgação do concelho ou haverá outras apostas?

R: O objectivo último é o desenvolvimento, o crescimento económico e a promoção da qualidade de vida no Município. A Internet e, numa forma geral, as novas tecnologias, são também um instrumento para a atracção de investimentos de valor acrescentado e de massa crítica.

3ª – Tendo em conta que tanto o actual governo como o anterior apostaram em força na disponibilização dos serviços do Estado via Internet, até que ponto os municípios devem seguir o exemplo?

R: É imperioso que o façam. Nos tempos actuais, na era digital, é preciso privilegiar as transacções on-line, com a disponibilização de balcões electrónicos de funcionamento ininterrupto, que ofereçam serviços céleres, eficazes, desburocratizados e obtidos de forma transparente.

4ª – Em Amarante, a interacção município *versus* município e a disponibilização dos serviços já se faz usando a Internet ou ainda anda à base do contacto directo e tendo o papel como principal suporte?

R: *Há vários serviços a que já é possível aceder-se on-line. Falta, porém, “virtualizar” a consulta de processos e permitir pagamentos on-line, o que corresponde a uma fase de maturidade que ainda não atingimos. Todo o trabalho de reengenharia e simplificação de serviços e processos, de desmaterialização e de reconversão tecnológica está feito, faltando apenas “saltar” para o fim da linha com todos os serviços, o que deverá ser conseguido durante este ano.*

5ª – Sabemos que muitos dos municípios, apesar de terem endereços de correio electrónico, se um cidadão entrar em contacto com o mesmo, não obtém qualquer resposta. Em Amarante acontece o mesmo?

R: *Não. Damos ao correio electrónico o mesmo tratamento que ao correio físico e somos extremamente cuidadosos na gestão das contas institucionais de e-mail. Diria mesmo que, internamente, fruto da implementação de processos de gestão documental, que inclui o tratamento do expediente, nos é mais fácil trabalhar com o correio electrónico, por via da sua entrada automática no sistema, que não contempla a circulação de papel no interior da autarquia.*

6ª – Voltando à questão do *eGovernment*, e pegando nas presenças das câmaras dos concelhos do nosso país na Internet, porque acha que os municípios apenas apostem na divulgação do concelho e não aproveitam as potencialidades que a Internet tem para disponibilizarem serviços aos seus munícipes um pouco à imagem do que o governo central tem feito?

R: *Em minha opinião, já não é tanto assim. Já lá vai o tempo em que os portais municipais eram usados como folhetos promocionais, ainda por cima mal elaborados. Hoje, fruto até de obrigações legais, os websites autárquicos disponibilizam informação diversificada sobre serviços, associada mesmo a práticas de accountability, com a publicação de contas de gerência, balanços, planos, orçamentos, etc.*

Em minha opinião, os portais municipais reflectem mesmo um enfoque muito grande nos serviços, para o que contribuem, por exemplo, os programas e-Europe e as recomendações que lhes estão associadas, mas também porque isso se insere nas estratégias dos Municípios para a modernização administrativa e para a atracção de investimentos. O que os websites autárquicos reflectem muito pouco são práticas de governação democrática,

em que a interação e a comunicação bidireccional são usadas para aproximar eleitos e eleitores, governantes e governados e para a promoção da cidadania activa e da participação. Em suma, promove-se o e-government mas não a e-governance, isto é a democracia (participativa) electrónica.

7ª – Abordando outros temas: sendo o município amarantino muito extenso e rico na diversidade entre os seus cidadãos, como acha que é a relação desses cidadãos com a Internet?

R: A Câmara de Amarante tem, no âmbito da sua estratégia para a Sociedade da Informação e do Conhecimento, feito grandes investimentos em infra-estruturas de comunicação e em espaços (físicos) que nos permitem dizer que, entre nós, está generalizado o acesso à Internet. O que pretendemos, agora, cinco anos depois de termos começado a disponibilizar pontos de acesso gratuitos, é estudar os usos que os cidadãos fazem da Internet. Ou seja: onde vão, quando acedem? O que procuram? Para que acedem? Vão ao correio electrónico? Lêem jornais? Estão nas redes sociais? Vão fazer compras? Acedem a serviços? Como são os usos por grupos etários?

Para encontrar resposta a estas e outras questões, criámos, recentemente, em parceria com a Universidade do Porto, o Observatório para a Inclusão e Literacia Digital (OBLID), que há-de estudar os usos da Internet em Amarante e dar contributos para a definição de políticas municipais futuras para a Sociedade da Informação. Neste momento, está já a decorrer um inquérito às famílias, tendo sido constituída uma amostra de 1 500 lares.

8ª – Dizem que quem não estiver ligado à Internet e às Novas Tecnologias será o analfabeto do futuro. Concorda com esta visão?

R: Concordo plenamente. A “vida” será, cada vez, também por acção e influência das tecnologias móveis, mais feita no ciberespaço, enquanto lugar de transacção, de ensino, de governação, de sociabilidade... Estar desligado significará estar sentenciado à exclusão

9ª – Em Amarante e atendendo que é um concelho maioritariamente rural, ainda há muito infoexcluídos?

R: Não temos estudos específicos sobre o concelho, mas admitimos que o número seja idêntico à média nacional (v. estudo da UMIC publicado em Maio). O Observatório vai ajudar-nos a fazer um diagnóstico rigoroso da situação em Amarante.

10ª – A Internet chega a todo o concelho?

R: *Sim, chega e todas as freguesias dispõem de pontos de acesso gratuito.*

11ª – Onde se poderá dizer que a taxa de penetração da Internet é menor das 40 freguesias de Amarante?

R: *Mais uma vez remeto para o trabalho que será desenvolvido pelo Observatório*

12ª – Que papel têm as autarquias no combate a esse “analfabetismo”?

R: *Têm um papel muito importante. A inclusão e a literacia digitais devem constituir uma preocupação fundamental das políticas locais.*

13ª – Nos últimos dois anos, em reflexo do que se faz em outros concelhos, os órgãos de comunicação social locais têm apostado forte na Internet: na sua opinião, quais as benesses para os amarantinos e para o concelho?

R: *Não tenho essa percepção. Os jornais, por exemplo, replicam na Internet os seus produtos em papel. Ora, como ensinou Mestre McLuhan “o meio é a mensagem”, o que significa, neste caso, que a Internet tem linguagem e estética próprias. Depois, é na rede que melhor se realiza a convergência, o que remete para produtos multimédia, que muito poucos meios regionais usam. A sua informação é, salvo raríssimas exceções, meramente textual e, como já referi, transcrita das edições em papel.*

14ª – Apesar dessa aposta, principalmente nas webtv's onde o Amarante TV foi pioneiro no concelho, não é de estranhar que muitos cidadãos amarantinos – a quando do primeiro aniversário da primeira webtv – digam que nunca viram ou que nem conheciam esse mesmo “Amarante TV”?

R: Não tenho dados sobre a audiência deste meio, que é de iniciativa privada. Por questões relacionadas com a minha actividade profissional, consulto-o com alguma frequência, mas, pessoalmente, não gosto do formato nem do tratamento que é dado aos temas. Acho que as TVs on-line locais tendem a imitar os canais tradicionais, deixando, assim, de exercer uma das suas principais funções que era serem média alternativos. Por outro lado, constato que têm, na sua origem, projectos com muito de comercial e pouco de jornalístico. E nem sempre os seus colaboradores detêm o know-how necessário ao exercício da actividade, que se aprende nas faculdades e que é balizada por regras éticas e deontológicas.

Primeiro casal

1ª – Em que circunstâncias – locais virtuais – conheceu o/a sua/seu namorado/a?

Os dois: *Conhecemo-nos em duas redes sociais – hi5 e Netlog.*

2ª – Há quanto tempo se conhecem?

Os dois: *Sensivelmente 24 meses.*

3ª – Teve dificuldades em abrir-se logo com o seu parceiro?

Ele: *Penso que quando há entendimento e sintonia tudo é possível.*

Ela: *Como em todos os relacionamentos existe uma fase de conhecimento, foi o que nos aconteceu.*

4ª – Podemos dizer que foi amor logo à primeira “tecla” ou iniciou-se uma amizade primeiro?

Ele: *Uma amizade primeiro e depois o que aconteceu foi natural.*

Ela: *Uma amizade que teve de se solidificar com o conhecimento e com as descobertas de ambos.*

5ª – Com que frequência falavam um com o outro?

Ele: *Semanalmente.*

Ela: *Inicialmente semanalmente depois diariamente.*

6ª – Nunca houve medo do tipo de pessoa que estava do outro lado do monitor?

Ele: *Não se deve temer, desde que se tome as medidas de precaução.*

Ela: *Não, porque com o passar do tempo a pessoa que está do outro lado do monitor fica-nos tão próxima como um amigo ou alguém conhecido.*

7ª – A relação passou inicialmente por trocas de mensagens ou deram-se logo a conhecer por fotos ou videoconferência?

Os dois: *Primeiro por mensagens, depois por fotos.*

8ª – Demoraram muito a conhecerem-se pessoalmente? Teve receio desse encontro?

Ele: *Foi uma grande luta para a conhecer. Não tive receio pois não tinha nada a perder.*

Ela: *Existem vários riscos na Internet e por esse mesmo motivo temos de tentar conhecer o melhor possível quem está do outro lado. E isso só com tempo e muita conversa.*

9ª – Após esse primeiro encontro, os restantes tornaram-se frequentes?

Os dois: *Sim, porque se nos sentimos bem no primeiro, porquê não continuar?*

10ª – O relacionamento entre os dois ficou diferente depois de se conhecerem pessoalmente?

Ele: *Sim, porque na Internet temos uma imagem ou uma ideia, pessoalmente depois podemos confirmar se realmente a pessoa corresponde ou não aos seus ideais.*

Ela: *Sim, sem dúvida. Passa para algo mais presente, mais real.*

11ª – O namoro foi assumido antes ou depois do primeiro encontro pessoal?

Os dois: *Depois. Tudo a seu tempo.*

12ª – Antes de conhecer o/a seu/sua companheira tinha outra relação afectiva?

Ele: *Não. Solteiro.*

Ela: *Não*

13ª – Geograficamente estavam muito distantes um do outro?

Os dois: *Sim, uns 30km que pareciam uma eternidade...*

14ª – Se “sim”, tiveram dificuldades em manter a relação por causa da distancia que os separavam?

Os dois: *Não, quando se gosta de alguém tudo é possível.*

15ª – Antes de namorar com o/a seu/sua companheiro/a, acreditava que fosse possível as pessoas apaixonarem-se por alguém através da Internet?

Ele: *Nunca foi uma opção que tivesse acontecido ou pensada.*

Ela: *Sim, se há disponibilidade de ambas as partes para se conhecerem e desde que haja sinceridade as coisas podem evoluir nesse sentido.*

16ª – Como foi a reacção dos familiares dos dois quando assumiram a vossa relação?

Ele: *Positiva, penso que quando as pessoas se sentem bem tudo é normal e aceitável.*

Ela: *No início não fiz questão de dizer onde o conheci, com receio da reacção, mas quando se soube a verdade, a reacção foi boa. Até melhor do que estava a espera.*

17ª – E dos amigos?

Ele: *Normal*

Ela: *Normal. Apesar de não darmos grande relevância a esse assunto, porque há mentalidades que ainda não estão abertas para essa questão.*

18ª – Sabendo-se que a sociedade ainda é um pouco adversa a tudo que vem da Internet, foi difícil assumir o namoro perante a sociedade em geral?

Ele: *Não tenho medo da sociedade, nem temos que assumir nada perante a mesma. Somente a dois e ser felizes.*

Ela: *Existe sempre algum receio, mas não podemos ficar limitados pelo que os outros pensam ou dizem.*

19ª – Se “sim”, que dificuldades sentiram?

Segundo casal

1ª – Em que circunstâncias – locais virtuais – conheceu o/a sua/seu namorado/a?

R: *Numa rede social, o Netlog.*

2ª – Há quanto tempo se conhecem?

R: *Conhecemo-nos há 17 meses e um mês depois do primeiro contacto, estávamos a namorar.*

3ª – Teve dificuldades em abrir-se logo com o seu parceiro?

R: *Não. Ambos abrimos logo o livro.*

4ª – Podemos dizer que foi amor logo à primeira “tecla” ou iniciou-se uma amizade primeiro?

R: *Houve primeiro a criação de uma amizade entre os dois.*

5ª – Com que frequência falavam um com o outro?

R: *Quase todos os dias.*

6ª – Nunca houve medo do tipo de pessoa que estava do outro lado do monitor?

R: *Não, de maneira alguma.*

7ª – A relação passou inicialmente por trocas de mensagens ou deram-se logo a conhecer por fotos ou videoconferência?

R: *Começamos a trocar mensagens primeiro, passamos depois para o serviço de mensagens instantâneas e logo de imediato a videoconferência.*

8ª – Demoraram muito a conhecerem-se pessoalmente? Teve receio desse encontro?

R: *Ao fim de um mês de contacto diário. Não houve receio de parte a parte. Houve sim, aquela ansiedade que toda a gente sente quando está prestes a ter um encontro especial, aquele formigueiro que se sente na barriga mas que depois passa. De resto não se sentiu mais nada.*

9ª – Após esse primeiro encontro, os restantes tornaram-se frequentes?

R: *Sim, bastante.*

10ª – O relacionamento entre os dois ficou diferente depois de se conhecerem pessoalmente?

R: *A única mudança que podemos apontar, é o facto da ligação entre os dois ter ficado bem mais fortalecida. Permitiu que ficássemos a conhecer melhor um ao outro.*

11ª – O namoro foi assumido antes ou depois do primeiro encontro pessoal?

R: *Apenas depois do primeiro encontro pessoal*

12ª – Antes de conhecer o/a seu/sua companheira tinha outra relação afectiva?

R: *Sim.*

13ª – Geograficamente estavam muito distantes um do outro?

R: *Não muito. Mesma área geográfica – Lisboa e Sintra*

14ª – Se “sim”, tiveram dificuldades em manter a relação por causa da distancia que os separavam?

R:

15ª – Antes de namorar com o/a seu/sua companheiro/a, acreditava que fosse possível as pessoas apaixonarem-se por alguém através da Internet?

R: *Sim. É uma situação que sempre achamos normal.*

16ª – Como foi a reacção dos familiares dos dois quando assumiram a vossa relação?

R: *Como se de um namoro tradicional se tratasse, perfeitamente normal. Não tiveram qualquer reacção fora dos parâmetros aceitáveis.*

17ª – E dos amigos?

R: *Os amigos também tiveram uma reacção idêntica à dos familiares.*

18ª – Sabendo-se que a sociedade ainda é um pouco adversa a tudo que vem da Internet, foi difícil assumir o namoro perante a sociedade em geral?

R: *Não, ambos sabíamos o que queríamos e não achamos que tenhamos que nos preocupar com o que os outros dizem ou pensam, mas sim com a nossa vida e felicidade.*

19ª – Se “sim”, que dificuldades sentiram?

R:

Questionário

“A influência da Internet na Sociedade Contemporânea”

No âmbito da Dissertação de final do curso de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pretendemos estudar a relação dos portugueses com a Internet. Nesse sentido, pedimos a vossa colaboração dispensando uns minutos para responder ao seguinte questionário

Pedimos que seja exacto nas suas respostas, pois só assim podemos realizar um trabalho que traduza a verdadeira realidade.

O questionário é constituído por trinta e quatro (34) questões e nem todas são de resposta obrigatória. Responda apenas às questões que está habilitado para o fazer, sem deixar de responder às que estão indicadas como “**Obrigatório responder**”.

Agradecemos desde já a sua disponibilidade.

Nota: Salienta-se que o seguinte questionário é **confidencial**.

1. Indique-nos a sua idade. (**Obrigatório responder**)

Menos de 10 anos

40 - 49

10 – 19

50 – 59

20 – 29

60 – 69

30 – 39

Mais de 70 anos

2, O seu sexo? (**Obrigatório responder**)

Feminino

Masculino

3, Utiliza a Internet? (**Obrigatório responder**)

Sim

Não

4, Se respondeu “**Sim**” à pergunta 3, diga-nos com que frequência o faz?

Uma vez por mês

Dois a três dias por semana

Algumas vezes por mês

Todos os dias

Uma vez por semana

Estou quase sempre ligado

5. Se respondeu “**Não**” à pergunta 3, diga-nos o motivo.

Não tenho tempo para isso

Não tenho acesso à Internet

Não sei aceder à Internet

Não sei lidar com o computador

6. Se usa a Internet, diga-nos com que fim o faz: (**Pode dar mais que uma resposta**)

Ler notícias

Trabalhar / estudar

Fazer compras *On-line*

Conhecer pessoas

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ouvir rádio / ver televisão | <input type="checkbox"/> Ouvir música / ver vídeos |
| <input type="checkbox"/> Contactar com os amigos | <input type="checkbox"/> Aceder aos serviços públicos (finanças,
segurança social, banco, etc.) |
| <input type="checkbox"/> Jogar <i>On-line</i> | <input type="checkbox"/> Fazer downloads de música/filmes |
| <input type="checkbox"/> Participar em Blogs ou em
Fóruns de opinião | <input type="checkbox"/> Outro motivo, qual?

_____ |

7. De onde acede à Internet? **(Pode dar mais que uma resposta)**

- Trabalho / Escola
- Casa
- Casa de amigo
- Postos de Internet público

8. A partir de que plataformas tecnológicas acede à Internet? **(Pode dar mais que uma resposta)**

- | | |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Computador | <input type="checkbox"/> Outros dispositivos |
| <input type="checkbox"/> Telemóvel | |

9. É utilizador das chamadas Redes Sociais na Internet (*HI5, Facebook, Myspace, Twitter*, entre outras)?

Sim

Não

10. Atendendo que está muito em voga um jogo de uma dessas Redes Sociais, o famoso *Farmville*, questionamos: é um dos novos agricultores virtuais, ou seja, é jogador do *Farmville*?

Sim

Não

11. Se respondeu “**Sim**”, diga-nos: Com que frequência o faz?

Uma vez por mês

Dois a três dias por semana

Algumas vezes por mês

Todos os dias

Uma vez por semana

Estou quase sempre nele

12. Se joga *Farmville*, já deixou de fazer tarefas do dia-a-dia, tanto no trabalho como em casa, por causa do jogo?

Sim

Não

13. Alguma vez visitou alguma página relacionada com a sua religião (Igreja) na Internet?

Sim

Não

14. E já visitou páginas relacionadas com outras crenças religiosas?

Sim

Não

15. Recentemente, o Papa Bento XVI pediu a todos os membros da Igreja que usassem a Internet como forma de passar a palavra de Deus. Independentemente da sua crença religiosa, concorda com a ideia do Papa de que a Internet é um bom veículo para fazer transmitir a mensagem religiosa?

Sim

Não

16. Já alguma vez visitou alguma página dos partidos políticos portugueses na Internet?

Sim

Não

17. Em que circunstâncias o fez? **(Pode dar mais que uma resposta)**

Durante períodos eleitorais

Fora de períodos eleitorais

Por mera curiosidade

Outro motivo, qual? _____

18. É sabido que os dois últimos governos, têm apostado forte nas simplificação dos serviços públicos e onde a Internet tem tido um papel fulcral nessa tarefa. Já utilizou ou utiliza os serviços disponibilizados pelo governo?

Nota: tome como exemplo o Portal das Finanças, o Portal da Segurança Social, o Portal Empresa na Hora, entre outros.

Sim

Não

19. Concorda com essa aposta governamental?

Sim

Não

20. Se respondeu “**Sim**” à pergunta 19, diga-nos porquê. **(Pode dar mais que uma resposta)**

Maior rapidez na disponibilização dos serviços

Estar sempre disponível, independentemente da hora do dia.

Acaba com a burocracia muitas vezes desnecessária

Fica mais barato para os bolsos dos contribuintes

Evita-se a emissão de papel, contribuindo assim para um meio ambiente
melhor

Outro motivo, qual? _____

21. Se respondeu “**Não**” à pergunta 19, diga-nos o motivo. **(Pode dar mais que uma resposta)**

Para mim a disponibilização dos serviços é mais demorada

Não está ao alcance de todos os portugueses.

Aumenta ainda mais a burocracia

Fica mais caro para os bolsos dos contribuintes

Outro motivo, qual? _____

22. No que toca às autarquias, acha que a sua autarquia devia seguir a ideia do governo central, ou seja, disponibilizar os seus serviços via Internet?

Sim

Não

23. Já alguma vez visitou alguma página de conteúdos pornográficos na Internet?

Sim

Não

24. Se respondeu “**Sim**” à pergunta 23, diga-nos porquê.

Por curiosidade apenas

Por necessidade

Outro motivo, qual? _____

25. Cada vez mais vemos casos nas televisões, nas rádios, na imprensa escrita, ou até por comentários das pessoas que nos rodeiam, de gente que conheceu o/a seu/sua namorado/a ou esposo/a na Internet. Para si, acha normal apaixonar-se por alguém que entrou na nossa vida por um ecrã de computador? (**Obrigatório responder**)

Sim

Não

26. Se respondeu “**Sim**”, diga-nos porquê, (**Pode dar mais que uma resposta**)

O amor nasce muitas vezes por alguém que nos compreenda e que

principalmente nos oiça, independentemente do meio ou forma como é feito

Se o contacto for frequente e sincero, é como se houvesse contacto pessoal

Porque a distância e o anonimato torna mais fácil falar sobre nós próprios e assim vai-se criando a empatia necessária

27. Se respondeu “**Não**”, diga-nos porquê, **(Pode dar mais que uma resposta)**

Porque a presença física numa relação amorosa é o que conta mais

Porque sou apologista da ideia “longe da vista, longe do coração”

Porque essas relações são uma verdadeira fantochada, são apenas cenas de filmes e de novelas

28. Reformula-se a questão 25, mas no sentido da amizade. Acha que se é capaz de criar um laço de amizade com alguém que se conhece da Internet? **(Obrigatório responder)**

Sim

Não

29. Mesmo que não tenha filhos no imediato, se futuramente um filho seu dissesse: «Pai/mãe, eu namoro com alguém que conheci na Internet», como reagiria? **(Obrigatório responder)**

Nos tempos que correm, essa situação, é perfeitamente normal

Reagira bem, desde que o/a visse feliz. Até gostava de conhecer logo a pessoa

Apesar de não concordar, não mostrava o meu desagrado para não criar crispação em casa

- Alertava-o/a para eventuais perigos que pudessem surgir dessa relação
- Mostrava logo a minha reprovação e tomava medidas para evitar o contacto entre os dois
- Dizia que eles estavam malucos, tratava logo de encaminhar o/a meu/minha filho/filha para um psicólogo ou psiquiatra.
- Não esboçava qualquer reacção. Deixava andar para ver no que dava

30. Se é utilizador da Internet, acha que já viveria sem ela?

- Sim Não

31. Sente-se seguro enquanto navega pela Internet?

- Sim Não

32. Considera a Internet um vício e como tal prejudicial ao bem-estar das pessoas?
(Obrigatório responder)

- Sim Não

33. Há já algum tempo, um autor dizia que o futuro analfabeto não será aquele que não saiba ler e escrever, mas sim aquele que não saiba lidar com as Novas Tecnologias de Informação, entre as quais a Internet. Concorda com essa teoria? **(Obrigatório responder)**

- Sim Não

34. Se respondeu "**Sim**" à questão 33, concorda que as entidades públicas devam dar formação gratuita para combater esse analfabetismo?

- Sim Não